

# Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.17, n.50, jul.-dez24



**DOSSIÊ: Revolução Cubana**

### **Conselho Editorial**

Aécio da Silva Amaral Jr., UFPB, Brasil  
Ana Amélia da Silva, PUC-SP, Brasil  
Ariel Jerez Navarra, Universidad Complutense de Madrid, Espanha  
Bruno Carriço dos Reis, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal  
Celso Fernando Favaretto, USP, Brasil  
Claire Blencowe, University of Warwick, Reino Unido  
Fernando Antonio de Azevedo, UFSCAR, Brasil  
Gabriel Cohn, USP, Brasil  
Jean Burgess, Queensland University of Technology, Austrália  
José Luis Dader García, Universidad Complutense de Madrid, Espanha  
Laurindo Lalo Leal, USP, Brasil  
Maria do Socorro Braga, UFSCAR, Brasil  
Maria Izilda Santos de Matos, PUC-SP, Brasil  
Miguel Wady Chaia, PUC-SP, Brasil  
Raquel Meneguelo, UNICAMP, Brasil  
Regina Silveira  
Rosemary Segurado, PUC-SP, Brasil  
Silvana Maria Correa Tótora, PUC-SP, Brasil  
Tathiana Senne Chicarino, FESPSP, Brasil  
Yvone Dias Avelino, PUC-SP, Brasil  
Venício Artur de Lima, UNB, Brasil  
Vera Lucia Michalany Chaia, PUC-SP, Brasil  
Victor Sampedro Blanco, Universidad Rey Juan Carlos, Espanha

### **Diretor Editorial**

Rafael de Paula Aguiar Araújo, PUC-SP, Brasil

### **Editor**

Silvana Gobbi Martinho

### **Editores Assistentes**

Fabricio Augusto Antonio Amorim, PUC-SP, Brasil  
Mércia Alves, UFPR, Brasil

### **Comitê Científico**

Claudio Luis de Camargo Penteado, UFABC, Brasil  
Eva Campos Domingues, Universidad de Valladolid, Espanha  
Julian Brigstocke, Universidade de Cardiff, País de Gales  
Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, UFPB, Brasil  
Maria Laura Tagina, Universidad La Matanza, Argentina  
Pedro Malina, FESPSP, Brasil  
Rodrigo Estramanho de Almeida, FESPSP, Brasil

### **Revisão de texto**

Rodrigo Rafael de Oliveira

### **Diagramação**

Yasmin Mancini, FESPSP, Brasil

Aurora. revista de arte, mídia e política é uma publicação do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política NEAMP do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

# Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.17, n.50, julho - dezembro 2024

## Sumário

<b>Editorial</b>	<b>3-5</b>
<b>Dossiê: Revolução Cubana</b>	
<b>Setenta e cinco anos da Revolução Cubana: desafios, complexidades e perspectivas do socialismo em Cuba</b>	<b>6-21</b>
Luiza Brasuna e Francisco César Pinto da Fonseca	
<b>Sobre escuelas de iniciación</b>	<b>22-42</b>
Renato Beschizza Valentin	
<b>A morte de um burocrata: leituras cubanas sobre a burocracia (1963-1967)</b>	<b>43-62</b>
Luiz Augusto de Paula Souza	
<b>O contra-hegemônico cinema revolucionário cubano</b>	<b>63-80</b>
Marcelo Prioste	
<b>Ensaio</b>	
<b>CubaJazz</b>	<b>81-90</b>
Rogério da Costa Santos e Luiz Augusto de Paula Souza	
<b>Entrevista</b>	
<b>Entrevista com Leonardo Padura</b>	<b>91-94</b>
Rosemary Segurado e Fabrício Amorim	
<b>Imagens</b>	
<b>Eduardo Marchesan</b>	<b>95-98</b>
<b>Artigos</b>	
<b>O desafio da gestão da educação na sociedade informacional</b>	<b>99-121</b>
Rômulo Carvalho Cristaldo e Adriana de Almeida Cristaldo	
<b>Mario Pedrosa e a difusão do trotskismo no Brasil</b>	<b>122-134</b>
Michel Silva	
<b>Neoliberalismo, subjetividade e indústria cultural no Brasil</b>	<b>135-155</b>
Jéssica Raquel Rodreguero Stefanuto	

**Rosemary Segurado<sup>1</sup>**  
ORCID: 0000-0002-3910-4603

**Silvana Gobbi Martinho<sup>2</sup>**  
ORCID: 0000-0002-7052-7460

Há 75 anos Cuba entrou para a história com um processo revolucionário que transformou a realidade latino-americana. Naquele momento, o triunfo da revolução significava a defesa da soberania e o direito à autodeterminação dos povos.

A revolução cubana foi um acontecimento que mudou a forma de se pensar em outro mundo possível, com outras relações sociais, econômicas, políticas e uma nova ordem institucional distinta da democracia liberal. Suscitou, e até hoje suscita, intensos debates sobre projeto político revolucionário, organização da economia anticapitalista, a riqueza e pluralidade cultural, liberdades individuais e coletivas, enfim, uma profusão de aspectos e paradoxos em um país que se transformou com as inovações trazidas pela revolução, tendo investido em educação, saúde e na garantia de condições de vida fundamentais que trouxeram dignidade à população.

Novas demandas, novas gerações, novos canais de expressão trazem desa-fios importantes para os rumos da ilha que vive um embargo econômico há mais de 60 anos e, embora tenha conseguido resistir ao bloqueio, os impactos para o desenvolvimento socioeconômico são evidentes. Na atualidade, Cuba se encontra em meio a muitas dificuldades para garantir as minimamente as necessidades do povo, situação que tem gerado revoltas e descontentamentos sobre os rumos da revolução.

---

<sup>1</sup> Graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Comunicación Política pela Universidad Rey Juan Carlos de Madrid(2008). Atualmente é professora e pesquisadora da Área de Política do Curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora da Escola Pós-graduada de Ciências Sociais. roseseg@uol.com.br. <http://lattes.cnpq.br/9397214841745174>.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Ciência Política na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do Núcleo de estudos pós graduados em arte, mídia e política (NEAMP). silgmartinho@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7143685356987408>.

Abrindo o dossiê: A Revolução Cubana, Luiza Brasuna e Francisco César Pinto da Fonseca com o texto Setenta e cinco anos da Revolução Cubana: desafios, complexidades e perspectivas do socialismo em Cuba, refletem a passagem do espírito revolucionário e da revolução popular para o socialismo cubano para, em seguida, analisar o conteúdo socialista da revolução ao longo das décadas sob a luz da economia e dos indicadores sociais.

Renato Beschizza Valentin estabelece um recorte histórico de 1964 até o final de 1970 para refletir sobre escuelas de iniciación desportiva e a construção do “homem novo” pós revolução. Em A morte de um burocrata : leituras cubanas sobre a burocracia, Rodrigo Tavares analisa as diferentes leituras sobre o tema da burocracia no regime cubano no período 1963-1967. Rodrigo Prioste em O contra hegemônico cinema revolucionário cubano discute sobre como a Revolução Cubana impactou a produção cinematográfica da região ao romper com o modelo comercial imposto por Hollywood. Por fim, Rogério da Costa Santos e Luiz Augusto de Paula Souza escrevem um ensaio sobre o documentário Cubajazz que reflete sobre a capacidade criativa do jazz e da vida como invenção em Cuba.

Para compor o dossiê Rosemary Segurado e Fabrício Amorim entrevistaram o Leonardo Padura, escritor e jornalista cubano, que refletiu sobre seu processo criativo a partir da intenção de dizer algo sobre a realidade cubana em diálogo de perspectivas universais. Eduardo Marchesan apresenta o recorte de sua pesquisa de mestrado com “, Retrato da Revolução” no qual as fotografias abordam tanto pessoas anônimas quanto figuras com as quais tive contato durante minhas estadias, como fotógrafos contemporâneos a Korda, sua filha, seu ex-assistente, entre outros.

Além dos textos do dossiê, essa edição traz também três artigos. O primeiro O desafio da gestão da educação na sociedade informacional, escrito por Rômulo de Carvalho Cristaldo e Adriana de Almeida Cristaldo, abordam a gestão da educação como um espaço de fricção entre interesses e expectativas contraditórias no contexto da sociedade informacional e da efervescência das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), produz ali um rol de contradições e desafios. Na sequência, Michel Silva, com o texto Mario Pedrosa e a difusão do Trotskismo no Brasil, problematiza a influência das ideias de Leon Trotsky mesmo depois de Pedrosa ter deixado a organização. Por fim, Jéssica Stefanuto discute no artigo intitulado Neoliberalismo, subjetividade e indústria

cultural no Brasil: uma proposta de interpretação a partir da Teoria Crítica, uma interpretação dos mecanismos da indústria cultural contemporânea a partir da análise de uma música do gênero musical sertanejo, tomada como exemplo de articulações entre bases material e econômica da sociedade neoliberal e a construção de subjetividades.

Boa leitura!

## DOSSIÊ: REVOLUÇÃO CUBANA ■

### Setenta e cinco anos da revolução cubana: desafios, complexidades e perspectivas do socialismo em Cuba

Luiza Brazuna<sup>1</sup>  
ORCID: 0009-0005-1352-2988

Francisco César Pinto da Fonseca<sup>2</sup>  
ORCID: 0000-0003-2617-8926

**Resumo:** Partindo de outros estudos sobre o socialismo cubano, tem-se como objetivo entender, primeiramente, a passagem do espírito revolucionário e da revolução popular para o socialismo cubano para, em seguida, analisar o conteúdo socialista da revolução ao longo das décadas sob a luz da economia e dos indicadores sociais. Assim, almeja-se refletir acerca de possíveis mudanças e permanências na ideologia e nos propósitos revolucionários, bem como seus principais resultados. Para tanto, é necessário adentrar brevemente à história da revolução para, em seguida, apontar seus desafios, complexidades e perspectivas. Temas como os princípios do socialismo na ilha, o permanente embargo estadunidense, a propriedade coletiva dos meios de produção e o espaço para as formas de propriedade privada, a infraestrutura produtiva, as transformações revolucionárias na produção econômica, na distribuição da renda e nas políticas sociais, as relações internacionais, entre outras, iluminam esses setenta e cinco anos e procuram ser refletidos neste artigo.

**Palavras-chave:** Revolução Cubana. Perspectivas econômicas. Perspectivas teóricas.

---

<sup>1</sup> Luiza Brazuna é graduanda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: izabrazuna@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3064249823886494>.

<sup>2</sup> Francisco César Pinto da Fonseca é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/Eaesp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é coordenador da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: franciscofonsecacp@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6362222729498688>

**Abstract:** Starting from other studies on Cuban socialism, the objective is to understand, firstly, the transition from the revolutionary spirit and the popular revolution to Cuban socialism and then to analyze the socialist content of the revolution over the decades considering the economy and indicators social. Thus, it is intended to reflect on possible changes and continuations in revolutionary ideology and purposes, as well as their main results. To do so, it is necessary to briefly delve into the history of the revolution and then point out its challenges, complexities and perspectives. Topics such as the principles of socialism on the island, the permanent US embargo, collective ownership of the means of production and the space for forms of private property, productive infrastructures, revolutionary transformations in economic production, income distribution and social policies, international relations, among others, illuminate these seventy-five years and seek to be reflected in this article.

---

7

**Keywords:** Cuban Revolution. Economic prospects. Theory prospects.

**Resumen:** A partir de otros estudios sobre el socialismo cubano, el objetivo es comprender, en primer lugar, la transición del espíritu revolucionario y la revolución popular al socialismo cubano y luego analizar el contenido socialista de la revolución a lo largo de las décadas a la luz de indicadores económicos y sociales. Así, se pretende reflexionar sobre posibles cambios y continuidades en la ideología y propósitos revolucionarios, así como sus principales resultados. Para ello, es necesario profundizar brevemente en la historia de la revolución para luego señalar sus desafíos, complejidades y perspectivas. Temas como los principios del socialismo en la isla, el embargo permanente de Estados Unidos, la propiedad colectiva de los medios de producción y el espacio para las formas de propiedad privada, la infraestructura productiva, las transformaciones revolucionarias en la producción económica, la distribución del ingreso y las políticas sociales, las relaciones internacionales, entre otros, iluminan estos setenta y cinco años y buscan quedar reflejados en este artículo.

**Palabras clave:** Revolución Cubana. Perspectivas económicas. Perspectivas teóricas.

## Introdução

A Revolução Cubana, ocorrida em 1959, completou em 1º de janeiro de 2024 setenta e cinco anos. Objeto de estudo de diversas áreas, sobretudo das Ciências Humanas, divide opiniões entre especialistas, sobretudo no que diz respeito ao conteúdo, ou não, inerentemente socialista do movimento revolucionário.

Neste artigo, partindo de outros estudos sobre o socialismo cubano, tem-se como objetivo entender, primeiramente, a passagem do espírito revolucionário e da revolução popular para o socialismo cubano para, em seguida, analisar o conteúdo socialista da revolução ao longo das décadas sob a luz da economia e dos indicadores sociais. Nesse contexto, almeja-se refletir acerca de possíveis mudanças e permanências na ideologia e nos propósitos revolucionários, bem como seus principais resultados. Para tanto, é necessário adentrar brevemente à história da revolução para, em seguida, apontar seus desafios, complexidades e perspectivas.

## Da guerrilha à revolução socialista

É impossível falar sobre a Revolução Cubana sem começar pela experiência da guerra de guerrilhas. Como apontou Florestan Fernandes (1979: 55), “sem a guerrilha não haveria nem conquista do poder nem transição para o socialismo”, de forma que a experiência da guerrilha se constitui como um dos elementos centrais da revolução. Foi por meio desse instrumento que a mentalidade revolucionária foi moldada, tendo educado os revolucionários para a ação política, o que diferenciou a Revolução Cubana de outras revoluções, mas também representou o grande instrumento da transformação da ordem vigente para a revolução social e democrática e, depois, para o socialismo.

Nesse sentido, é relevante destacar um elemento essencial que permitiu o sucesso da guerrilha, com amplo apoio popular: a construção do nacionalismo cubano. Conforme Fernandes (1979: 57):

“Em Cuba [...], (o nacionalismo) cresceu não a partir da dominação econômica, social e política dos estratos conservadores, frequentemente aliados aos controles externos e à própria repressão antinacionalista, mas da confluência de várias forças sociais divergentes, empenhadas na libertação nacional, no combate ao governo colonial e à dominação espanhola ou nas lutas contra o imperialismo e a dominação norte-americana” (p. 57).

Em outras palavras, o desenvolvimento do nacionalismo cubano se dá de baixo para cima, e isso é visível tanto nos períodos que se remetem a José Martí quanto nos de Fidel Castro e Che Guevara.

Considerando esse processo e a consolidação do nacionalismo, pode-se considerar o caso cubano como espécie de “revolução nacional”, que possui uma peculiaridade no transcorrer da construção da Revolução, que Florestan Fernandes destaca em seus estudos, isto é, seu conteúdo de classe. Afirma que o anti-imperialismo provocado pela ditadura de Batista converteu a revolução nacional em “revolução dos povos”, uma vez que, dessa forma, “a ideia de nação corporifica-se nesse contexto histórico-social como uma concreção que deveria atender tanto às classes possuidoras e a seus estratos dominantes como às classes trabalhadoras e aos estratos mais humildes” (FERNANDES, 1979: 59).

A passagem da condição democrática da revolução nacional para a perspectiva revolucionária e socialista deve-se, sobretudo, pela constatação quanto à impossibilidade de conseguir, no interior do capitalismo e da dominação burguesa, a transformação desejada da sociedade cubana. E foi assim que o próprio anti-imperialismo e a revolução democrática se tornaram a espinha dorsal da organização de uma nova sociedade e de um novo ordenamento do Estado (FERNANDES, 1979: 63).

É justamente a pressão maciça e crescente que ocorria de baixo para cima, isto é, a partir das classes trabalhadoras e da população pobre, que “muda a qualidade da situação revolucionária e que faz com que esta própria ultrapasse os quadros do capitalismo e da atuação da classe da burguesia” (FERNANDES, 1979: 70). É nesse cenário que a guerrilha se torna uma das principais responsáveis pelo irrompimento da revolução de caráter socialista. A guerrilha representou o braço armado de um movimento político consolidado – o Movimento 26 de Julho –, tendo representado o elo com todas as classes e com a efervescência de um poder popular e necessariamente revolucionário na ilha. De acordo com Eric Hobsbawn, pode-se afirmar que não somente a guerrilha, mas sobretudo o caráter socialista por ela reivindicado, emergem menos por motivos ideológicos e mais pela imposição da “força da necessidade prática” (HOBSBAWN, 2016: 29).

No mesmo sentido, Richard Gott (2006: 190-191) afirma que:

“A memória da Cuba pré-revolucionária que prevaleceu nos primeiros anos da Revolução era de estagnação econômica ao longo de muitas décadas, de malogro político, corrupção, incompetência burocrática, gangsterismo, violência e colapso social. Assim,

revolução e/ou socialismo eram percebidos como resultados naturais de uma situação insuportável”.

De forma semelhante, Vânia Bambirra destaca dois fatores de importância crucial no processo revolucionário, no contexto da guerrilha, que estão intimamente relacionados: o clima político favorável à oposição ao regime ditatorial de Fulgêncio Batista tanto na zona rural quanto nas cidades; e a existência de vasta organização de tipo partidário, embora não estritamente partidária, que criava condições políticas, infraestruturais e logísticas para a luta insurrecional, sendo liderado pelo Movimento 26 de Julho (Bambirra, 2024: 75). A autora também afirma, corroborando com Fernandes e Hobsbawn, que:

“A Revolução Cubana demonstrou que a promoção do desenvolvimento econômico e social orientado no sentido de satisfazer as aspirações e necessidades do povo não pode ocorrer no marco do capitalismo dependente e deve necessariamente romper com a estrutura desse sistema e avançar para o socialismo”  
(2024: 147).

Pode-se afirmar, portanto, que o socialismo foi a consequência natural para os caminhos revolucionários e populares em que “a referência marxista foi incorporada depois que o povo descobriu que seus clamores haviam chegado ao poder” (Alonso, 2011: 7). É a partir dessa perspectiva que se pode afirmar que o espírito da guerrilha se funde não só com o conteúdo político-revolucionário do Movimento 26 de Julho, mas com o próprio espírito socialista da Revolução Cubana como um todo.

Ainda de acordo com Florestan Fernandes (1979), a guerrilha desempenhou cinco funções distintas: a) abriu, por meio da via militar, espaço histórico para a atuação organizada das forças revolucionárias; b) retirou a guerra civil do estado de intermitência prolongada, de baixa ou nenhuma eficácia política; c) lançou nessa guerra a massa da população, tanto no campo como na cidade, tendo tornado os revolucionários verdadeiramente ativos contra a ordem por meio da guerra armada; d) elevou, dessa forma, o teor revolucionário da guerra civil; e) operou, do começo ao fim, como bússola política da revolução.

É em torno da guerrilha que iria “gravitar o esforço de organização e treinamento das forças militares no exterior e a partir dela vai surgir o exército rebelde, o território livre e um proto-estado revolucionário” (FERNANDES, 1979: 80). Em outras palavras, pode-se afirmar que é por intermédio da guerrilha

que o caráter popular democrático e sobretudo socialista iria se materializar e definir os rumos da ilha até os dias de hoje.

Adentrando ao caráter político da guerrilha, é fato que todo guerrilheiro foi se tornando um homem político e, nesse sentido, Fernandes (1979:82) afirma: “Foi graças a essa circunstância que a guerrilha operou como um equivalente psicossocial e político do partido revolucionário. O enlace antecipado com o poder popular e a concretização antecipada do que deveria ser Cuba depois da derrocada da ordem existente constituíram um salto histórico revolucionário”.

Convertendo-se na vanguarda do Estado revolucionário e socialista em elaboração, mesmo após o fim da guerra de guerrilhas, os guerrilheiros continuariam a ser “a mola mestra dentro da Revolução Cubana”, agora enquanto atores do Estado, empenhados na consolidação do poder popular e da Cuba socialista (FERNANDES, 1979: 95).

Imergindo na esfera econômica dos primeiros anos da Revolução Cubana, pode-se dizer que, apesar de toda a noção de que a transformação social e revolucionária não poderia ocorrer sob a égide do capitalismo, os primeiros documentos referentes aos dois primeiros anos de tomada de poder não deixam dúvidas: a primeira etapa de consolidação do socialismo cubano e do Estado revolucionário em Cuba implicaria “promover o desenvolvimento do capitalismo nacional, com base no protecionismo e no estímulo direto à economia cubana para promover o processo de ‘substituição de importações’” (Bambirra, 2024: 153). Isso demonstra o caráter democrático-burguês do primeiro estágio da revolução, que foi a alavanca para a construção do socialismo, sobretudo em termos socioeconômicos.

Como aponta Vânia Bambirra (2024: 157):

“A tática revolucionária não é definida meramente em função do que é mais ou menos oportuno em um determinado momento. Ela deve, necessariamente, ter uma correspondência profunda com a situação histórica concreta, segundo a qual são dados os limites e as possibilidades que vão configurar o caráter de uma revolução. Isso não é definido arbitrariamente, mas é estabelecido a partir das possibilidades econômicas, políticas e sociais e da correlação de forças entre classes sociais no processo revolucionário”.

Nesse contexto, Richard Gott (2006: 196) afirma que o novo regime agiu rápido nos primeiros seis meses para usar a velha máquina do governo para

beneficiar os setores mais pobres da população. Nesse cenário foram criados novos ministérios, como o Ministério do Bem-Estar Social e o Ministério da Habitação; houve a redução dos aluguéis e o controle dos preços da telefonia e do fornecimento de energia; e foi anunciada a tão esperada Reforma Agrária; entre inúmeras outras medidas de impacto econômico e social.

Além disso, pode-se afirmar que uma das grandes marcas, se não a maior, dos primeiros anos da Revolução Cubana foi a erradicação do analfabetismo, já em 1962. Pode-se dizer que trata-se da marca que a revolução carrega até os dias de hoje, uma vez que, segundo dados da CEPAL, a taxa de analfabetização da ilha segue sendo das mais baixas da América Latina.

### **A resistência do socialismo cubano**

É fundamental dedicar esta seção para a questão da resistência do socialismo cubano, pois é impossível falar sobre Cuba e a própria Revolução Cubana sem ao menos mencionar uma de suas mais importantes ameaças: o embargo econômico estadunidense sobre a ilha como estratégia imperialista de minar a autonomia nacional cubana, assim como lançar permanente “espada de Dâmocles” sobre o regime. Sem adentrar nos imensos danos sofridos por Cuba devido ao embargo, uma vez que inúmeros trabalhos já deram conta dessa tarefa, foca-se aqui no fato de que o embargo, juntamente com os episódios da Invasão da Baía dos Porcos em 1961 e da Crise dos Mísseis em 1962, são elementos essenciais para um movimento político-econômico cubano decisivo para sua economia a longo prazo: a aproximação da ilha ao então bloco soviético. Cabe aqui entender o desenrolar da relação Cuba-EUA e Cuba-URSS ao passar das décadas, sobretudo no que diz respeito ao “Período Especial”.

O “Período Especial” refere-se à crise multidimensional que assolou a ilha de Cuba com o ocaso da União Soviética em 1991. Em verdade, a crise já teria começado – de acordo com certa linha de interpretação – em 1990, quando o suprimento de petróleo que a URSS era obrigada por contrato a fornecer a Cuba não teria se efetivado, impactando seriamente a economia cubana. O país possuía forte dependência em relação à União Soviética no que diz respeito às importações de víveres, uma vez que os russos supriam cerca de 63% no período anterior à crise. Da mesma forma foram atingidas as maquinarias, em que os russos eram

responsáveis por cerca de 80% das máquinas importadas; em relação ao açúcar, em que compravam 63% da produção; com os cítricos, em que compravam 95%; e com o níquel, responsável por 73% das exportações (Gott, 2006: 322).

No que diz respeito ao grande saldo político, social e econômico do período anterior à crise, sobretudo nas áreas de Educação e Saúde, Richard Gott (2006: 325) afirma que:

“As realizações históricas da Revolução socialista seriam preservadas, mas o programa de austeridade inevitavelmente exerceria pressão sobre a grande massa da população. Alimentos e roupas passariam a ser racionados, indústrias dependentes de importações foram fechadas e milhares de trabalhadores urbanos foram mandados para o campo, para se engajar na tarefa de uso intensivo da mão-de-obra, a fim de produzir comida”.

É nesse contexto que Cuba, então, abre as portas para o turismo como atividade econômica, buscando satisfazer a demanda crescente de cidadãos europeus e canadenses quanto às praias ensolaradas. Assim, no curto prazo o turismo desbancou a produção de açúcar como principal atividade econômica cubana.

A partir do ocaso da União Soviética e o início de uma crise sem precedentes, novas indagações se colocaram, tais como: o modelo soviético poderia permanecer no mercado de um só país, sem o apoio do restante do bloco? Era possível manter o sistema de partido único e de economia completamente estatal no contexto de hegemonia neoliberal em governos da América Latina e do Leste Europeu? (Brito, 2014: 114).

Nesse contexto, Cuba se viu obrigada a tomar decisões difíceis, que representavam duros golpes no orgulho revolucionário, caso da alteração da legislação em relação ao dólar (Gott, 2006: 327). Com o crescente mercado paralelo de dólares, as autoridades cubanas renderam-se ao retorno da moeda estadunidense, permitindo que a moeda passasse a conviver oficialmente com o peso cubano.

Nesse sentido, quanto à crise teórico-ideológica do socialismo cubano, Brito (2014: 114) aponta que:

“A liderança cubana [Fidel Castro] estava disposta a preservar a orientação socialista mediante um tipo de abertura mais restrita e controlada da economia, ao adotar uma estratégia de concessões, a contragosto, às relações capitalistas, especialmente as medidas tomadas entre 1993 e 1995. Entretanto, foi acordado que não haveria reversão das conquistas do socialismo, especialmente os sistemas de saúde e educação gratuitos e universais”.

Foi nesse contexto de fragilidade da economia cubana que ocorreram giros político-econômicos importantes na ilha, como a aproximação de Cuba com o Canadá, o Vietnã e, especialmente, com a China. As relações de Cuba com a China se desenvolveram de modo expressivo, de tal forma que missões cubanas oficiais foram enviadas a Pequim para estudar o modelo socioeconômico chinês. Além disso, os chineses ofereceram tecidos gratuitamente para a confecção de uniformes escolares e mais de um milhão de bicicletas, bem como os meios necessários para a construção de cinco montadoras (Gott, 2006: 333).

Em meio a esse cenário, cláusulas específicas da legislação estadunidense sobre o embargo bloqueavam todo e qualquer financiamento de fontes controladas pelos EUA, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Desse modo, Cuba foi levada a se fiar nesses financiamentos comerciais de curto prazo e em investimentos estrangeiros diretos, como de seus parceiros chineses e canadenses, contando com uma ajuda minúscula comparada à que poderia ter (Gott, 2006: 333).

Nesse momento crítico para a economia e a política cubana, pairava a dúvida se seria o ocaso do socialismo cubano, uma vez que medidas de ajustes neoliberais foram impostas não somente na ilha, mas ao redor do mundo. Entretanto, teria sido justamente nesse momento que “o país se propôs a defender o modelo socialista e a realizar as alterações necessárias para se adaptar às condições que prevaleciam então” (García, 2011: 29).

Richard Gott aponta que a grande diferença entre o socialismo (do leste) europeu e o socialismo cubano foi que na experiência da Europa oriental houve a poderosa intervenção soviética. Assim, quando os regimes socialistas implodiram, não teria havido movimentação popular para proteger a velha ordem. No caso da ilha: “Os cubanos tinham mais a defender – a sua história, o seu sentido de identidade, o seu *amour propre*. A maioria dos cubanos apoiava seu governo porque, embora tivesse consciência de suas falhas, também podiam identificar os seus sucessos” (Gott, 2006: 334).

Desta forma, pode-se afirmar que a relativa mudança do paradigma econômico se caracterizaria por “abrir um considerável espaço aos mecanismos de mercado sem renunciar à essência do socialismo, visando à recuperação da produção e dos serviços” (García, 2011:30). No entanto, alguns autores, como Santoro (2010:133), afirmam que “a política externa cubana passou da postura

ofensiva para defensiva, na qual os recursos se destinam a recolher apoio internacional para o regime em seus conflitos com os Estados Unidos e não para a uma promoção do socialismo no mundo”. A relação entre Estados Unidos e Cuba foi tensionada ainda mais pela promulgação das leis Torricelli (1992) e Helms-Burton (1996), que ampliavam ainda mais o embargo, numa tentativa de estrangulamento econômico. Para Cuba, no momento do “Período Especial” tornou-se estratégico resistir, garantindo o modelo socialista internamente, do que promovê-lo ideologicamente, protegendo o bem-estar social do povo cubano.

Quanto à relação entre Cuba e outros países latino-americanos, pode-se destacar que, mesmo com a perda do tradicional aliado mexicano, países como a Venezuela, especialmente, graças a mudanças no cenário político da América Latina a partir dos anos 1990, encaravam a Revolução Cubana como referência ideológica fundamental, priorizando a solidariedade à ilha e o apoio ao governo cubano (Santoro, 2010:134). Os dois países assinaram acordos importantes de petróleo em troca de benefícios nas áreas de Medicina e Segurança, o que foi determinante para assegurar o acesso aos combustíveis na ilha.

Apesar de todos os esforços cubanos para contornar a crise, que não foram poucos, os efeitos negativos foram perceptíveis. Enquanto entre 1959 e 1989 o Produto Interno Bruto (PIB) havia crescido a uma taxa anual de 4,4%, acompanhado pela evolução positiva da produção e dos serviços, bem como da melhora significativa de indicadores sociais, a situação a partir de 1990 foi completamente diferente. De acordo com García (2011: 33):

“O efeito negativo foi mais visível na deterioração do nível de vida dos grupos sociais de maior risco. Também se perceberam um notável declínio no número de matrículas para o ensino superior, uma deterioração nos serviços de saúde pública, um crescimento do desemprego e uma distribuição de renda regressiva”(apud Álvarez & Mattar, 2004).

Além disso, “a crise agrícola gerou problemas de segurança alimentar, e o governo cubano (...) [precisou recorrer] constantemente ao mercado internacional para se abastecer de comida” (Santoro, 2010: 132). Ironicamente, o maior exportador de alimentos para Cuba, apesar do embargo, durante o Período Especial, foi justamente os Estados Unidos (Ibidem). Nesse contexto, a reaproximação estadunidense, mesmo que mínima, pode ser explicada pela tentativa de influenciar as reformas cubanas em curso. Enquanto, por um lado, os

EUA promoviam maior estrangulamento econômico, tentavam, por outro lado, criar dependência da ilha ao seu mercado, numa tentativa clara de subordinação, algo inadmissível para a história revolucionária cubana.

Passado o período mais difícil, já no século XXI ocorreu, sobretudo a partir de 2010, o processo denominado “atualização do modelo econômico social”. A partir desse processo não se renuncia ao conteúdo socialista, que se expressa sobretudo no predomínio da propriedade coletiva dos meios de produção, do planejamento estatal sobre o mercado e da justa distribuição de renda, mas, como explica Brito (2014: 110-111):

“Realiza-se mudanças como o reconhecimento do mercado enquanto mecanismo a ser levado em conta economicamente, buscando, a partir daí, criar um setor produtivo não estatal mais amplo, sobretudo através de cooperativas, do investimento estrangeiro e de pequenas empresas privadas comandadas por trabalhadores individuais. Assim, diferentes formas de propriedade e gestão passam a existir, uma vez que se entende que o Estado, na atualização do modelo socioeconômico cubano, não precisava necessariamente controlar serviços básicos como cafés e lanchonetes, mas, sim, focar em ramos e atividades econômicas estratégicas de interesse nacional”.

17

É fato que a principal fonte de dificuldades socioeconômicas da ilha segue sendo, até os dias de hoje, o embargo estadunidense. No entanto, agora se admite que “o sistema econômico possui deformações intrínsecas que estariam obstaculizando o desenvolvimento do país” (Brito, 2014: 112). Dessa forma, a atualização da economia cubana tornou-se necessidade imperiosa, “(...) não só em vista de dar respostas à prolongada crise econômica que vem afetando o país, mas sobretudo para assegurar a continuidade futura do poder revolucionário, que está passando por uma transição geracional” (Ibidem).

Ou seja, há duas interpretações possíveis: espécie de revisionismo, no sentido de “atualização do socialismo”, como apontado por Brito, ou ajustes estratégicos tendo em vista a mudança do cenário internacional. Tendo como contraponto a restauração do capitalismo vivida pelos países do Leste Europeu, casos da Perestroika e Glasnost, entre outros exemplos, ressalte-se que a experiência cubana pouco se assemelha com esses países. A intenção da ilha, portanto, foi transitar para um tipo de socialismo que consiga responder aos desafios contemporâneos e, certamente, o maior deles é enfrentar o subdesenvolvimento econômico, especialmente aumentar a capacidade produtiva de sua economia, em termos quantitativos e qualitativos.

## Setenta e cinco anos depois: reflexões

A partir da discussão realizada, pode-se dizer que a opinião de pesquisadores sobre a permanência do conteúdo socialista da revolução mediante episódios e circunstâncias tão distintos, no decorrer de  $\frac{3}{4}$  de século, é dividida. Alguns, como Brito, afirmam que a abertura inicial no Período Especial gerou crise quanto à concepção socialista; outros apontam que o governo manteve o projeto socialista no sentido da manutenção da perspectiva socialista – a propriedade coletiva dos meios de produção – mesmo em períodos de transição, que foram vários, distintos e complexos.

O caráter socialista ou não da Revolução Cubana continua, portanto, sendo alvo de debates e pesquisas. É fato que o modelo socialista soviético, de certa forma seguido por Cuba, entrou em crise, demonstrando sua inviabilidade, embora haja aspectos dos cenários internacionais ao longo do tempo que contribuíram fortemente para tanto<sup>3</sup>. Em outras palavras, o que estava em jogo era a passagem de um modelo socialista de sociedade que fracassou – no caso soviético, embora suas causas sejam complexas – para um outro que fosse viável, no sentido da conjugação entre justiça social e desenvolvimento econômico nos marcos da hegemonia capitalista global e do “socialismo ilhado” de Cuba.

Deve-se ressaltar que Cuba mantém alguns dos pilares da Revolução: a universalização da saúde e da educação, que tem implicado historicamente a erradicação (ou quase) do analfabetismo. De acordo com a CEPAL, os indicadores de alfabetização de pessoas com 15 anos ou mais, de ambos os sexos, nunca estiveram abaixo de 95%, chegando, em alguns momentos, ao 99,9%. Esse dado é refletido pela magnitude do investimento da ilha em Educação, que chegou em 2022 a representar 17% dos gastos totais do país, cerca de 4 vezes mais da média do que foi gasto com Educação na América Latina como um todo.

Da mesma forma ocorre com os gastos – na verdade, investimentos – em Saúde, que em Cuba são sempre mais altos quando comparados a outros países latino-americanos. O resultado dos investimentos sociais se expressam em indicadores, ainda de acordo com a CEPAL, uma vez que Cuba é o segundo país a ter mais

---

<sup>3</sup> Os históricos debates russos sobre a inviabilidade do “socialismo num só país” reverberam até os dias de hoje, incidindo sobre o modelo cubano. Embora no caso soviético o socialismo foi de todo um bloco de países, a bipolaridade mundial.

leitos hospitalares por 10.000 habitantes; um dos países com maior proporção de mulheres em idade de procriação (taxa de fertilidade) a ter suas necessidades de planificação familiar atendidas com métodos contraceptivos; as menores incidências em doenças típicas de países com baixa renda, como malária, por exemplo; cobertura de praticamente 100% da população em vacinação, caso sarampo [?]; entre outros indicadores sociais e sanitários muito superiores aos do restante da América Latina. Aliás, Cuba se tornou referência tanto no tratamento de determinadas doenças como na produção de vacinas. Boa parte de seu PIB advém do chamado “turismo médico”, do envio de profissionais de saúde a outros países, como ocorreu com o “Mais Médicos no Brasil”, e da exportação de alguns tipos de vacina, colocando Cuba no patamar de país desenvolvido em termos de saúde.

Como apontou Richard Gott em 2006 – embora possa ser transposto aos dias de hoje –, a Revolução Cubana:

“Engendrou no povo cubano um sentido intangível, mas real, de orgulho pela sua nação. Visitantes estrangeiros podem olhar com tristeza para a aparência abandonada e negligenciada das grandes extensões de Havana, mas poucos deixarão de perceber a alegria e o otimismo de sua população saudável e adequadamente vestida. Foi uma revolução que não acabou em lutas fratricidas, mas produziu sem cessar novas gerações de cidadãos bem-educados, motivados pela afeição ao governo e ao governante, e que possuem um sentido agudo de patriotismo, orgulhosos da longa história do seu país e das realizações do seu povo” (Gott, 2006: 357).

Tem-se clareza tanto dos feitos da revolução como de suas limitações, tornando a experiência cubana ímpar na América Latina e espécie de “caso” politológico em perspectiva mundial. Afinal, as condições que permitiram a Cuba inaugurar um tipo de socialismo somente vivenciado por esse país até os dias de hoje são únicas em distintos aspectos.

Os desafios são inúmeros e complexos nesses 75 anos. Há êxitos inegáveis nas áreas sociais, na dimensão organizacional e na tecnologia da saúde, bem como gargalos em setores cruciais, como energia, exportação, entre inúmeros outros. Trata-se de experiência a ser compreendida e analisada de forma perene. Nas palavras do grande líder cubano, Fidel Castro, seu povo “fez uma revolução maior que ele mesmo”, isto é, que deitou raízes que se mantêm a sete décadas e meia, mesmo com a brutal pressão e agressão, muitas vezes em contrariedade ao direito internacional de autodeterminação dos povos, pelos EUA.

Nesse sentido, enquanto perspectivas colocadas, Cuba tem se aproximado economicamente da China, o que implica novo alento a um país permanentemente sitiado pelos EUA. A atuação chinesa na América Latina, por meios distintos, entre os quais a “nova rota da seda”, poderá implicar novo salto no desenvolvimento da ilha que, para manter sua perspectiva socialista, necessita de outro império.

### **Considerações finais**

Refletir sobre a trajetória da Revolução Cubana, seus desafios, complexidades e perspectivas, é tarefa árdua, mas necessária. Sete décadas e meia, que se aproximam de um século, iniciadas justamente no “curto século XX” como “era dos extremos”, à luz de Hobsbawm, implica analisar o processo cubano como simultaneamente nacional – a vitória sobre o imperialismo estadunidense, a construção da soberania e sobretudo do socialismo – e internacional: a guerra fria, o ocaso da União Soviética e do “socialismo real”, as parcerias e oposições dos vizinhos latino-americanos, a permanente presença desestabilizadora dos EUA, a ascensão da China e tantos outros movimentos que, como num jogo de xadrez, impactaram e impactam diretamente o socialismo na ilha.

20

Temas como os princípios do socialismo na ilha, o permanente embargo estadunidense, a propriedade coletiva dos meios de produção e o espaço para as formas de propriedade privada, a infraestrutura produtiva, as transformações revolucionárias na produção econômica, na distribuição da renda e nas políticas sociais, as relações internacionais, entre outros, iluminam esses setenta e cinco anos e procuram ser refletidos neste artigo.

Talvez a única conclusão possível se refira ao experimento único que Cuba representou e representa no cenário internacional: uma pequena ilha que combateu o império estadunidense e que, por meio de inúmeros ajustes no *modus operandi* de seu socialismo, jamais renunciou às “cláusulas pétreas” representadas pela soberania nacional ancorada na defesa do território, de seu modelo político, dos direitos sociais e da luta permanente pelo desenvolvimento soberano do país.

O tema da “democracia” – liberal, “burguesa” –, sempre trazido à tona pelos críticos do regime cubano, foi respondida com argumentos importantes de serem inventariados: a experiência da democracia local em meio a todas as formas de ataque à soberania nacional, assim como o papel dos direitos sociais

como elementos fundantes ao conceito de democracia. A teoria política sobre a democracia não analisou seriamente a experiência cubana, uma vez que a avaliou com lentes da “democracia liberal”, o que implica o necessário debate sobre direitos humanos e sobre o papel dos conflitos, tanto na ilha como em inúmeros países capitalistas.

Trata-se de agenda de pesquisa, a partir da celebração dos setenta e cinco anos da revolução!

## Referências

ALONSO, Aurelio. Cuba: a sociedade após meio século de mudanças, conquistas e contratempos. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, pp. 7-18, 2011.

BAMBIRRA, Vânia. *A Revolução Cubana: uma reinterpretação*. São Paulo: Expressão Popular, 2024.

BRITO, Julian Araujo. Cuba em transformação: regime político e o contexto da “atualização do modelo econômico e social”. *Cadernos Prolam/USP*, São Paulo, v. 13, n. 24, pp. 109-124, 2014.

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas. Disponível em: > [https://statistics.cepal.org/portal/cepalstat/dashboard.html?indicator\\_id=2484&area\\_id=712&lang=es](https://statistics.cepal.org/portal/cepalstat/dashboard.html?indicator_id=2484&area_id=712&lang=es). Acesso em: 23 set. 2024.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

GARCÍA, José Luis Rodríguez. *A economia cubana: experiências e perspectivas (1989-2010)*. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, pp. 29-44, 2011.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HOBSBAWM, Eric. *Viva la Revolución: a era das utopias na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTORO, Maurício. Cuba após a Guerra Fria: mudanças econômicas, nova agenda diplomática e o limitado diálogo com os EUA. *Rev. Bras. Polít. Int.*, v. 53, n. 1, pp. 130-140, 2010.

## **Sobre as Escuelas de Iniciación Deportiva (EIDEs): o ensino dos esportes e a formação do “homem novo” em Cuba socialista**

Renato Beschizza Valentin<sup>1</sup>  
ORCID - 0000-0003-0521-8474

**Resumo:** No presente artigo, procuramos analisar e discutir a história das *Escuelas de Iniciación Deportiva* (EIDEs), que foram instituídas pelo Estado cubano em meados da década de 1960, com o objetivo de promover a formação de atletas através do esporte escolar. O recorte histórico deste artigo tem o seu início no ano de 1964, quando surge a primeira EIDE, estendendo-se até o final da década de 1970. Para fundamentar as nossas análises e reflexões sobre as EIDEs, nos apoiamos sobre publicações da imprensa cubana à época, sobretudo a imprensa esportiva. Com base nos resultados da investigação, concluímos que a iniciação esportiva em Cuba pós-revolução visava a elevação do nível técnico dos atletas cubanos e, simultaneamente, a formação do “homem novo” no campo esportivo.

22

**Palavras-chave:** Esporte. Educação. Políticas públicas. Revolução Cubana.

---

<sup>1</sup> Renato Beschizza Valentin é Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis (SP). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Educação Física pela UNESP, campus de Presidente Prudente (SP). E-mail: orenatobeschizza@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2665088364591933>

**Abstract:** In this article, we seek to analyze and discuss the history of the *Escuelas de Iniciación Deportiva* (EIDEs), which were established by the Cuban State in the mid-1960s, with the aim to promote the training of athletes through school sport. The historical outline of this article begins in 1964, when the first EIDE appeared, lasting until the end of the 1970s. To support our analyses and reflections about the EIDEs, we relied on some publications of Cuban press, especially the sports press. Based on the results of the investigation, we concluded that the sports initiation in revolutionary Cuba aimed to raise the technical level of Cuba athletes and, simultaneously, the formation of the “new man” in the sports field.

23

---

**Keywords:** Sport. Education. Public policies. Cuban revolution.

**Resumen:** En este artículo buscamos analizar y discutir la historia de las Escuelas de Iniciación Deportiva (EIDE), que fueron creadas por el Estado cubano a mediados de la década de 1960, con el objetivo de promover la formación de deportistas a través del deporte escolar. El recorrido histórico de este artículo comienza en 1964, cuando aparece la primera EIDE, perdurando hasta finales de los años 1970. Para sustentar nuestros análisis y reflexiones sobre las EIDE, nos apoyamos en publicaciones de la prensa cubana de la época, especialmente la deportiva. Con base en los resultados de la investigación, concluimos que la iniciación deportiva en la Cuba posrevolucionaria tuvo como objetivo elevar el nivel técnico de los deportistas cubanos y, simultáneamente, la formación del “hombre nuevo” en el ámbito deportivo.

**Palabras Clave:** deporte. educación. políticas públicas y Revolución Cubana.

## Introdução

Em artigo sobre a política esportiva cubana pós-revolução, Bunck (1990, p. 120) faz menção à existência de “escolas esportivas especiais” destinadas à iniciação esportiva de crianças que apresentassem talento para alguma prática esportiva. Segundo a autora, as escolas de iniciação esportiva eram meios através dos quais o governo cubano procurava “exercer um maior controle sobre a educação e a formação dos atletas, minimizando a influência dos pais” (BUNCK, 1990, p. 121). Por sua vez, Pickering (1978, p. 170) descreveu as EIDEs como “escolas residenciais especializadas” que eram frequentadas por “jovens talentosos”. Segundo o autor, tais “escolas esportivas” abrangiam “diversos esportes”, embora algumas delas fossem especializadas em natação, mergulho e nado sincronizado (Pickering, 1978, p. 170). Em artigo sobre a história do esporte cubano pós-revolução, Chappell (2004, pp. 5-6) afirma que as EIDEs eram internatos nos quais os “alunos-atletas” recebiam treinamento esportivo, frequentavam as aulas previstas pelo currículo escolar e eram encorajados a apresentar um “forte comprometimento político”. Segundo o autor, as EIDEs possuíam “instalações impressionantes”, destinadas ao atendimento “pediátrico, dentário, ortopédico e psicológico” dos alunos, o que era “um indicativo da ênfase que o governo coloca no desenvolvimento de atletas” (CHAPPELL, 2004, p. 6). Por fim, Pettavino & Pye (1994, p. 135) descrevem as EIDEs como escolas que combinavam “uma especialização nos esportes com um currículo acadêmico regular”, cujos alunos as frequentavam “diariamente ou em regime de internato”, desde o terceiro ou quarto ano do ensino primário até o ensino pré-universitário. Segundo as autoras, o “envolvimento em uma organização de massa”, o trabalho voluntário no âmbito dos esportes e a atuação como “monitor numa escola regular” eram fatores que “favorecem os alunos que se candidatam a ingressar numa EIDE” (PETTAVINO & PYE, 1994, p. 138).

Na literatura consultada, Pettavino & Pye (1994) foram as autoras que mais contribuíram para o conhecimento acerca das EIDEs, com base na estatística oficial, na imprensa cubana e na observação *in loco*. Através do presente artigo, procuramos aprofundar o conhecimento e o debate sobre o funcionamento das EIDEs, com base em publicações da imprensa cubana que não foram exploradas pelos autores supracitados. Para tanto, nos apoiamos sobre textos publicados

entre as décadas de 1960 e 1970 pela imprensa cubana à época, especialmente pela imprensa esportiva. Os periódicos citados ao longo deste artigo refletem o ponto de vista predominante no interior do governo cubano e encontram-se à disposição para consulta junto aos acervos da Biblioteca Nacional de Cuba José Martí (BNCJM) e da *University of Florida Digital Collections* (UFDC). As reflexões e análises presentes neste artigo resultaram de uma pesquisa mais abrangente, destinada a lançar uma luz sobre as políticas públicas de esporte implementadas em Cuba durante as duas décadas que se seguiram após a revolução de 1959.

### **As escolas de iniciação esportiva**

Segundo Pettavino & Pye (1994, p. 135), a primeira EIDE foi fundada em 1964. Inicialmente, os alunos ingressantes nas EIDEs eram escolhidos entre os mais destacados nas competições escolares (Pickering, 1978, p. 170; Pettavino & Pye, 1994, p. 138; Chappell, 2004, p. 5). Segundo Valentin (2024, pp. 172, 178), as EIDEs formavam parte de um conjunto de iniciativas conjuntas entre o *Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación* (INDER) e o Ministério da Educação (MINED), visando a introdução do esporte em todos os níveis de ensino, a formação de professores de Educação Física e a iniciação esportiva de crianças e adolescentes. Durante a década de 1960, as EIDEs foram organizadas no interior das dependências de antigos clubes privados, que haviam sido expropriados pelo governo revolucionário: a EIDE de Santiago de Cuba, por exemplo, foi instalada no interior do antigo *Vista Alegre Club* (Suárez et al, 2018, p. 152). Tão logo foram criadas, essas primeiras EIDEs atingiram um total de 1.049 matrículas (Pettavino & Pye, 1994, p. 135).

Mediante a investigação junto à imprensa cubana, encontramos registros que corroboram a tese de que as primeiras EIDEs começaram a funcionar somente depois da primeira edição dos jogos escolares (Caminada, 1983, p. 36). Em meados da década de 1960, o governo cubano dispunha de um total de seis EIDEs, geograficamente distribuídas da seguinte forma: uma EIDE no *Ateneo Deportivo* da província de Pinar del Río; uma na *finca* Rosalía Abreu, província de Havana; uma em Varadero, província de Matanzas; uma na província de Villa Clara; uma na província de Camaguey; e, por fim, uma no *reparto* Vista Alegre de Santiago de Cuba, na província de Oriente (Caminada, 1983, p. 37).

Poucos anos depois de sua criação, as EIDEs foram objeto de atenção por parte da imprensa cubana, mediante a publicação de um artigo intitulado “*La EIDE de la Habana, una escuela modelo*” (1966). Naquele momento, havia uma EIDE para cada uma das seis províncias do país, com destaque para a EIDE *habanera*, considerada exemplar pelo governo (Janero, 1966, p. 38). Por haver promovido de curso cerca de 98% de seus alunos, a EIDE da província de Havana obteve o título de “*Escuela Modelo*” (Janero, 1966, p. 38). Localizada no campo esportivo “Ciro Frías”, na Regional “*10 de Octubre*”, a EIDE de Havana atendia um total de 190 alunos-atletas e contava com 16 instrutores para oito modalidades esportivas, quais sejam: basquetebol, beisebol, futebol, ginástica, ginástica artística, natação, voleibol e xadrez (Janero, 1966, p. 38). Além da infraestrutura esportiva, a EIDE *habanera* possuía salas de aula e dormitórios para os alunos (Janero, 1966, p. 39). Nas EIDEs, o curso escolar tinha as mesmas matérias e a mesma duração das escolas convencionais (Janero, 1966, p. 38). Segundo o articulista, as EIDEs estavam desempenhando a função de “*desarrollar a un gran número de nuevos y positivos valores en todas las provincias, garantizándoles a la vez un alto nivel académico*” (JANERO, 1966, p. 38). Todavia, para além da iniciação esportiva, havia uma preocupação com o comportamento dos alunos no interior das EIDEs. No que diz respeito às “*normas de disciplina dentro de las EIDE*”, a revista informa que os próprios alunos zelavam para que o comportamento de cada um deles fosse “*el mejor*” (Janero, 1966, pp. 38-39). Além das aulas do ensino regular, os alunos das EIDEs recebiam treinamento em uma determinada modalidade esportiva, segundo “*planos de estudios esportivos*” estabelecidos por comissões nacionais do INDER:

Los planes de estudios deportivos obedecen a la planificación de las comisiones nacionales del INDER y los jóvenes ahí matriculados son producto de una esmerada selección desde la base en la que prima como cosa fundamental su disciplina y actitud ante el estudio (JANERO, 1966, p. 38).

Na citação acima, nota-se a afirmação de que os alunos das EIDEs eram selecionados com base em razões esportivas e não-esportivas: além de apresentar talento e desenvoltura em algum esporte, os alunos deveriam ser disciplinados e estudiosos. Além de ser recompensado por sua “disciplina” e por sua “atitude frente ao estudo”, o aluno de uma EIDE poderia ser premiado por sua *performance* nos jogos escolares nacionais. Segundo Janero (1966, p. 38), devido ao treinamento planejado pelas comissões do INDER, os alunos das EIDEs acabavam se

destacando nos Jogos Escolares Nacionais e ocupando as melhores colocações no pódio. Tanto a premiação coletiva da EIDE de Havana como “escola-modelo” quanto a premiação individual dos melhores alunos-atletas em cada modalidade eram vistas pelo governo revolucionário como estímulos morais, destinados a educar as crianças através do esporte. Numa referência à quarta edição dos *Juegos Deportivos Escolares*, realizada ao final de agosto de 1966, o articulista afirmou o seguinte: “Será una gran competencia entre los mejores alumnos y mejores atletas, que demostrará el estímulo moral que representa el deporte en la educación integral del niño” (JANERO, 1966, p. 39).

Figura 1 - A EIDE da província de Havana (agosto de 1966)



Fonte: JANERO, 1966, p. 38.

Na reportagem supracitada, observamos uma menção às comissões do INDER, que estavam encarregadas de planificar o treinamento nas EIDEs para cada uma das modalidades esportivas. Naquele ano, as comissões do INDER foram mencionadas novamente pela imprensa cubana, por ocasião dos jogos escolares nacionais. Simultaneamente aos jogos escolares nacionais de 1966, seria realizado em Havana um congresso de integrantes das comissões nacionais e provinciais do INDER (Pérez, 1966, p. 72). O referido congresso teria a seguinte pauta de discussões:

La agenda de este Congreso será: El Deporte Escolar como base del desarrollo deportivo, y se discutirá el calendario único; el desarrollo cíclico de la calidad deportiva; la realización de estudios de las

competências por idades en lo escolar y en lo social; la designación en las Comisiones nacionales y provinciales de los responsables de los deportes escolares; la asistencia a las áreas especiales, las EIDE y la Escuela de Superación y Perfeccionamiento Atlético [ESPA]<sup>2</sup> (Octávio Pérez apud PÉREZ, 1966, p. 72).

A agenda do congresso de comissões do INDER é sintomática daquilo que os dirigentes cubanos almejavam: a utilização do esporte escolar como base para a formação de atletas. Octávio Pérez – que era membro da direção nacional do INDER – afirmou que o governo cubano tinha a intenção de converter as EIDEs em espaços destinados à formação do “homem novo”<sup>3</sup>:

Aspiramos a que nuestras EIDE, la ESPA, las Escuelas de Natación y todas las Escuelas de deportes que se creen sean verdaderas formadoras de un hombre nuevo, del hombre del Siglo XXI que nos hablara nuestro Comandante Che Guevara, de un verdadero hombre comunista (Octávio Pérez apud PÉREZ, 1966, p. 72).

Observamos que os porta-vozes do Estado cubano passaram a justificar a existência de tais escolas por meio de uma adaptação ao setor esportivo do discurso guevarista sobre o “homem novo”. Na segunda metade da década de 1960, as EIDEs tornaram-se espaços de aplicação de estímulos morais através da oferta de recompensas (individuais e coletivas) de caráter simbólico, como títulos e diplomas de reconhecimento público. Além do mais, observamos que havia entre as EIDEs uma espécie de emulação pedagógica, em decorrência da qual seriam premiadas com o título de “Escola Modelo” aquelas escolas cujos alunos apresentassem os maiores índices de aprovação nas matérias do ensino regular:

Las Escuelas de Iniciación Deportiva que alcanzaron la más alta promoción fueron las de Oriente Norte con 100%, La Habana con 98%; Pinar del Río con 97%; y Las Villas con 96%. Por haber cumplido los distintos índices fueron proclamadas Escuelas Modelos las de Oriente Norte, Las Villas y La Habana (Octávio Pérez apud PÉREZ, 1966, p. 72).

<sup>2</sup> Fundada em 1965, a ESPA é um espaço onde “todas as equipes que representam Cuba nas competições internacionais” recebem treinamento, alimentação, roupa e “moradia de alta qualidade” (PETTAVINO & PYE, 1994, p. 142).

<sup>3</sup> O conceito de “homem novo” foi utilizado por Ernesto “Che” Guevara em seu manuscrito intitulado “*El socialismo y el hombre en Cuba*” (1965), segundo o qual seria preciso realizar um esforço no sentido de modificar a consciência e a conduta das pessoas durante o processo de transição para o socialismo em Cuba: “*Para construir el comunismo, simultáneamente con la base material hay que hacer al hombre nuevo*” (GUEVARA, 1979, p. 631). Em Cuba, o conceito de “homem novo” esteve sempre articulado a um “*modelo de conducta ejemplar*”, marcado por “*valores ético-morales*” e por uma “*ética sacrificial*” (Carnovale, 2023, p. 142).

Além da EIDE *habanera*, mais duas EIDEs receberam naquele ano o título de “Escola Modelo”, isto é, metade das EIDEs existentes à época foram consideradas exemplares. Estamos diante de um exemplo de estímulo moral com base na recompensa para o esforço de uma coletividade escolar: o título e a homenagem são rendidos à escola, e não a pessoas tomadas isoladamente. Em todo caso, nem todos os estímulos morais empregados nas EIDEs eram necessariamente coletivos; alguns deles visavam a premiação de alunos que se destacaram individualmente por seu desempenho, por sua disciplina e por sua conduta. Na imprensa cubana, encontramos registros de que os alunos-atletas mais destacados de cada EIDE recebiam o título de aluno “vanguarda”, como foi o caso de Francisco Reinoso, 16 anos, aluno da EIDE de Santa Clara que foi escolhido como “*Atleta Ejemplar*” dos jogos escolares de 1966, descrito da seguinte maneira pela imprensa cubana:

Alfabetizó en la Sierra de Cubitas y en Vertientes, recogió café en 1963. Es miliciano y monitor deportivo. Vanguardia en la Escuela de Iniciación Deportiva Escolar (EIDE) “Jorge Agostini” de Santa Clara, fue seleccionado para ingresar en la Escuela de Superación para el Atleta (ESPA) (MARCOS, 1966, p. 56).

Professor-alfabetizador, miliciano, trabalhador voluntário e monitor esportivo: eis o perfil, apresentado como exemplar, de um aluno da EIDE que fora escolhido para ingressar na ESPA e representar Cuba nas competições internacionais.

### **Ampliação e reorganização das EIDEs na década de 1970**

Com base na estatística oficial, observamos que a segunda metade da década de 1970 foi um período de ampliação das EIDEs, seja através da construção de novas escolas esportivas, seja através da ampliação das existentes. Nos últimos anos da década de 1970, houve um aumento no número de matrículas nas EIDEs: em 1978, 8.922 matrículas; em 1979, 8.979 matrículas; e, em 1980, 9.460 matrículas (Rodríguez, 1986, pp. 44-45). O número de matrículas nas EIDEs continuaria aumentando até o ano de 1983, diminuindo de 13.176 para 11.950 matrículas entre 1983 e 1984 (Rodríguez, 1986, pp. 44-45). Segundo Caminada (1983, p. 37), a ampliação das EIDEs ocorreu após a nova divisão político-administrativa do país, adotada em 1976: desde então, Cuba passou a contar com um total de 12 EIDEs, das quais sete eram completamente novas. As novas EIDEs eram as

seguintes: Pinar del Río, Matanzas e Camaguey, cada uma com capacidade para mil alunos; Villa Clara, Holguín e Santiago de Cuba, cada uma com capacidade para 1.500 alunos; e, por fim, Havana, com capacidade para dois mil alunos (Caminada, 1983, p. 37).

No dia 2 de setembro de 1977, houve a inauguração da EIDE Capitán Orestes Acosta, em Santiago de Cuba (Caminada, 1979, p. 19). O capitão Orestes Acosta, patrono da EIDE *santiaguera*, foi um piloto da *Fuerza Aérea* Revolucionária que morreu enquanto efetuava um voo de reconhecimento na madrugada de 14 para 15 de abril de 1961, às vésperas da invasão de *Playa Girón* (Caminada, 1979, p. 20). Dois anos depois, a referida EIDE contava com 1.527 alunos matriculados em 24 modalidades esportivas, além de 131 professores de educação física e esportes (Caminada, 1979, p. 19). Quando de sua fundação, a EIDE Capitán Orestes Acosta atendia não apenas a província de Santiago de Cuba, mas também a província de Guantánamo, que ainda não tinha a sua própria EIDE (Diego, 2007, p. 158). No ato da inauguração, Fidel Castro fez um longo pronunciamento<sup>4</sup>, durante o qual discorreu acerca da infraestrutura da EIDE *santiaguera*, constituída pelas seguintes instalações: dois edifícios docentes; três dormitórios; uma cozinha-restaurante; um ginásio poliesportivo com instalações para basquetebol, voleibol, ginástica, ginástica rítmica, luta, judô, levantamento de pesos, esgrima, boxe, tênis de mesa e xadrez; uma piscina de 50 metros; uma piscina de 25 metros; um tanque de mergulho; três quadras de basquetebol; quatro quadras de voleibol; três quadras de tênis; uma quadra de handebol; dois campos de beisebol (um deles em andamento e outro já concluído); um campo de beisebol infantil; uma pista de 400 metros; dois campos de futebol (ambos em andamento); uma pista de 300 metros (em andamento); um velódromo (em andamento); e um anfiteatro (em andamento). Segundo o presidente cubano, a EIDE Capitán Orestes Acosta apresentava a seguinte relação de matrículas por modalidade esportiva: xadrez (41); atletismo (166); basquetebol (97); handebol (45); beisebol (64); boxe (88); ciclismo (39); mergulho (26); esgrima (79); futebol (94); ginástica (56); ginástica rítmica (38); judô (39); *kayac* (18); levantamento de pesos (35); luta (74); nado sincronizado (28); natação (107); pólo aquático (62);

---

<sup>4</sup> O referido pronunciamento de Fidel Castro encontra-se disponível no *link* a seguir: <http://www.fidelcastro.cu/es/discursos/discurso-pronunciado-en-la-inauguracion-de-la-escuela-de-iniciacion-deportiva-escolar-ei-0>.

remos (28); tênis de campo (56); tênis de mesa (37); tiro (60); vela (16); voleibol (107). Outrossim, Fidel Castro afirmou que o governo tinha planos de construir uma EIDE por província, de modo a contemplar todas as novas províncias, criadas em meados da década de 1970. Mesmo nas províncias menores, a expectativa era de que cada EIDE tivesse não menos do que mil alunos. Fidel Castro afirmou que, além da EIDE Capitán Orestes Acosta, outras EIDEs estavam quase prontas em Camaguey, Havana, Holguín e Matanzas. Quando todas as EIDEs estivessem prontas, haveria nelas capacidade para aproximadamente 18 mil alunos, segundo o prognóstico do presidente cubano. Após apresentar uma série de números e informações referentes às EIDEs e ao esporte escolar no país, Fidel Castro interpelou o público a fazer comparações não apenas entre o antes e o depois da revolução, mas também entre Cuba e os demais países do Terceiro Mundo:

¿Qué país hermano de América Latina y del Caribe cuenta con instituciones como esta? ¿Qué país hermano en este hemisferio cuenta con un Instituto Superior de Educación Física y Deportes? ¿Qué país va a tener 14 ó 15 escuelas de profesores de educación física y deportes? ¿Qué país va a tener una escuela de iniciación deportiva por provincia? ¿Y qué país hermano en este hemisferio, o en los países subdesarrollados del llamado Tercer Mundo, cuenta con estas instituciones y con un movimiento deportivo como el nuestro? ¿Cuándo soñó nuestra patria, y cuándo soñó nuestra juventud con instituciones como esta, que solo la Revolución podía crear? ¿Creen ustedes que los hijos de los burgueses tenían esas instituciones, que tenían escuelas como esas, instalaciones como esas; un centro donde se combina, como aquí, el estudio, la educación general y la práctica del deporte? ¿Creen ustedes que hubo jamás en Cuba escuelas con más de 130 cuadros e instructores deportivos, además de los maestros y profesores de primaria, secundaria y pre con que cuenta esta escuela? ¡Y qué gran cosa saber que todas las provincias de nuestro país tendrán instituciones como estas! ¡Nunca hubo en Cuba nada que se pareciera a eso! Digamos: ¡Nunca hubo en Cuba ni una miserable escolita deportiva! (APLAUSOS) Eso es lo que significa la Revolución: la posibilidad de que los hijos de nuestros trabajadores, nuestros obreros y nuestros campesinos, dispusieran de escuelas como jamás las tuvieron en nuestro país ni los hijos de los burgueses.

O contraste entre o passado e o presente, mas também o contraste entre países congêneres, foram apresentados pelo presidente cubano como fonte de

legitimidade da Revolução e, por consequência, do governo que a reivindicava. Com a criação das EIDEs, Fidel Castro tinha a expectativa de aumentar a quantidade de vitórias cubanas nas competições internacionais: “... *el deporte no solo alcanzará un extraordinario auge en nuestro país, sino que nuestro pueblo tendrá un lugar cada vez más destacado en las competencias internacionales*”. Embora as EIDEs estivessem voltadas para a formação de esportistas, observamos no discurso de Fidel Castro uma série de enunciados relativos à postura, ao comportamento e ao perfil ideológico dos aluno-atletas:

Hay una cuestión, y es que los alumnos de estas escuelas se deben caracterizar por su disciplina. ¿Estamos de acuerdo? Ustedes saben que en Cuba cada joven tiene su tarea. [...] A ustedes les corresponden tres horas de entrenamiento físico y deportes diariamente. Para ser un buen deportista se requiere disciplina, en primer lugar; se requiere carácter, se requiere interés, pasión por el deporte; y se requiere, sobre todo, voluntad. Porque si a un corredor le dicen que tiene que correr veinte pistas diariamente, tiene que hacer las veinte pistas; y si le dicen que hay que nadar cincuenta veces la piscina, tiene que nadar cincuenta veces la piscina, o cien veces. Yo no soy entrenador de natación, pero me imagino cómo es la cosa. Eso requiere perseverancia, requiere valentía y requiere voluntad. Nuestro país, nuestra Revolución, nuestro sistema, el socialismo, inculca al hombre un espíritu especial de trabajo y de lucha. Nuestros atletas tienen que caracterizarse también por ese alto espíritu revolucionario, como corresponde a un atleta socialista, a un atleta comunista (APLAUSOS).

Tendo em vista a citação acima, é de se pensar que persistia ainda, no interior das EIDEs, um esforço cotidiano no sentido de conjugar iniciação esportiva e politização em um contexto educativo. No final da década de 1970, mais de uma década após a criação das EIDEs, continuava hegemônica a ideia de que não se podia conceber um bom esportista que não fosse também um bom estudante e um bom revolucionário. Segundo Caminada (1979, p. 20), o principal objetivo das EIDEs era “*contribuir al desarrollo intelectual, físico, técnico, moral, estético y político de nuestros deportistas, con vistas a la formación de un hombre capaz de conducirse activa y conscientemente en la Nueva Sociedad*”.

Figura 2 - Fidel Castro, durante a inauguração da EIDE Mártires de Barbados (6 de outubro de 1977)



Fonte: JIT<sup>5</sup>.

Em janeiro de 1978, a revista *LPV* publicou um artigo anunciando a construção da EIDE Pedro Díaz Coelho, localizada a 2,5 km da cidade de Holguín (Rodríguez, 1978, p. 20). A EIDE recém-construída atendia 1.503 estudantes, dos quais 405 eram mulheres (Rodríguez, 1978, p. 20). Porém, a EIDE *holguinera* ainda não contava com instalações esportivas próprias: seus alunos eram transportados para a capital da província a fim de realizar as sessões de treinamento esportivo (Rodríguez, 1978, p. 21). Segundo a previsão do INDER, até julho de 1978 seria concluída a construção das instalações da EIDE Pedro Díaz Coelho, quais sejam: três piscinas (uma olímpica, uma de mergulho e uma de treinamento); uma pista de ciclismo; uma pista de atletismo; três quadras de basquete; três quadras de voleibol; dois campos de beisebol; um campo de futebol; um campo de tiro; e um ginásio “*bajo techo*” para nove modalidades esportivas (Rodríguez, 1978, p. 21).

Paralelamente à construção de novas EIDEs, a segunda metade da década de 1970 notabilizou-se pela criação das micro-EIDEs. No início de 1978, a revista *LPV* publicou um artigo sobre a micro-EIDE do município de Contramaestre, província de Santiago de Cuba. O referido artigo inicia com uma frase de Fidel Castro, pronunciada durante a inauguração da EIDE Orestes Acosta, no município de Santiago de Cuba: “*Si queremos vigorizar el movimiento deportivo, y si queremos que*

<sup>5</sup> Ilustração disponível em: <https://www.jit.cu/NewsDetails.aspx?idnoticia=502111>

*nuestro país ocupe un destacado lugar internacionalmente en el deporte, es necesario apoyarse, sobre todo, en el deporte escolar*” (Fidel Castro apud GUIBERT, 1978, p. 23). Na frase de Fidel Castro, observamos que as políticas públicas de esporte escolar estavam subordinadas a uma estratégia governamental que abrangia a consolidação da imagem internacional de Cuba enquanto potência esportiva. Naquele momento, a micro-EIDE José A. Labrador, do município Contramaestre, contava com 520 alunos do 7º ao 9º grau, que recebiam aulas regulares num período e treinamento esportivo no período contrário (Guibert, 1978, p. 23). Os aspectos técnicos, mais propriamente relativos ao treinamento esportivo, eram de responsabilidade do INDER, enquanto os aspectos pedagógicos, mais propriamente relativos à organização e ao funcionamento do ensino, eram de responsabilidade do MINED (Guibert, 1978, p. 23). Os alunos provinham de todas as regiões da província de Santiago de Cuba e podiam optar entre 14 modalidades esportivas (Guibert, 1978, p. 23). Os melhores alunos da micro-EIDE seriam promovidos à EIDE provincial, *“donde continuarán perfeccionándose en sus respectivas disciplinas deportivas”* (GUIBERT, 1978, p. 23).

Ao final da década de 1970, o governo cubano continuava enxergando o esporte escolar como algo diretamente atrelado ao esporte de alto rendimento, ao passo que as escolas continuavam a ser pensadas como *“canteras”* de atletas, isto é, instâncias propícias para dar início à formação dos futuros atletas que iriam representar Cuba no exterior. Em janeiro de 1979, durante a reunião nacional de balanço e prestação de contas do INDER, o diretor-geral de esportes Jorge García Bango<sup>6</sup> afirmou que as futuras gerações de atletas cubanos já estavam sendo preparadas no interior do sistema escolar, o que incluía as EIDEs e a ESPA, além das escolas primárias e secundárias:

Pensemos que los atletas que competirán en los Juegos Olímpicos de Los Angeles, Estados Unidos, en 1984 está hoy desarrollándose en la ESPA y las EIDE; los que participarán en las Olimpiadas y eventos regionales programados sucesivamente en los propios ciclos olímpicos a partir de 1984, están hoy en nuestras escuelas primarias y secundarias y en nuestras áreas especiales; los que participarán en el año 2000 están hoy en nuestros Círculos Infantiles, en los programas de matrogimnasia y en los primeros grados de nuestras escuelas primarias (Jorge García Bango apud MASTRASCUSA,

---

<sup>6</sup> Jorge García Bango foi diretor-geral de esportes em Cuba entre janeiro de 1967 e março de 1980, tendo sido o dirigente que permaneceu mais tempo à frente do INDER.

1979, p. 18).

Entre as metas do INDER para o ano de 1979, observamos a meta de aperfeiçoar as EIDEs, pré-EIDEs<sup>7</sup> e micro-EIDEs, associando-as ao chamado “*Deporte de Alto Rendimiento*” (MASTRASCUSA, 1979, p. 12). Naquele momento, o governo cubano propunha-se a “*luchar con todas las fuerzas en la búsqueda y preparación*” de novos talentos esportivos que, além de serem substitutos à altura da presente geração de atletas cubanos, consigam melhorar os resultados em esportes como o basquetebol e a natação, de modo a retirar das mãos dos “*yanquis los títulos Panamericanos que hoy ostentan*” e prestar “*un digno homenaje a nuestro pueblo revolucionario y trabajador*” (MASTRASCUSA, 1979, p. 12).

### **Sobre a criação dos Concentrados Deportivos**

Paralelamente à construção de infraestrutura para novas EIDEs, o governo cubano deu origem aos *Concentrados Deportivos*, criados no interior de *Escuelas Secundarias Básicas en el Campo* (ESBECs)<sup>8</sup> com o objetivo de democratizar o acesso à iniciação esportiva nas áreas rurais (Pettavino & Pye, 1994, p. 141). Segundo Valentin (2024, p. 510), os *Concentrados Deportivos* surgiram por efeito da resolução nº 563 do MINED, promulgada em meados de 1976. Passamos, a partir de agora, a nos debruçar tão somente sobre os artigos da resolução nº 563/76 que faziam menção aos *Concentrados Deportivos*.

---

<sup>7</sup> As primeiras pré-EIDEs foram criadas entre os anos de 1976 e 1977 e atendiam crianças de seis a doze anos de idade (Pettavino & Pye, 1994, p. 134).

<sup>8</sup> Segundo Carnoy & Werthein (1984, p. 116), as ESBECs eram escolas secundárias (do sétimo ao décimo ano), formadas, em sua maioria, por estudantes oriundos da cidade, que conciliavam trabalho e estudo no campo durante todo o ano letivo. Os estudantes permaneciam na ESBEC em regime de internato, visitando a família aos finais de semana (Carnoy & Werthein, 1994, p. 117).

Figura 3 - Fidel Castro jogando basquetebol em uma ESBEC, no início da década de 1970



Fonte: DIEGO, 2007, p. 101.

No primeiro artigo da referida resolução, ficou especificado que os meses de outubro e novembro de 1976 seriam aproveitados para a realização de “*competencias o pruebas especiales en todos los centros docentes del país al objeto de detectar los mejores valores deportivos entre el alumnado*” (HERNANDEZ, 1976, p. 31). Tais competições seriam organizadas em parceria “*con la instancia correspondiente del INDER*”, isto é, as competições municipais seriam acompanhadas pelas direções municipais do INDER, as competições regionais pelas direções regionais do INDER, e assim por diante (Hernandez, 1976, p. 31). No segundo artigo, ficou especificado que, antes do dia 20 de dezembro, os diretores das escolas teriam que enviar para seus superiores, e estes teriam que enviar para o INDER, uma “*relación nominal por grado*” dos alunos que tivessem “*demostrado las mejores aptitudes en las diferentes competencias y pruebas deportivas*” e que, além do mais, apresentassem

“*las características biotípicas más significativas para desarrollar un deporte determinado*” (HERNANDEZ, 1976, p. 31). No quarto artigo, ficou estabelecido que, nas escolas secundárias e pré-universitárias no campo, os “*alumnos atletas*” – selecionados nas competições escolares especificadas no primeiro artigo – seriam agrupados “*en una o varias escuelas cercanas a la zona de residencia con el propósito de recibir entrenamiento deportivo especial*”, cabendo ao MINED e ao INDER a tarefa de realizar um “*estudio sobre la posible agrupación de los alumnos seleccionados sobre la base de su voluntariedad*” (HERNANDEZ, 1976, p. 31). No quinto artigo, ficou estabelecido que, para a implantação dos *Concentrados Deportivos*, seriam selecionadas as escolas rurais cujas instalações esportivas apresentassem “*las mejores condiciones de construcción y mantenimiento*”; tais escolas seriam providas com “*los instructores de mayor capacidad y experiencia*” e “*lo mejor equipamiento deportivo*” à disposição do INDER (Hernandez, 1976, p. 31). Ainda no quinto artigo, ficou especificada a seguinte recomendação, relativa à ampliação e ao aprimoramento da infraestrutura esportiva nas escolas rurais selecionadas: “*Debe considerarse la posibilidad de mejorar, ampliar y diversificar las instalaciones deportivas en estos centros*” (HERNANDEZ, 1976, p. 31). No sexto artigo, ficou estabelecido que, no início de cada curso escolar, os alunos-atletas seriam transferidos para as escolas rurais selecionadas para o treinamento, desde que com a autorização dos familiares, após o devido diálogo com eles sobre “a importância educacional e política desta medida” (HERNANDEZ, 1976, p. 31). No sétimo artigo, os “*directores provinciales de educación*” foram autorizados a transferir os “*mejores valores deportivos*” para as EIDEs provinciais, conforme a solicitação do INDER, de tal maneira que cada *Concentrado Deportivo* tornar-se-ia uma espécie de ante-sala para a EIDE (Hernandez, 1976, p. 31). Por fim, no oitavo artigo, consta uma “*categoría prohibición de hacer cambios o modificaciones en el horario y frecuencia de clase dispuesto para cada centro de enseñanza*”, de modo que o treinamento dos alunos-atletas deveria ocorrer no período contrário ao das aulas e, nas escolas secundárias básicas e pré-universitárias, durante as três horas semanais dedicadas à prática esportiva (HERNANDEZ, 1976, p. 31).

Em decorrência da resolução nº 563/76, foram criados “*Concentrados Deportivos*” em algumas ESBECS, selecionadas por sua infraestrutura esportiva de boa qualidade e em bom estado de preservação. Em outubro de 1978, a revista LPV publicou uma entrevista concedida por Miguel Angel Morales, “*Coordinador Técnico del Departamento Escolar de la Dirección de Programación Deportiva del*

INDER”, sobre o ensino e a prática dos esportes no interior das ESBECs (LPV, 1978, p. 15). Para o estudante, ser selecionado para um *Concentrado Deportivo* era o “*primer paso en su futuro ingreso en las respectivas EIDE provinciales, conforme a su rendimiento y mediante selección efectuada en las Competencias Provinciales Escolares*” (Miguel Angel Morales apud LPV, 1978, p. 15). Naquele momento, havia 41 *Concentrados Deportivos* em Cuba, com um total de 4.531 estudantes (3.047 homens e 1.484 mulheres) e 204 instrutores (LPV, 1978, p. 15). Ainda segundo a revista, os esportes praticados no interior dos *Concentrados* eram as mesmas vinte e duas modalidades praticadas no interior das EIDEs (LPV, 1978, p. 15).

## Conclusões

Ao longo deste artigo, vimos que a criação das EIDEs compunha um rol de iniciativas conjuntas entre o INDER e o MINED. Estamos falando de uma parceria entre instituições governamentais que interagiram ao longo de décadas, o que reforça a tese de que o governo revolucionário partilhava do entendimento de que o esporte poderia e deveria contribuir para a educação moral das novas gerações. Na primeira metade da década de 1960, encontramos vários discursos nos quais Fidel Castro referiu-se ao papel desempenhado pelo esporte na formação do caráter, da personalidade e da consciência. Foi sob a inspiração de tais discursos que surgiram as EIDEs, de modo a dar concretude ao projeto castrista de aliar a condição de “bom atleta” e de “bom estudante” à condição de “bom revolucionário” (Valentin, 2024, p. 509).

Tão logo foram fundadas, cada uma das EIDEs passou a conter uma espécie de emulação interna, visando a premiação dos alunos-atletas que, tanto por sua conduta no interior da escola quanto por sua militância política, merecessem o título de “*Atleta ejemplar*”. Tais premiações consistiam em certificados, medalhas e homenagens públicas, numa demonstração de que os estímulos morais foram amplamente utilizados no campo esportivo, sobretudo no âmbito do esporte escolar, visando a maximização da performance esportiva e, simultaneamente, a politização dos esportistas desde a mais tenra idade. Durante os anos e décadas seguintes, o esporte seria utilizado, dentro e fora das escolas, para estimular a adoção de determinadas maneiras de agir, pensar e sentir entre os mais jovens, com vistas à formação do “homem novo”. Nesse sentido, as EIDEs foram a materialização dessa vontade governamental de elevar o nível técnico dos atletas cubanos e, ao

mesmo tempo, moralizá-los conforme uma determinada ética revolucionária. Era uma forma de agir sobre os corpos com o objetivo de modificar as consciências.

Além da emulação interna, destinada a recompensar os alunos-atletas que se destacassem tanto por seu desempenho nos esportes e nos estudos quanto por sua “conduta revolucionária”, havia uma emulação entre as EIDEs, destinada a premiar com o título de “*Escuela Modelo*” aquelas escolas de iniciação esportiva que, a cada ano letivo, apresentassem os melhores índices de rendimento escolar. Ademais, os alunos das EIDEs participavam dos jogos escolares juntamente com os alunos das escolas regulares. Sobretudo na década de 1960, quando o governo cubano enveredou pelo caminho da construção do socialismo através da utilização de estímulos morais, era fatal que os alunos das EIDEs fossem preferidos, em detrimento dos alunos regulares, na escolha daqueles que seriam premiados como os mais destacados de cada modalidade e como o “*Atleta ejemplar*” de cada edição dos jogos escolares. Era de se esperar que, em meio aos demais estudantes, os alunos-atletas iriam se destacar tanto pelo nível de excelência técnica quanto pelo nível de politização: afinal de contas, além de receberem treinamento esportivo especializado, os alunos-atletas viviam em regime de internato e, por consequência, participavam mais frequentemente de reuniões, palestras e demais atividades destinadas à formação política.

Em todo caso, para além dos objetivos pedagógicos e ideológicos, as EIDEs seriam cada vez mais atreladas à busca pela elevação da qualidade técnica dos esportistas. A criação das comissões esportivas (provinciais e nacionais) em meados da década de 1960 foi, quiçá, o primeiro passo dado no sentido de aprimorar o treinamento no interior das EIDEs e, por consequência, de elevar a qualidade técnica dos futuros atletas. No início da década de 1970, tornam-se cada vez mais frequentes os discursos de porta-vozes do governo cubano referindo-se às EIDEs como “*canteras de atletas*”, de onde saíam os futuros representantes de Cuba nas competições internacionais. Naquele momento, o governo cubano encontrava-se comprometido com a estratégia de estimular o esporte de alto rendimento sob a perspectiva de conquistar respeito no exterior, atrair parceiros e, assim, romper o isolamento político e econômico do país (Valentin, 2024, p. 521). Ao longo da década de 1970, o sistema cubano de iniciação esportiva – formado pelas EIDEs, pré-EIDEs, micro-EIDEs e *Concentrados Deportivos* – seria progressivamente atrelado à busca pela excelência e pela alta performance, ainda que permanecesse, em alguma medida, atrelado à busca pela formação do “homem novo”.

Por fim, concluímos que o processo de criação, ampliação e redefinição das EIDEs foi motivado, em última instância, por interesses do campo esportivo e do campo político. Em Cuba, o esporte serviu a interesses políticos e, inversamente, a política serviu a interesses esportivos. Nessa relação dialética entre o político e o esportivo acreditamos haver encontrado uma chave explicativa para a história das EIDEs. Embora visassem a realização de objetivos típicos do campo esportivo, tais como a iniciação esportiva e a diversificação das práticas esportivas, as EIDEs visavam também a realização de objetivos estritamente políticos, tais como a formação do “homem novo” e a superação do isolamento internacional de Cuba.

## Referências

- BUNCK, Julie Marie. The politics of sports in revolutionary Cuba. *Cuban Studies*, v. 20, 1990, pp. 111-131.
- CAMINADA, Jaime. Bastión del futuro. *LPV*, Havana, n. 892, pp. 18-21, 24 jul. 1979.
- CAMINADA, Jaime. El deporte en las EIDE. *El Deporte*, Havana, n. 158, pp. 34-37, 30 set. 1983.
- CARNOVALE, Vera. Guevarismo y hombres nuevos en América Latina. *Nueva Sociedad*, n. 304, pp. 134-147, 2023.
- CARNOY, Martin; WERTHEIN, Jorge. Cuba: mudança econômica e reforma educacional. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAPPELL, Robert. Sport in Cuba: before and after the “wall” came down. *The Sport Journal*, 3 jan. 2004, pp. 1-15.
- DIEGO, Mário Torres de. Fidel y el deporte. Havana: Editorial Deportes, 2007.
- GUEVARA, Ernesto. *Obra revolucionaria*. 8. ed. Cidade do México: Ediciones Era, 1979.
- GUIBERT, Jorge Luis. La micro-EIDE en Contramaestre. *LPV*, Havana, n. 813, p. 23, 1978.
- HERNANDEZ, Alberto. Pedagogía y deportes. *LPV*, Havana, n. 753, pp. 30-31, 23 nov. 1976.
- JANERO, José. La EIDE de La Habana: una escuela modelo. *Bohemia*, Havana, n. 30, pp. 38-39, 5 ago. 1966. Disponível em: <https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/UF00029010/03203.LPV>. La ESBEC y su EF, n. 850, pp. 14-17, 3 out. 1978.
- MARCOS, Julio. Competencia escolar: millón y medio. *Revista CUBA*, Havana, n. 54, pp. 54-57, out. 1966. Disponível em: <https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00068206/00054>.

MASTRASCUSA, Francisco. Reunión Nacional de Análisis y Orientación del Trabajo en el INDER. LPV, Havana, n. 867, pp. 4-21, 30 jan. 1979.

PÉREZ, Ciro. Los deportes. Bohemia, Havana, n. 32, pp. 72-75, 12 ago. 1966. Disponible em: <https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/UF00029010/03204>.

PETTAVINO, Paula; PYE, Geralyn. Sport in Cuba: the diamond in the rough. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1994.

PICKERING, Ron. Cuba. IN: RIORDAN, James (org.). Sport under communism. Canberra: Australian University Press, 1978, pp. 141-174.

RODRIGUEZ, Miguel Llaneras. Cuba: 25 años de deporte revolucionario. Havana: Mensaje Deportivo, 1986.

RODRÍGUEZ, Reynaldo Lopez. Bastión de futuros atletas. LPV, Havana, n. 811, pp. 20-21, 3 jan. 1978.

SUÁREZ, Milene Soto; LOUREDA, Maria Victoria Zardoya.; LABRADA, Flora de los Ángeles Morcate. Educación. IN: CUADRA, Manuel (org.). La arquitectura de la Revolución Cubana (1959-2018). Kassel: Kassel University Press, 2018, pp. 145-177.

VALENTIN, Renato Beschizza. História das políticas públicas de esporte em Cuba (1959-1980). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2024.

## A morte de um burocrata: leituras cubanas sobre a burocracia (1963-1967)

Rodrigo Tavares<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-1035-7973

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa é analisar as diferentes leituras sobre o tema da burocracia no regime cubano no período 1963-1967. As fontes são os escritos de Che Guevara, editoriais e charges do jornal *Granma*, e o filme de Tomás Gutiérrez Alea, *A morte de um burocrata*, de 1966. O artigo conclui que os diferentes atores sociais têm visões diferentes do problema da burocracia e mostra como o regime cubano buscou enquadrar determinada visão sobre o filme de Tomás Gutiérrez Alea, reduzindo seu efeito crítico por meio da publicação de diversas charges no jornal *Granma*.

43

**Palavras-chave:** Burocracia. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. *Granma*.

---

<sup>1</sup> Rodrigo Tavares é Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2004). Possui especialização em Arquivologia pelo IEB/USP (2000) e em Tradução pelo Citrat/USP (2000). É professor adjunto da Universidade Federal do Paraná desde 2011.

**Abstract:** The objective of this research is to analyze the different readings on the theme of bureaucracy in the Cuban regime in the period 1963-1967. The sources are the writings of Che Guevara, editorials and cartoons of the newspaper Granma, and the film by Tomás Gutiérrez Alea, *Death of a Bureaucrat*, from 1966. The article concludes that the different social actors have different visions of the problem of bureaucracy and shows how the Cuban regime sought to frame a certain view of Tomás Gutiérrez Alea's film by reducing its critical effect through the publication of several cartoons in the Granma newspaper.

44

---

**Keywords:** Burocracy. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. Granma.

**Resumen:** El objetivo de esta investigación es analizar las diferentes lecturas sobre el tema de la burocracia en el régimen cubano en el período 1963-1967. Las fuentes son los escritos del Che Guevara, editoriales y caricaturas en el periódico Granma, y la película de Tomás Gutiérrez Alea de 1966 Muerte de un burócrata. El artículo concluye que los diferentes actores sociales tienen visiones diferentes sobre el problema de la burocracia y muestra cómo el régimen cubano buscó enmarcar una determinada visión de la película de Tomás Gutiérrez Alea, reduciendo su efecto crítico a través de la publicación de varias caricaturas en el periódico Granma.

45

---

**Palabras clave:** Burocracia. Ernesto Che Guevara. Tomás Gutiérrez Alea. Granma.

O jovem Marx se viu envolto pela burocracia na sua vida e desenvolveu uma reflexão teórica sobre ela. Embora Weber seja o autor mais citado quando o conceito de burocracia é tratado, Marx também se preocupou com a questão e notava que o fenômeno era uma relação social que dominava os próprios responsáveis pelas decisões, e afirmava, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, que: “A burocracia tem a posse da essência do Estado, da essência espiritual da sociedade; esta é sua propriedade privada. O espírito universal da burocracia é o segredo, o mistério; guardado em seu interior por meio da hierarquia e, em relação ao exterior, como corporação fechada” (MARX, 2015, p. 66). E acrescenta, “é um círculo do qual ninguém pode escapar. Sua hierarquia é uma hierarquia do saber. A cúpula confia aos círculos inferiores o conhecimento do particular, os círculos inferiores confiam à cúpula o conhecimento do universal e, assim, eles se enganam reciprocamente” (Ibidem).

Marx nota, também, que todas as revoluções, até então, haviam aperfeiçoado a máquina burocrática em vez de destruí-la, mas acreditava que o fim dos meios privados de produção aboliria a burocracia. Assim, acabou por minimizar o aumento do número de funcionários da administração no capitalismo e não considerou a hipótese de que o fim do controle dos meios de produção pela burguesia não abolisse a burocracia (BOTTOMORE, 2001, pp. 40-41). Considerando os regimes comunistas efetivamente existentes na história, a burocracia cresceu. No movimento operário, uma das críticas recorrentes dos anarquistas ao movimento comunista era o papel da burocracia e do Estado.

O tema da burocracia não poderia deixar de estar presente na Revolução Cubana, adicionando sua especificidade. O filme *A morte de um burocrata*, de 1966, traz a visão do cineasta cubano Tomás Gutiérrez Alea sobre o problema a partir da experiência revolucionária da ilha caribenha. Sucesso de público, com 1,4 milhões de espectadores, é considerado pela crítica um dos melhores filmes da história do cinema cubano. É importante analisar *A morte de um burocrata* relacionando-o com o debate sobre o tema do burocratismo que ocorria em Cuba, especialmente nos escritos de Che Guevara e no jornal *Granma*, órgão do regime cubano. Che Guevara, em 1963, já estava preocupado com a questão, apontava suas causas e propunha uma guerra contra o burocratismo, enquanto o periódico *Granma* publicou editorial sobre o assunto e uma série de charges utilizando a figura do burocrata. Esse é o corpus documental a ser analisado.

A crítica mordaz empreendida pelo filme será analisada em diálogo com essa leitura do fenômeno empreendida por Che Guevara, em 1963, e também pela leitura textual e iconográfica feita pelo *Granma* antes e depois do lançamento do filme. Um movimento de aproximações e distanciamentos entre as visões sobre a burocracia na ilha.

A relação com Che Guevara é importante por ele enfatizar o papel da burocracia e do ardor revolucionário na Revolução Cubana. Che também dava importância aos desenhos na imprensa como forma de educar o cidadão e formar o homem novo: no movimento guerrilheiro, fez grande esforço logístico para fornecer os materiais aos desenhistas (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 90). Já Tomás Gutiérrez Alea também tem uma relação direta com as artes gráficas. Ele foi desenhista de revistas revolucionárias (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 87) e um ateliê de artes gráficas é um local importante no enredo do filme.

## Che Guevara

Ao analisar a evolução histórica da burocracia em Cuba após a revolução, Che Guevara aponta o caráter guerrilheiro do movimento como razão para a repetição desse padrão na administração do Estado. Assim, um “guerrilhismo” na administração do Estado, em que só os grandes *slogans* eram seguidos e, muitas vezes, interpretados de maneiras diferentes. Já os problemas efetivamente concretos “estavam sujeitos ao livre-arbítrio de cada um dos dirigentes” (GUEVARA, 1967, p. 138).

Nesse sentido, foi “imprescindível modificar totalmente o estilo de trabalho [...] [e] organizar o Estado de forma racional, utilizando as técnicas de planificação conhecidas dos países socialistas irmãos” (GUEVARA, 1967, p. 138). Ressalta, Che Guevara, todavia, que “o burocratismo, evidentemente, não nasce com a sociedade socialista nem é um componente obrigatório dela” (GUEVARA, 1967, p. 139).

Já para analisar a situação da burocracia em Cuba, em 1963, Che Guevara (GUEVARA, 1963) apontava como causas do burocratismo a falta de “motor interno” (“a falta de interesse do indivíduo de trabalhar para o Estado [...] se baseia numa falta de consciência revolucionária ou, em todo o caso, no conformismo frente a tudo que anda mal”); a falta de organização (“sem método, boa parte dos funcionários vê como solução o pedido de mais funcionários para

resolver o problema”); e a falta de “conhecimentos técnicos suficientes para tomar decisões justas em pouco tempo, que é suprida por uma larga série de reuniões, o ‘reunionismo’” (GUEVARA, 1967, pp. 139-140). E conclui pedindo “Guerra ao burocratismo. Agilização do aparato estatal. Produção sem travas e responsabilidade pela produção” (GUEVARA, 1967, p. 142).

A questão do burocratismo estava dentro de um contexto de debate econômico vivido por Cuba naquele período sobre o modelo de desenvolvimento. Um dos assessores econômicos de Che Guevara censurou o fato de Cuba

copiar mecanicamente experiências de países irmãos [...] [e isto pareceu] um erro, não muito grave, não dos mais graves, mas um erro que freou o desenvolvimento livre de nossas forças e contribuiu a um dos fenômenos que mais devem se combater numa revolução socialista: o burocratismo (BANDEIRA, 2009, p. 544).

O debate incluía, de um lado, defensores do

cálculo econômico, ou seja, um sistema de autogestão financeira das empresas [...] [que incluía] uma firme contabilidade, o aumento dos incentivos ao trabalho, mais resoluta liberação de preços e maior descentralização da economia, ou seja, em certa medida, o restabelecimento das leis do mercado (BANDEIRA, 2009, p. 544).

Contra essa visão, Che Guevara entendia que a socialização dos meios de produção mudava a lei do valor:

defendeu a instituição de um sistema de financiamento orçamentário da indústria, centralizado pelo Estado, como a forma mais eficiente de queimar a etapa da transição para chegar ao comunismo, aproveitando os avanços existentes na contabilidade geral das empresas capitalistas, em um país pequeno, como Cuba, com boas comunicações, não somente terrestres e aéreas, mas também telefônicas e radiofônicas, o que permitia um controle contínuo e cotidiano. A centralização, para Guevara, cujo pensamento econômico pautou-se, durante todo aquele tempo, pelo anseio de desenvolver Cuba através da industrialização, significava ter uma quantidade de decisões a níveis hierárquicos superiores, uma vez que possibilitaria não apenas o aproveitamento mais racional dos recursos nacionais, como também maior racionalização de todo o aparelho administrativo do Estado, forçando a criação de unidades maiores dentro de limites adequados, que poupassem força de trabalho e aumentassem a produtividade dos trabalhadores. Este sistema único tornava todo o ministério [...] uma grande empresa, o que permitia simplificar o controle dos investimentos (BANDEIRA, 2009, p. 544).

Já o modelo soviético implicava

o estabelecimento de estímulos materiais nos quais as tendências ao burocratismo se entranhavam. Esse sistema [...] fomentando a concorrência [...] conduzia ao capitalismo do início do século, em que elas [as empresas] seriam regidas não pelos interesses sociais, mas pela rentabilidade, ou a um socialismo distorcido, marcado pela competição e não pela solidariedade. “A mim o socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa”, dizia Che Guevara (BANDEIRA, 2009, p. 545).

Luiz Bernardo Pericás (2018) discute em detalhes o debate econômico em Cuba e o papel de Che Guevara. Segundo o autor,

Os estímulos morais cumpririam, assim, o papel de criar um “espírito de grupo” e uma “consciência” da importância de cada trabalhador na construção do socialismo. Esse ímpeto revolucionário, premiado com bônus, medalhas e diplomas, seria valorizado em todo o território e induziria outros a seguir o exemplo dos proletários mais dedicados. É claro que os estímulos materiais ainda seriam necessários, tendo em vista que a nação estaria passando por uma fase de transição e lidando com homens da antiga sociedade. Mas, para [...Che Guevara], estes deveriam ser aplicados com restrições, sempre como coadjuvantes dos “morais” e eliminados aos poucos. Além disso, a prioridade teria de ser dada aos estímulos materiais de cunho social, como a ajuda a centros de trabalho que demonstrassem maior dedicação em relação ao socialismo, na construção de casas, escolas e centros de saúde, além da regulação de salários por aptidões dos proletários e oferta de melhores condições de estudo para estes aprimorarem seu nível técnico. A intenção do Che era eliminar gradualmente os incentivos materiais principalmente a partir de condições concretas, como o aumento do acesso aos bens de consumo no país. De qualquer modo, ele estava ciente das implicações de seu projeto. Em termos comparativos, para ele, mesmo não havendo uma forma de medição nem cálculos sobre esse assunto, num prazo relativamente curto o desenvolvimento da “consciência” traria resultados mais favoráveis em termos econômicos que o estímulo material (PERICÁS, 2018, pp. 154-155).

### **Tomás Gutiérrez Alea**

Tomás Gutiérrez Alea teve, no Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), apoio para a produção cinematográfica. Ao contrário do que ocorria na URSS, o ICAIC permitia um ambiente com certo grau de

autonomia, discussão e experimentação estética. O próprio Tomás Gutiérrez Alea acreditava no papel do cinema como consciência crítica da revolução: “Alea é aqui um diretor já experiente e renomado, tanto quanto cineasta, quanto como teórico fílmico, além de um homem relevante em se tratando do debate público sobre o país e sua cultura política” (GUILHÃO, 2019, p. 84). O período é propício para a discussão, como aponta Alexandre Guilhão:

quando do lançamento de *La Muerte* [...] os revolucionários estavam no poder há sete anos. Em termos comparativos é um ano a menos do que o dobro de um mandato liberal-democrático na maior parte das democracias ocidentais. Já temos aqui críticas acirradas e inconformidades em diferentes setores da sociedade e mesmo dentro do Estado (GUILHÃO, 2019, p. 84).

Tomás Gutiérrez Alea, ao comentar sobre a origem do filme e sua agonia em relação aos problemas burocráticos, afirma:

Cheguei a um ponto em que me senti tão agoniado que tinha ânsias de ‘justiçar’ um burocrata. Tinha acumulado muitas situações de violência reprimida. Os problemas do cotidiano aumentavam e eu vivia irritado. Até que, numa noite, fui assistir a uma filmagem de Octávio Gomez e me encontrei com Hector García Mesa, que também andava se queixando. Começamos a caçoar das situações que estávamos vivendo e daí surgiu *A morte de um burocrata* (*apud* GUILHÃO, 2019, p. 84).

E, refletindo sobre a situação burocrática, Alea afirmava:

quando não há possibilidades, na prática, de solucionar alguns problemas, algumas pessoas começam a agir de maneira absolutamente formal. Separam os verdadeiros objetivos das formalidades, se preocupam com os resquícios externos sem resolver o fundamental. Então, prolifera a burocracia” (*apud* GUILHÃO, 2019, p. 85).

Com relação ao enredo do filme *A morte de um burocrata*, o “obrero exemplar” Francisco Perez tinha uma marmoraria e criou uma máquina de produzir bustos com objetivo de fazer cada família cubana ter sua própria estátua de José Martí. Após um defeito da máquina, ele acaba entrando dentro dela e vira, também, um busto. No funeral, como forma de homenagem, ele é enterrado com sua carteira de trabalho. O discurso laudatório durante o enterro é irônico e critica justamente o culto à personalidade, característico da época soviética e representado pela máquina de bustos.

Enterrado com a sua carteira de trabalho, o “obrero exemplar” deixa seu sobrinho numa situação difícil e a sequência de eventos é: o sobrinho não pode pegar a carteira – tem que fazer exumação do corpo –, mas ele só pode ser exumado depois de dois anos – abre o caixão à força e fica com o corpo – não pode enterrar porque já tinha sido enterrado como constava no livro de óbitos – precisa então de uma autorização para exumar – pede autorização – circula por diferentes mesas até conseguir, mas precisa pegar o carimbo em outra repartição, o “Departamento de Aceleração de Trâmite”.

Na outra repartição, quando chega sua vez de ter o documento carimbado, um apito marca o fim do expediente e ele não obtém a assinatura. Ele fica na repartição para conseguir o carimbo ele mesmo. Ele consegue, mas fica preso lá dentro e, na tentativa de sair, acaba ficando no parapeito. Com isso, populares achavam que ele iria cometer suicídio, o que acabou por levá-lo a um internamento em um hospital psiquiátrico, onde só é solto por intervenção pessoal de seu chefe, o senhor Ramos. Com o papel da exumação carimbado, ele vai até a repartição inicial e tem novamente o seu pedido negado pela falta de assinatura. Pede à moça que, inflexível, leva a demanda ao chefe, que diz ser impossível.

O sobrinho tenta a ajuda do senhor Ramos, mas ele está em uma casa de prostituição com uma moça da repartição e o obreiro só consegue falar com Ramos no dia seguinte, quando explica um pouco a situação, e o senhor Ramos assina sem prestar muita atenção. De posse de toda a documentação “correta”, o sobrinho acompanha o burocrata, que permite, então, a exumação do corpo. Ao ser esclarecido de que o corpo já estava desenterrado, o burocrata se irrita, e o sobrinho, também exaltado, acaba matando-o. A saúde pública acaba levando o corpo do tio, enquanto um enterro com pompa é reservado ao burocrata. O sobrinho mata o burocrata, mas acaba internado em um hospital psiquiátrico. Os diversos burocratas que aparecem no filme têm um conjunto de símbolos: escrivania, óculos, papéis e, especialmente, carimbos.

As questões relativas ao capitalismo são ignoradas no filme e a burocracia é resultado e característica do sistema cubano em construção, uma crítica mordaz ao andamento da revolução. Já a leitura do jornal *Granma* é interessante por mostrar o enquadramento da questão burocrática dada pelo regime caribenho após o sucesso de público do filme.

## Granma

O *Granma* é órgão oficial do regime, que surge em 1965, com a fusão dos jornais *Hoy* e *Revolution* (HERNÁNDEZ; PIÑERO, 2007, p. 3). Cabrera e Marques afirmam que “é óbvio afirmar que não existe liberdade de imprensa em Cuba e que a imprensa transmite a posição oficial do governo” (CABRERA, 2013, p. 4). Ao pesquisar sobre o evento de Mariel, Cabrera e Marques afirmam que “os editoriais do jornal *Granma* orientaram, na maioria das vezes, as informações e ilustrações gráficas contidas em algumas revistas cubanas” (CABRERA, 2013, p. 41).

O jornal *Granma* publica, em 1967 (LA LUCHA..., 1967), após o lançamento do filme, o editorial “A luta contra o burocratismo” e descreve a burocracia como “uma instituição pura e exclusivamente burguesa”. Segundo o jornal, o “burocratismo é herança do sistema capitalista. Para poder alcançar o triunfo completo da Revolução, é imprescindível sua eliminação total e radical” (LA LUCHA..., 1967, p. 168).

O periódico faz um histórico da burocracia no caso cubano e a caracteriza como um evento capitalista associado às relações mercantis com os EUA. Com o triunfo da revolução, a burocracia, antes dispersa pelas empresas capitalistas, é, de certo modo, fortalecida ao fazer parte do Estado, e cresce, se desenvolve e se fortalece (LA LUCHA..., 1967, p. 174). A centralização empreendida pela obra revolucionária, para o jornal, acaba transformando funcionários subalternos, sem possibilidade de decisão de problemas políticos e administrativos, em pessoas que ocupam posições decisivas sobre os meios de produção. Temeroso do quadro, mas ainda culpando a herança capitalista como responsável pelo fenômeno, e não um resultado direto da própria obra revolucionária, o jornal acredita que a maneira de evitar que esses funcionários ou quadros profissionais do partido se convertam em uma classe especial está em vinculá-los diretamente com os problemas que se afrontam na produção (LA LUCHA..., 1967, p. 176).

Ao analisar o estado “burguês-terrateniente e pro-imperialista cubano” (LA LUCHA..., 1967, p. 176), o jornal afirma que ele estava corrompido até a medula pela politicagem, com cargos administrativos sendo criados para favorecer os elementos do regime. Essa situação teria levado a burocracia a se fortalecer e impregnado profundamente a mentalidade de estratos da pequena burguesia. Por conta dessa mentalidade, multiplicaram-se pelo país centros destinados à

“preparação para tarefas improdutivas”, como escolas de comércio, academias de mecanografia, secretariado comercial, entre outras (LA LUCHA..., 1967, p. 177). O editorial do jornal busca claramente enquadrar uma leitura do filme isentando o regime de responsabilidade pela burocracia na ilha. No entanto, editoriais não são muito populares e o jornal precisou utilizar outro meio para disseminar esse ponto de vista: as imagens. Além do editorial sobre o tema, o jornal *Granma* publicou pelo menos 30 charges sobre o assunto *burocracia*, e o diálogo com o filme de Tomás Gutiérrez Alea, *A morte de um burocrata*, pôde contribuir com a bibliografia sobre Cuba, especialmente o seu humor gráfico, praticamente ignorado pelos historiadores brasileiros.

Na análise das imagens no biênio 1966-1967, o elemento inicial que chama a atenção é a frequência das imagens. Sergio Miceli destaca que “a opção de privilegiar séries iconográficas em diferentes recortes, em lugar da apreciação de trabalhos isolados, foi se revelando uma estratégia metodológica rentável para um número expressivo de obras”. Embora a tipologia da documentação utilizada pelo autor seja diferente, o método é importante (MICELI, 1996, p.142). Também Rodrigo Patto Sá Motta, ao estudar charges e caricaturas, afirma: “A seleção dos temas para compor a estrutura de capítulos do livro foi baseada na incidência, ou seja, privilegiaram-se os mais recorrentes, que permitem perceber as linhas mestras do debate político... O fato de certos temas terem sido objeto de repetição e reiteração é significativo, pois isso ajuda a revelar o eixo central das polêmicas e críticas ao governo” (MOTTA, 2006, p.11). Nesse sentido, estabelecer a série de charges sobre o tema da burocracia cubana e a frequência que aparecem é importante.

No ano de 1966, antes da estreia do filme, em julho, nós só encontramos 3 desenhos com o tema da burocracia, enquanto, após a estreia, o número chega a 27. Esse dado é importante e, como veremos, tem o significado de enquadrar determinada leitura do que é a burocracia segundo o governo para neutralizar a mensagem mais crítica do filme. Já antecipando o argumento, vamos à observação atenta dessas fontes imagéticas seguindo uma ordem cronológica.

O primeiro desenho encontrado é de autoria de Pitin, Gustavo Prado Álvarez (1931-2018), e apenas mostra o contorno de um homem sentado na escrivaninha cheia de folhas de papel. Sem desenhar mais nenhum dos seus traços, o desenho de Pitin contribui para uma grande impessoalidade da função

de burocrata e já estabelece aqui um recurso gráfico que será muito utilizado, o de unir a escrivãzinha e o burocrata como uma única figura. Voltaremos a esse recurso. A charge é, então, sobreposta com um grande X, claramente criticando a figura do burocrata.

Na sequência, ainda em 1966, há dois desenhos de René de la Nuez (1937-2015) que acompanham a entrevista que ele deu ao jornal em 10 de maio de 1966, por ocasião do lançamento do seu livro: *Alli Fume, o dibujo antiburocrático* (NUEZ, 1966). Na apresentação do livro, o prefaciador afirma que

Os produtos da revolução - todos eles - chegam às massas através de processos administrativos. Isso acontece com a educação, a ciência, as artes, a tecnologia, o esporte, o entretenimento, a produção. E as massas são vítimas desses déspotas do detalhe (NUEZ, 1966, p. 11).

E explica o que entende por déspota do detalhe:

É anti-criação. É a evasão, o pretexto, o adiamento, a desculpa, a transferência, a epopeia do detalhe, a exaltação do título, a consagração da forma, do modelo, da exigência, do carimbo, do memorando, da nomeação, da espera, da consulta da cadeia, da cadeia que se rompe e reitera, como dizem certos ofícios. É a sublimação do detalhe, a hipertrofia [...] a ministerialização do escriturário. É o escriturário de terno de domingo, o chefe de gabinete de fraque, o diretor de toga (NUEZ, 1966, p. 11).

54

Ao concluir, coloca algumas considerações importantes sobre o livro: “Não é um livro conciliador porque não é condescendente. Fará rir as vítimas da burocracia e irritará os burocratas” (NUEZ, 1966, p. 13). Na entrevista sobre o livro, publicada no *Granma*, Nuez afirma que “A essência da temática é uma crítica à mentalidade burocrática que é [...] a mentalidade pequeno-burguesa”. Ao ser questionado se faz a crítica pela crítica, Nuez afirma que “*Criticar para danar a Revolução. Não! Crítica para levar adiante a Revolução*”.

Com essa entrevista, anterior ao lançamento do filme *A morte de um burocrata*, são publicados dois desenhos presentes no livro. Em um deles, o burocrata está novamente unido à escrivãzinha, sendo uma coisa só, com um olhar sem pupila e com um burguês saindo de dentro de sua cabeça. Essa representação é importante, pois aproxima a burocracia do capitalismo, da mentalidade capitalista, mas, embora o número de charges publicadas depois do lançamento do filme seja grande, essa representação não volta a aparecer, sendo, também, a única representação do burguês no livro. A outra imagem, publicada em conjunto com

a entrevista, mostra um cubano entregando víveres a um burocrata e recebendo um balão feito de carimbos.

Esse conjunto de três imagens já faz críticas à burocracia e utiliza elementos presentes na representação que se tornará padrão do que é ser burocrata. Antes da estreia do filme, localizamos apenas essas três charges sobre o tema.

**Figura 1 – 6/7/66**



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

**Figura 2 – 10/5/66**



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

**Figura 3 – 10/5/66**



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Após o lançamento do filme, em julho, encontramos, no mesmo ano de 1966, outras duas representações de um burocrata. A primeira é de um homem sentado na escrivaninha agarrado ao cargo, representado pelo móvel. O homem, com olhar malicioso, e a escrivaninha, novamente, são uma única coisa, mas o recurso gráfico utilizado é transformar os braços do homem em galhos de árvore que fazem parte da mesma madeira da escrivaninha. O último desenho encontrado em 1966, intitulado “Canibalismo”, mostra um burocrata como um cavaleiro medieval com lança, carimbo e escudo, que é a sua mesa, e ele queima no caldeirão um trator. Essa é uma representação que vai prosperar no ano seguinte, opondo o trabalho produtivo com o improdutivo, burocrático.

Figura 4 – 1/10/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 5 – 31/12/66



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

O conjunto de charges sobre o tema existia em profusão, como mostra a publicação do livro, mas não era tema candente para o jornal oficial do partido antes do lançamento do filme *A morte de um burocrata*, situação que vai se alterar após a exibição do filme. Assim, em 1967, o *Granma* reproduz diversos desses desenhos publicados no livro *Alli Fume*, uma resposta contínua do regime ao

filme. O próprio Fidel Castro, dois dias depois do lançamento, fez um discurso em que criticava o burocratismo, “neutralizando a mensagem crítica do filme” (VILLAÇA, 2006, p. 135).

Nesses desenhos de 1967, a mesma caracterização do filme é usada, óculos, escrivaninha e carimbos, mas o sentido aqui é bem diferente. No filme, o sistema cubano é burocrático, enquanto, no desenho, a burocracia aparece como resultado exclusivo da ação do homem e, portanto, um inimigo interno que deve ser combatido pela revolução. Se o filme criticou o burocratismo fruto do regime instaurado na ilha caribenha, os desenhos criticam somente os burocratas, personagens que, de tanto ficarem nas escrivaninhas, fazem com que elas sejam parte do seu próprio corpo. A escrivaninha/corpo praticamente se reproduz, emergindo dela um ramo de uma nova árvore escrivaninha/burocrata, como no desenho publicado em 20 de fevereiro de 1967.

Outra diferença fundamental entre o filme e as imagens é o fato de que, no filme, é o cidadão comum que reage, enquanto, nos desenhos, há uma reação de classes sociais. No filme, a reação é intempestiva, classificada como loucura e não traz resultado, tudo continua na mesma situação. Os únicos avanços que o sobrinho consegue são por fora do sistema, pessoalmente, com a ajuda de um amigo.

Já nas charges publicadas após o lançamento do filme, os cortadores de cana reagem de maneira consciente e vencem o burocrata<sup>2</sup> Vale a pena analisar algumas dessas charges mais detalhadamente.

**Figura 6 – 3/3/67**



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

<sup>2</sup> As charges foram publicadas no jornal *Granma*, nos dias 28 de fevereiro de 1967, 20 de fevereiro de 1967 e 24 de fevereiro de 1967, respectivamente.

Figura 7 – 28/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 8 – 24/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Nas três charges acima, o trabalhador no canavial reage aos burocratas com a perspectiva de vitória. No desenho publicado em 3 de março de 1967, ele usa a cana para saltar com o seu facão para o ataque contra o burocrata; no de 28 de fevereiro de 1967, o burocrata, unido à escrivanhinha, vira um monstro que é esfaqueado pelo trabalhador agrícola; e, no desenho de 24 de fevereiro de 1967, o burocrata aparece alheio à realidade, desfrutando da paz em cima de uma árvore, que será derrubada pelo trabalhador no canavial. Se os trabalhadores no canavial parecem ser os sujeitos preferenciais para a destruição do burocrata, também aparecem outros personagens/símbolos vencendo a burocracia.

Na charge de 7 de março de 1967, uma árvore frutífera brota do meio de uma escrivanhinha de um burocrata, destruindo-a. No mesmo mês, no dia 16, em um desenho de Pitin, uma mulher toma o lugar do burocrata na escrivanhinha, jogando todos os formulários e carimbos no lixo, e começa a fazer algo útil, uma bolsa. Acima desse desenho, uma placa indicava para o lado, pois é esse o caminho burocrático; nunca a resolução está naquela escrivanhinha, e sim em outro lugar. A mulher dá

uma utilidade a esse símbolo ao pendurar uma bolsa nele. O caminho direto para a resolução dos problemas não está presente nessa representação iconográfica.

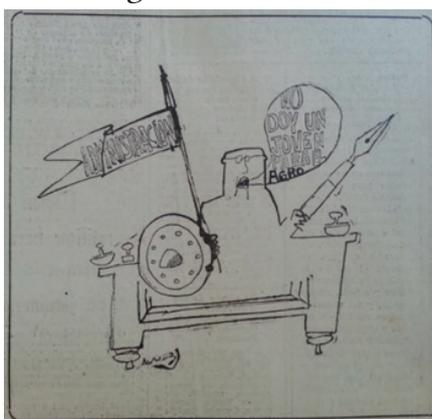
Em 4 de fevereiro de 1967, Nuez desenha um burocrata com um braço labiríntico, apontado para onde o usuário deveria seguir. Há um predomínio da visão de que a burocracia prejudica a agricultura. Na charge do dia 25 de janeiro de 1967, temos um agricultor preso à escrivaninha e o burocrata dizendo: zero à agricultura, já ao lado vemos um agricultor com um trator esmagando miniaturas de burocratas enquanto semeia. Essa é uma ideia muito forte, produzir na agricultura é derrotar a burocracia. Na charge de 7 de setembro de 1967, um burocrata diz explicitamente “não dou um jovem para a agricultura” e sua representação é a de um cavaleiro medieval com escudo e uma lança/caneta.

Figura 9 – 25/1/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 10 – 7/9/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Figura 11 – 24/2/67



Fonte: Granma. Biblioteca Nacional de Cuba.

Embora o predomínio seja pela agricultura, com representações de cortador de cana, agricultor e tratores, encontramos uma única charge no contexto fabril. Em 24 de fevereiro de 1967, o burocrata retira da fábrica um trabalhador e o indica para sentar na cadeira de um burocrata. A mensagem para os leitores do jornal parece bastante clara: se quer derrotar a burocracia, a melhor maneira é trabalhar no campo ou na cidade, pois o burocrata é inimigo do trabalho produtivo.

Uma característica do trabalho burocrático descrita pelos desenhos é a capacidade que ele tem de se multiplicar, são vários os desenhos, utilizando diversos recursos gráficos, que mostram a tendência do burocrata de se multiplicar. Em 12 de fevereiro de 1967, as escrivainhas formam uma verdadeira pirâmide da burocracia, já no dia 20 do mesmo mês, ela é aberta e, dentro, vemos vários burocratas e uma delas transformada em um veículo motorizado que vai abandonando pequenos burocratas e um deles vai regar um galho que sai de sua escrivainha, já dando novo fruto, outro burocrata. No dia 22, eles formam uma árvore de burocratas e, no dia 23, formam uma escada de burocratas.

Ao publicar todas essas charges, o jornal se apropria do discurso contra a burocracia, presente de maneira extremamente crítica ao regime no filme, e transforma em um discurso do próprio regime, anulando o lado combatente e focando na personalização da burocracia. As charges se aproximam em um aspecto do pensamento de Che ao apontarem a ênfase na produção como forma de combater a burocracia. E, nesse aspecto, o cortador de cana, Che Guevara, Tomás Gutiérrez Alea, Nuez e o próprio regime fazem leituras do burocratismo à cubana.

## Considerações finais

A burocracia é um tema caro à teoria marxista e foi uma característica recorrente dos sistemas comunistas efetivamente instalados nos mais diversos países. Em Cuba, vemos uma preocupação com o problema muito efetiva de um dos principais líderes da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara. Pensando no ardor revolucionário como forma de enfrentar o problema, Che apelava para a moral comunista como uma forma de, inclusive, mudar as leis de mercado e saltar diretamente de uma fase capitalista a uma socialista em Cuba. Em vez da cópia do modelo soviético que dava incentivo ao trabalho, reconstituindo em parte a lei do valor, Che Guevara defendia uma mudança que acarretasse a própria mudança da lei de valor pela moral comunista.

Nesse contexto, é lançado o filme *A morte de um burocrata*, sucesso arrebatador de público, que criticava, de maneira bastante direta, a burocracia na ilha. No filme, a burocracia é resultado do próprio regime instalado em Cuba. Com um enredo circular, o personagem principal não consegue resolver seus problemas com a burocracia e acaba enlouquecendo.

Frente a essa crítica contundente, o regime cubano, por meio de seu principal jornal, o *Granma*, lança uma ofensiva para anular o papel crítico do filme. Essa ofensiva foi feita com um longo editorial que explica o ponto de vista do regime sobre a burocracia na ilha, atrelando-a exclusivamente ao capitalismo e uma vasta publicação de charges que ironizavam a figura do burocrata. A vasta produção de humor gráfico cubano é praticamente ignorada pela historiografia brasileira. Aqui buscamos dar uma contribuição nesse sentido ao analisarmos as diferentes visões sobre a burocracia em Cuba.

## Referências

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CABRERA, Isabel, MARQUES, Rickley. Representações do Mariel nos textos e charges das revistas Bohemia e Revolución y Cultura (1980). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 8, p. 4, 2013.

FERNÁNDEZ-SANTOS, Francisco, and José Martínez. Cuba: una revolución en marcha. Paris: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

GUEVARA, Ernesto. Contra el burocratismo (1963). In: MARTINEZ, José; SANTOS, Francisco Fernandez. Cuba: una revolución em marcha. Cuba: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

GUILHÃO, Alexandre Moroso. Conflito em tela grande: os conflitos sociais e políticos em Cuba na década de 1960 através do cinema de Tomás Gutiérrez Alea. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HERNÁNDEZ, Arístides; PIÑERO, Jorge A. Historia del humor gráfico en Cuba. Milenio, 2007.

LA LUCHA contra el burocratismo pp:168-187. Editorial do jornal *Granma* 5-12 de março de 1967. In: MARTINEZ, José; SANTOS, Francisco Fernandez. Cuba: una revolución em marcha. Cuba: Ediciones Ruedo Ibérico, 1967.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Boitempo: São Paulo, 2015

MICELI, Sergio. Imagens negociadas: retratos da elite brasileira, 1920-40. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NUEZ, Alli Fume. Havana. Ediciones Union, 1966.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o debate econômico em Cuba. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018

VILLAÇA, Mariana Martins. O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991). 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

## O contra-hegemônico cinema revolucionário cubano

Marcelo Prioste<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-8735-1409

**Resumo:** Este artigo discorre sobre como a Revolução Cubana não apenas representou mudanças significativas no âmbito da geopolítica da América Latina, mas também impactou a produção cinematográfica da região ao romper com o modelo comercial imposto por Hollywood. Ao ver o cinema como uma ferramenta de educação e transformação social, o governo revolucionário teve a premente necessidade em criar no ano de 1959 uma instituição de fomento à atividade. O ICAIC, Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, mesmo por entre conflitos, contradições e incertezas, estimulou desde o início uma produção decolonial e anti-imperialista ao contribuir na construção de um novo panteão heroico latino-americano e amparar a formação do *Nuevo Cine Latinoamericano*. Hoje, apesar das coproduções com outros países e um cenário midiático propício por meio da internet, ainda há uma restrição de acesso às produções cubanas mundo afora, efeitos do bloqueio econômico transecular imposto à ilha pelos EUA.

**Palavras-chave:** cinema cubano. cinema latino-americano. ICAIC. Nuevo Cine Latinoamericano.

---

<sup>1</sup> Marcelo Prioste é professor da PUC-SP no Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) e nos cursos de graduação em Design e Comunicação em Multimeios. Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA/USP, Mestre em Design, Pós-graduado (lato sensu) em Multimídia pela Universidade Anhembi Morumbi e Graduado em Comunicação Social (rádio e tv) pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP. E-mail: mprioste@pucsp.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9840750359890489>

**Abstract:** This article discusses how the Cuban Revolution not only brought significant changes to the geopolitical landscape of Latin America but also impacted the region's film production by breaking away from the commercial model imposed by Hollywood. Viewing cinema as a tool for education and social transformation, the revolutionary government felt the urgent need to create an institution to promote this activity in 1959. The ICAIC, Cuban Institute of Cinematographic Art and Industry, despite conflicts, contradictions, and uncertainties, has promoted decolonial and anti-imperialist film production from the beginning by contributing to the construction of a new Latin American heroic pantheon and supporting the formation of the Nuevo Cine Latinoamericano. Today, despite co-productions with other countries and a favorable media landscape through the internet, access to Cuban productions remains restricted worldwide, as a result of the centuries-old economic blockade imposed on the island by the U.S.

64

---

**Keywords:** Cuban cinema. Latin American cinema. ICAIC, Nuevo Cine Latinoamericano.

**Resumen:** Este artículo trata sobre cómo la Revolución Cubana no solo representó cambios significativos en el ámbito de la geopolítica de América Latina, sino que también impactó la producción cinematográfica de la región al romper con el modelo comercial impuesto por Hollywood. Al ver el cine como una herramienta de educación y transformación social, el gobierno revolucionario sintió la urgente necesidad de crear, en el año 1959, una institución para fomentar esta actividad. El ICAIC, Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, a pesar de los conflictos, contradicciones e incertidumbres, promovió desde el principio una producción decolonial y antiimperialista al contribuir a la construcción de un nuevo panteón heroico latinoamericano y apoyar la formación del Nuevo Cine Latinoamericano. Hoy en día, a pesar de las coproducciones con otros países y de un escenario mediático favorable a través de internet, todavía existe una restricción de acceso a las producciones cubanas en todo el mundo, como resultado del bloqueo económico transecular impuesto a la isla por los EE. UU.

**Palabras clave:** cine cubano, cine latinoamericano, ICAIC, Nuevo Cine Latinoamericano.

## Introdução

Há mais de 100 anos, o cinema latino-americano tem disputado espaço com o modelo dominante proveniente de Hollywood. Ao longo desse período, pelo menos três grandes eventos impactaram significativamente a dinâmica entre a produção local latino-americana e a predominância da indústria audiovisual hollywoodiana: a Primeira Grande Guerra (1914-1918), quando a interrupção em parte do fluxo comercial de equipamentos e filmes com a Europa criou oportunidades pela primeira vez à indústria de cinema em desenvolvimento dos Estados Unidos; a grande crise econômica de 1929, que transformou permanentemente o cinema americano em um lucrativo produto de exportação, impulsionado pela inovação do sistema sonoro; e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando a diminuição da presença dos Estados Unidos no mercado latino-americano de cinema abriu uma oportunidade temporária para a entrada da produção em língua espanhola feita no México, mas que, logo após o fim do conflito, voltou a ser novamente dominada pelos EUA. Raymond Williams ressalta as fortes conexões entre o cinema e o sistema capitalista no século XX, considerando a reprodutibilidade inerente ao seu processo produtivo e a possibilidade de um alcance internacional, especialmente na sua fase silenciosa, em que o idioma não era um grande impedimento,

Tampouco é surpreendente, dado o fator básico da produção centralizada e da rápida distribuição em larga escala – tão diferentes de muitas tecnologias culturais anteriores –, perceber o desenvolvimento de formas relativamente monopolistas (em termos mais estritos, formas corporativas) de organização econômica em uma nova fase significativa do capitalismo, movendo-se da propriedade da mídia para a escala transnacional. Muitas tentativas foram feitas, ao menos para a preservação das corporações domésticas, mas a escala transnacional reprimiu muitas delas de modo significativo. O caminho para Hollywood estava, de certa forma, já inscrito [...]. (WILLIAMS, 2011, p.113).

Deste modo, a presença dos filmes estadunidenses estava se tornando cada vez mais imbricada ao cotidiano latino-americano, impulsionada ainda mais por uma alteração no modelo de negócios que transformaria o mundo do cinema, uma vez que, desde a década de 1910, as películas já não seriam mais vendidas, mas sim locadas por períodos pré-determinados, fechando-se o elo entre exibidor

e importador que resultou em um contínuo estrangulamento dos mercados locais (PARANAGUÁ, 1984).

Por muito tempo, para os países latino-americanos, a melhor saída parecia a de se parametrizar nos Estados Unidos como modelo de negócio e, assim, construir uma indústria nacional de cinema para então partir em busca de uma linguagem internacional capaz de estabelecer-se em novos mercados. Porém, o resultado, na grande maioria dos países da América Latina que o adotaram, foi um progressivo afastamento do público local, já devidamente absorvido pela forma-linguagem do cinema feito nos EUA, chegando-se à frase “[...] nada nos é estrangeiro, pois tudo o é”<sup>2</sup>, do crítico Paulo Emílio Sales Gomes. Por outro lado, lidar com a adversidade em um mercado restrito exigiu “negociar” com a forma dominante, absorvendo modos de produção e linguagem, apenas ponderando a incorporação de alguns valores locais. São experiências que se renovam até hoje, muito dependentes dos meios de comunicação de massa operantes à sua época, se no passado foi do rádio com suas estrelas e musicais, depois a televisão com suas fórmulas e convenções, hoje em dia se prevê que a internet e, particularmente, as plataformas de exibição online, os *streamings*, venham a ter o protagonismo nesse processo. No entanto, é fundamental reconhecermos que sempre existiram momentos em que realizadores e realizadoras resistiram a esses pressupostos de público e mercado, buscando criar alternativas que divergissem do modelo dominante. Muitas dessas iniciativas, ao se concretizarem como práticas que eram não apenas artísticas, mas também políticas, acabaram sendo sistematicamente reprimidas pelas ditaduras militares que se instauraram em vários países da América Latina a partir dos anos 1960.

## A Revolução Cubana e o cinema

Neste sentido, a revolução cubana de 1959 marcou um ponto de virada, não apenas na história política da América Latina, mas também no desenvolvimento do cinema ao romper com o modelo comercial de Hollywood. Logo após a revolução, o novo governo passou a enxergar o cinema como uma poderosa ferramenta de

---

<sup>2</sup> “Não é que tenhamos nacionalizado o espetáculo importado como os japoneses o fizeram, mas acontece que a impregnação do filme americano foi tão geral, ocupou tanto espaço na imaginação coletiva de ocupantes e ocupados, excluídos apenas os últimos estratos da pirâmide social, que adquiriu uma qualidade de coisa nossa na linha de que nada nos é estrangeiro pois tudo o é” (GOMES, 1996, p. 93).

educação, mobilização e transformação social. Isso se refletiu na criação em 1959 do *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC) para incentivo à produção nacional. Ao longo dos anos, o ICAIC não apenas fomentou o cinema cubano, mas também promoveu diversas colaborações com outros países da América Latina, gerando um movimento cinematográfico independente que passou a dialogar diretamente com as realidades regionais ignoradas até então pelo produto audiovisual importado.

Como a primeira instituição cultural criada pela revolução cubana, o ICAIC rapidamente se tornou um dos principais espaços de debate sobre as políticas culturais a serem implementadas na ilha. E um dos poucos pontos de consenso era a centralidade do cinema no processo político. Já na lei que criou o Instituto, estava presente o conceito de que o cinema deveria ser revolucionário e conscientizador: “O cinema deve constituir um chamado à consciência e contribuir para liquidar a ignorância, solucionar problemas ou formular soluções, e apresentar dramática e contemporaneamente os grandes conflitos do homem e da humanidade”<sup>3</sup> (VILLAÇA, 2010, p. 44). O que demonstra o reconhecimento da inserção do cinema na história das revoluções no século XX desde seus primórdios, quando ainda tecnicamente precário documentara a Revolução Mexicana (1910-1917) por meio de cinejornais, até seu papel como veículo de difusão das ideias bolcheviques na Revolução Russa de 1917.

Durante a luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista, a criação da Rádio Rebelde nos altos da Sierra Maestra já indicava que a guerrilha liderada por Fidel Castro compreendia a relevância dos meios de comunicação para o sucesso da revolução. Antes mesmo da fundação do ICAIC, o Exército Rebelde já possuía um setor dedicado a uma construção audiovisual que celebrasse e promovesse a revolução em andamento. Isso fica evidente em filmes como *Esta tierra nuestra* (Cuba, 1959) (figura 01), de Tomás Gutiérrez Alea e Julio García Espinosa, e *La vivienda* (Cuba, 1959), também de Espinosa. Havia ali uma clara consciência de que, além de registrar os eventos, era crucial moldá-los em uma narrativa que eternizasse os personagens envolvidos nas ações revolucionárias. Segundo o filósofo húngaro Georg Lukács (1885-1971), em sua obra *A teoria do romance*,

---

<sup>3</sup> “El cine debe constituir un llamado a la conciencia y contribuir a liquidar la ignorancia, a solucionar problemas o formular soluciones y plantear dramática y contemporaneamente las grandes conflictos del hombre y de la humanidad”. Trecho selecionado da lei de Criação do ICAIC n.169, publicada oficialmente em 20/03/1959 na *Gaceta Oficial de la República*.

publicada originalmente em 1920, é possível observar uma correspondência entre o desenvolvimento político-econômico das sociedades ocidentais e as formas narrativas que nelas circulam. Desde a antiguidade, com a cultura helênica dominada pela épica e a tragédia, até a modernidade, com a ascensão do romance multifacetado, a representação do heroísmo – que antes simbolizava o poder de conquista dos povos – foi se diluindo em personagens focados em trajetórias individuais de desenvolvimento. Momento da história da literatura e do teatro marcou uma transição em que questões psicológicas e subjetivas passaram a prevalecer sobre as relações dos personagens com o mundo e o destino coletivo dos povos.

Figura 01 - Cena de *Esta tierra nuestra*.



Fonte: Curta-metragem *Esta tierra nuestra* – direção Tomás Gutiérrez Alea (Cuba, 1959), acervo particular do autor.

Apesar de ter sido em parte reavaliada pelo próprio Lukács nos anos 1960, que identificara ali algumas deduções um tanto totalizantes<sup>4</sup>, há uma dimensão analítica conservada neste raciocínio interessante para a perspectiva do papel do cinema na revolução cubana, a de que as narrativas produzidas nas entranhas de uma sociedade carregam a capacidade de, dialeticamente, espelharem o sistema

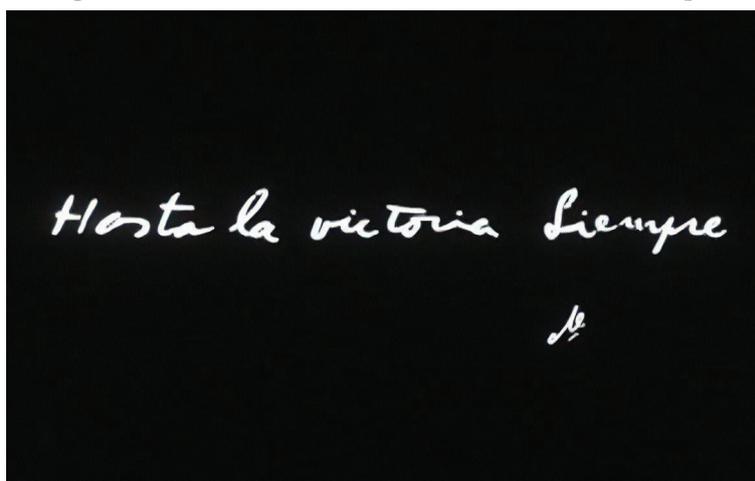
<sup>4</sup> Em 1962, Lukács escreve um novo prefácio para *A teoria do romance* (1920), em que analisa alguns aspectos do ambiente em que sua obra foi elaborada. Movido à época por um sentimento antibelicista e um ainda difuso anticapitalismo, em contraposição ao ambiente da época, ele admite que um certo ímpeto juvenil pelas “ciências do espírito”, concentradas nos estudos de Kant e posteriormente de Hegel, o incentivaram a enveredar por algumas generalizações, reconhecendo sua pretensão na busca por uma “dialética universal dos gêneros fundada historicamente” e baseada numa essência das formas literárias.

de valores por ela cultivado, e, portanto, protagonistas destes enredos seriam, em última instância, os entes heroicos que forneceria pistas sobre visões de mundo que muitas vezes estariam encobertas por aparências. Este arrebatamento heroico pela causa revolucionária fez com que a narrativa cinematográfica cubana investisse nas primeiras décadas pós-revolução com vigor na construção de um novo universo mitológico, habitado por heróis e mártires. Cabendo destacar nessa configuração a ausência de lideranças femininas que, embora muito atuantes em todas as fases de tomada do poder e condução do processo revolucionário, foram invisibilizadas nessa representação, com destaque para Haydée Santamaría (1922-1980), Melba Hernandez (1921-2014), Celia Sanchez (1920-1980) e Vilma Espin (1930-2007), integrantes do Movimento 26 de Julho, assim como *As Marianas*, pelotão que integrava o exército revolucionário (ASSIS, 2023), dentre muitas outras mais. Portanto, um panteão revolucionário (masculino) formado ao longo dos anos, que não só delineou figuras emblemáticas para manter a perseverança no difícil cotidiano cubano, como ultrapassou fronteiras e realimentou o ideal revolucionário em escala latino-americana, e até, em certo sentido, global. Como é o caso de Che Guevara e a repercussão do documentário *Hasta la Victoria Siempre* (1967) de Santiago Álvarez (1919–1998). Produzido logo após sua morte, após um pedido de Fidel Castro, segundo Álvarez, havia até então uma relutância em filmar o guerrilheiro argentino em vida, em respeito a uma solicitação feita pelo próprio:

Conheci Che em La Cabaña, após o triunfo da Revolución Cubana. Nós fomos lá para fazer filmes e pudemos filmar tudo, menos Che. Ele era uma personalidade que não gostava de ser filmado ou tirar fotografias, se incomodava quando alguém violava essas exigências, dizia: “filmem coisas mais importantes do que eu,” razões pelas quais em nossos arquivos existem poucos materiais sobre ele<sup>5</sup> (ÁLVAREZ apud MORALES, 2008, p. 181, tradução do autor).

No início do documentário, o título na forma de manuscrito, com uma rubrica do próprio Che (figura 02), já denota a relação de reverência que se descortinará ao espectador, como se a história a ser contada fosse chancelada pelo próprio protagonista já morto, agora em aviamento de mártir.

<sup>5</sup> Conocí al Che en La Cabaña, después que la Revolución cubana triunfó. Nosotros fuimos allí a hacer filmaciones y pudimos filmarlo todo, menos al Che. El era una personalidad que no le gustaba que lo filmaran ni que le sacaran fotografías, se molestaba cuando alguien violaba esos requerimientos, decía: ‘Filmem cosas más importantes que a mí’, razones por las cuales en los archivos nuestros existen pocos materiales sobre él.

Figura 02 - Cena do título em *Hasta la Victoria Siempre*.

Fonte: Curta-metragem *Hasta la Victoria Siempre* – direção Santiago Álvarez (Cuba, 1967), acervo particular do autor.

Nota-se que *Hasta la Victoria Siempre*, um “curta-homenagem” de 19 minutos, que assim como as inúmeras outras obras posteriores, integram um processo contínuo de construção da imagem de Che e que, ainda hoje, se desdobram em novos episódios, os quais fogem ao escopo deste artigo<sup>6</sup>. Muitos procuram redirecionar sua imagem, envolvendo-a em um pacifismo póstumo. Todavia, este “Che paz e amor” não se coaduna com aquele que encabeçou um processo revolucionário que, assim como tantos outros acontecimentos similares no transcorrer da história, quase sempre foram marcados por episódios de violência. Algo que começou a se estabelecer no final dos anos 1960, no período da contracultura, forjando uma espécie de “guerrilheiro hippie”. Surgia, naquela conjuntura, um ícone envolto por um espírito contestatário que seria adotado para representar um outro sentido de revolução, a comportamental, que, por distanciar-se da acepção política proposta no documentário de Álvarez, tornava-se incompreensível para o diretor, como ele declararia em 1978:

Admiro a Che, e tomara pudesse fazer vinte mil filmes sobre ele. Há quem use a figura de Che, mas não como eu faço. Parece-me positivo que os hippies usem a imagem de Che em um estado de rebeldia, mas ficam nisso, deviam fazer algo mais do que fazerem brincadeiras. O que quero dizer, é que rebelar-se contra um estado de qualquer forma que se utilize é bom, mas não é aí que termina. Admiro os hippies,

<sup>6</sup> Indica-se o seguinte artigo sobre as representações de Che no cinema: CAETANO, Maria do Rosário. Che no cinema. In: CAETANO, Maria do Rosário. *Cineastas latino-americanos: entrevistas e filmes*. Estação Liberdade, 1997.

mas não lhes rendo culto, não os rejeito, é uma admiração com limites, admiro mais aos vietnamitas que não são hippies<sup>7</sup> (ÁLVAREZ apud ARAY, 1983, p. 272, tradução do autor).

*Hasta la Victoria Siempre*, associada à ampla disseminação da icônica fotografia tirada por Alberto Korda (1928-2001) em 1960, que mais tarde seria utilizada como referência para um grande mural na lateral do edifício do Ministério do Interior, na Praça da Revolução em Havana, marcam o início da construção de Che Guevara como imagem mítica, a partir de sua morte em 1967. Seu desaparecimento repentino, o mistério em torno de seu paradeiro, seu fim trágico e as filmagens de seu corpo feitas na Bolívia, contribuíram para a criação de sua figura como mártir. O crítico de cinema André Bazin observa que a fotografia, e consequentemente o cinema, ao contrário da pintura ou de outros meios de representação, possui a capacidade de transcender o tempo, já que em sua essência para a “ontologia do modelo; ela é o modelo” que foi capturado pela câmera.

Daí o fascínio das fotografias de álbuns. Essas sombras cinzentas ou sépias, fantasmagóricas, quase ilegíveis, já deixaram de ser tradicionais retratos de família para se tornarem inquietante presença de vidas paralisadas em suas durações, libertas de seus destinos, não pelo sortilégio da arte, mas em virtude de uma mecânica impassível (BAZIN, 1991, p. 30).

Em *Hasta la Victoria Siempre*, esta “mecânica impassível” do aparelho cinemático garante a preservação deste retrato e, mais do que isto, numa espiral de consternação, a cada exibição refaz o herói mártir que anuncia seu fim e denuncia seus algozes, ecoando ao longo do tempo pelos meandros políticos da sociedade latino-americana nos últimos 57 anos, inclusive a brasileira. Ao se atentar aos ideais que motivaram figuras da esquerda nacional, como o político Carlos Marighella (1911–1969), o militar Carlos Lamarca (1937-1971), dentre tantas outras que enveredaram pela luta armada contra o regime militar nos anos 1960 e 1970, vê-se pelos relatos que era a Revolução Cubana com seus heróis que quase sempre estavam no horizonte ideológico. O fascínio que os combatentes de Sierra Maestra ocupavam no âmago do imaginário da guerrilha latino-americana

<sup>7</sup> Yo admiro al Che, y ojalá pudiera hacer veinte mil películas sobre él. Hay quien usa la figura del Che, pero no la usa como yo. A mí me parece positivo que los hippies usen la imagen del Che, en un estado de rebeldía pero se quedan en eso, debían hacer algo más que ponerse a hacer payasadas. Lo que quiero decir, es que rebelarse contra un estado de cualquier forma que se utilice es bueno, pero ahí no termina todo. Admiro a los hippies, pero no les rindo culto, no los rechazo, es una admiración con límites, admiro más a los vietnamitas que no son hippies.

transparece com frequência nos depoimentos de seus envolvidos (ROLLENBERG, 2001). No Brasil, a adoção da luta armada como instrumento de reação natural à ditadura foi várias vezes justificada pelo êxito cubano, fazendo inclusive com que muitos assumissem plenamente uma “persona guerrilheira” após irem treinar na Ilha, conforme o breve relato de um deles, Domingos Fernandes, membro do grupo Aliança Libertadora Nacional, a ALN:

As pessoas iam para Cuba achando que voltariam como comandantes guerrilheiros [...] Tinha muita mitologia sobre isto, porque os cubanos passaram uma ideia para as organizações da América Latina que você ia lá, passava um período, fazia um treinamento e voltava meio Che Guevara, meio comandante... (FERNANDES apud ROLLEMBERG, 2001, p. 43).

Do outro lado da disputa ideológica, tanto os militares no poder quanto uma grande parte da sociedade civil que os apoiava também atribuíram um caráter mitológico à influência estratégica de Cuba nas ações guerrilheiras em andamento no país. Como é bem sabido hoje, a crença em uma “ameaça comunista fomentada por jovens barbudos” serviu como um cruel pretexto para as inúmeras torturas, mortes e desaparecimentos promovidos pela ditadura, especialmente após a promulgação do AI-5, em 1968. No livro *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1993), o pesquisador Marcelo Ridenti relembra que o ocorrido na ilha caribenha despertava mais do que apenas admiração por um projeto político de esquerda; representava a materialização de um sentido mais profundo de mudança, o surgimento de uma nova ordem social.

A ideia de revolução política, e também econômica, cultural, pessoal, enfim, em todos os sentidos e com os significados mais variados, marcou profundamente o debate político e estético, especialmente entre 1964 e 1968. Enquanto alguns, por exemplo, inspirados na Revolução Cubana, restringiam-se a propostas de mudança nas estruturas econômicas, outros faziam a antropofagia do Maio francês, do movimento *hippie*, da contracultura e de outras experiências internacionais, propondo uma transformação que passaria pela revolução nos costumes. Rebelia contra a ordem e revolução social por uma nova ordem mantinham diálogo tenso e criativo nos anos 60, interpenetrando-se em diferentes medidas na prática dos movimentos sociais, expressa nas manifestações artísticas e nos debates estéticos (RIDENTI, 1993, p. 79).

Assim, forma-se um ambiente revolucionário de inspiração também para os cineastas, que passam a se verem como agentes de transformação, em

contraponto à anódina posição política de um diretor de cinema no sistema de estúdios tradicional. Diretores, como o documentarista Santiago Álvarez, também diretor do *Noticiero ICAIC Latinoamericano*, o cinejornal oficial do país, Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996), Julio García Espinosa (1926-2016), Enrique Pineda Barnet (1933-2021), Humberto Solás (1941-2008), Octavio Cortázar (1935-2008), Manuel Octavio Gómez (1934-1988), Pastor Vega (1940-2005), Sara Gómez (1942-1974), dentre tantos outros mais, começaram a explorar temas que refletiam as lutas populares e desafios históricos de Cuba e da América Latina, alinhados por uma perspectiva de resistência e decolonização. Dessa maneira, o cinema cubano passaria a se distanciar cada vez mais daquele modelo de entretenimento escapista tão consolidado, priorizando uma narrativa de revalorização às culturas e identidades regionais por meio de uma postura anti-imperialista, muito inspirada no neorealismo italiano do pós-guerra e nos cinemas novos, então emergentes mundo afora.

Outro aspecto importante com a instituição do ICAIC foi a criação de redes alternativas de distribuição. Por meio de festivais de cinema e parcerias com outros países, principalmente do bloco socialista, Cuba conseguiu promover a exibição de seus filmes e de outras produções latino-americanas fora do circuito tradicional dominado pela indústria dos EUA. Isso permitiu que se alcançassem novos públicos, fomentando um circuito cinematográfico de maior diversidade cultural e política.

No entanto, se encontra na historiografia oficial apresentações sobre o ICAIC como uma instituição guiada por um pensamento homogêneo, ignorando as contradições que marcaram os debates sobre os rumos da cultura audiovisual no período pós-revolução. Além disso, o ICAIC é frequentemente colocado como um ponto de partida para a produção cinematográfica na ilha, desconsiderando iniciativas anteriores a 1959, como a pioneira criação do curso de cinema na Universidade de Havana em 1942 e a fundação da Cinemateca em 1951. Nos últimos anos, no entanto, estudos como os da brasileira Mariana Villaça<sup>8</sup> e do cubano García Borrero<sup>9</sup> têm questionado essa visão, examinando o Instituto em suas divergências e complexidades, ressaltando uma política cultural marcada por

---

<sup>8</sup> VILLAÇA, Mariana. *Cinema cubano: revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

<sup>9</sup> GARCÍA BORRERO, Juan Antonio. *Cine cubano de los sesenta: mito y realidad*. Madrid: Ocho y medio; Libros de cine, 2007.

indefinições e contradições, uma vez que, desde sua criação, o ICAIC teve que acomodar diversas correntes de esquerda que buscavam espaço no novo governo.

Na constituição do Icaic, além dos comunistas, também participaram cineastas que tinham outro tipo de experiência política, fosse como “ex-simpatizante” do PSP, como Néstor Almendros, fosse na condição de colaborador do M-26, caso de Tomás Gutiérrez Alea, que esteve à frente da Direção Nacional de Cultura do Exército Rebelde, criada em janeiro de 1959. A somatória de forças em prol de projetos ambiciosos, como o desenvolvimento do Instituto e a criação de uma nova cinematografia, sustentavam a “comunhão” necessária à equipe (VILLAÇA, 2010, p. 47).

Enquanto disputas internas transcorriam, muitas vezes explicitadas por meio de artigos publicados na imprensa, com suas réplicas e tréplicas, o ecletismo na produção fílmica do Instituto também refletia estes debates, explorando do melodrama às formas mais experimentais de acordo com a visão política dominante, discutindo-se até a necessidade de “realismo socialista tropical”. De qualquer maneira, o papel do ICAIC, mesmo na sua condição de órgão governamental imbuído em difundir os valores e princípios do poder vigente, destacava-se pelo estímulo a uma produção autóctone latino-americana ante a presença ostensiva da cinematografia estrangeira em toda a região, conforme já apontado. A estabilidade estatal fornecida pelo ICAIC quebraria com as frequentes inconstâncias sofridas pelos sistemas de produção audiovisual dos demais países latino-americanos. Fato que prejudicava não só a formação de um corpo profissional experiente, mas também precarizava a consolidação de uma audiência com interesse pelas produções locais, numa época fértil para uma nova ordem política, econômica e comportamental no mundo ocidental, momento em que a primeira geração *baby boomer* chegava à adolescência e uma série de transformações sociais estavam em marcha, considerando a industrialização e a drástica redução do campesinato pautadas pelas agressivas políticas desenvolvimentistas (HOBSBAWM, 1995).

Assim, a partir da convergência de duas condições: uma política, pela própria revolução, que converteu a Ilha no principal centro de oposição ao modelo dominante imperialista; e outra cultural, pela importância delegada ao cinema, veículo fundamental na formação e conscientização popular, Cuba se tornaria o centro estratégico daquilo que ficou denominado como *Nuevo Cine Latinoamericano* (NCL).

## Cuba e o Nuevo Cine Latinoamericano

O termo *Nuevo Cine Latinoamericano* começou a ser utilizado com mais frequência nas publicações especializadas a partir de 1967. Foi a revista *Cine Cubano* (n. 42) que o empregou pela primeira vez para promover o *Festival de Viña del Mar*, no Chile, realizado naquele mesmo ano (NÚÑEZ, 2009, p. 20). Iniciado em 1963, o festival só adquiriu dimensão internacional em 1967, quando apresentou filmes de vários países, com destaque para a Bolívia com *Revolución* (1963) de Jorge Sanjinés, o Brasil com *Maioria Absoluta* (1964) de Leon Hirszman e *Viramundo* (1965) de Geraldo Sarno, Cuba com os curtas *Now* (1965) e *Cerro Pelado* (1966) de Santiago Álvarez, e o Uruguai com *Carlos: cine retrato de un caminante en Montevideo* (1965) de Mario Handler.

Neste festival também ocorreu o *I Encontro dos Cineastas Latino-Americanos*, que se transformou em um fórum para expressar as afinidades entre diretores, produtores e intelectuais, dando os contornos a um pensamento transnacional sobre cinema.

Apesar de todas essas iniciativas de convergência em torno de alguns princípios comuns, o *Nuevo Cine Latinoamericano* (NCL) nunca foi um movimento homogêneo, livre de tensões ou contradições. Uma das preocupações da época era que o cinema fosse capaz de refletir a própria América Latina, reconhecendo e incorporando suas diferentes realidades, mas por meio de uma identidade compartilhada. Assim, era natural que esse esforço em encontrar uma “unidade na diversidade” gerasse conflitos. Isso porque, inicialmente, muito do que foi definido sobre o NCL resultou de um discurso que foi sendo ajustado pelos seus realizadores ao longo dos anos 1960, como os argentinos Fernando Birri (1925-2017), Octavio Getino (1935-2012) e Fernando Pino Solanas (1936-2020), o brasileiro Glauber Rocha (1939-1981), os cubanos Julio García Espinosa (1926-2016) e Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996), além do boliviano Jorge Sanjinés (1936-). Inspirados pelas publicações francesas, esses cineastas/autores muitas vezes desempenhavam um papel analítico que, por convenção, era tradicionalmente reservado à crítica especializada. Isso pode parecer, para um leitor contemporâneo dos artigos e manifestos da época, como “[...] uma apologia sem reservas, ou até mesmo uma monumentalização do projeto” (DÁVILA, 2013, p. 15), mas não deixa de ser a expressão de um produto resultante de um conjunto de forças contextuais que se confrontavam na década de 1960.

As discussões frequentemente giravam em torno da incorporação de temas sociais e políticos aos enredos, do papel do intelectual na sociedade e de quais novos critérios deveriam ser adotados para analisar uma produção cinematográfica, diferentes daqueles utilizados no cinema dos EUA ou mesmo no europeu. Em relação aos métodos de produção de filmes, questionava-se a centralidade do roteiro, argumentando que um filme também poderia nascer de um processo contínuo e dialético de interação entre roteiro, filmagem e montagem. Havia também uma preocupação com o futuro do cinema, tanto no que diz respeito à preservação das películas quanto à garantia de sua distribuição. Essa análise levava a críticas sobre a produção cinematográfica de períodos anteriores, que já não poderiam ser legitimamente enaltecidas naquele momento, seja do ponto de vista estético ou ideológico. Os integrantes do *Nuevo Cine Latinoamericano* (NCL) consideravam essencial reavaliar e reescrever a história do cinema em cada país, recuperando nomes esquecidos e diminuindo a relevância de autores anteriormente consagrados.

Embora os textos publicados pelos cineastas cubanos envolvidos no NCL possam não ter sido muito objetivos sobre a forma exata que os filmes deveriam ter, as oposições estavam bem definidas, havia uma ideia clara de como eles não deveriam ser identificando quais abordagens deveriam ser evitadas. Dessa forma, as produções dessa época, apesar da diversidade, podem ser vistas como uma convergência de várias correntes cinematográficas. Elas incorporavam elementos do cinema soviético dos anos 1920, tanto na ficção (Eisenstein) quanto no documentário (Vertov), além do neorealismo italiano, não apenas em termos de estilo de filmagem, mas também nas temáticas e nos personagens centrados na identidade nacional e na valorização das culturas populares locais, acomodando também a concepção de “cinema de autor”, advinda da crítica francesa e, por vezes, abrindo-se ao plástico e discursivo do cinema experimental pela influência de cineastas europeus que visitavam a ilha, como Chris Marker (1921-2012), Joris Ivens (1898-1989), Agnès Varda (1928-2019), dentre tantos outros mais. De maneira geral, tudo era feito em meio ao dilema que transitava por algo entre “incorporar a realidade” ou desconstruí-la revelando sua estrutura, principalmente por meio das possibilidades oferecidas pela montagem.

As formas de composição que surgem na América Latina da relação entre as vontades das pessoas – pensar o cinema como modo de agir

na realidade, agir no cinema como modo de pensar a realidade – e as quase inexistentes condições materiais propõem uma representação obtida através da montagem de reapresentações: reúnem numa imagem só o desejo de nos revelar através de um documento informado pela experiência neorrealista – *as coisas estão ali, por que manipulá-las?* – e o desejo de nos revelar através de uma ficção informada pela montagem – *as coisas estão ali manipuladas, por que não desmontá-las?* (AVELLAR, 1995, p. 34).

Observa-se como uma das heranças em Cuba dos princípios advindos do *Nuevo Cine latinoamericano* a criação, em 1986, da *Escuela Internacional de Cine y Televisión* (EICTV) em Santo Antonio de Los Baños na atual província Artemisa. Fundada por iniciativa de Fernando Birri, do escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014) e de Julio García Espinosa, a ideia surgiu durante o primeiro *Encuentro de Cineastas Latinoamericanos y del Caribe*, realizado em Havana no ano de 1984. O evento, organizado pela recém-formada *Fundación del Nuevo Cine Latinoamericano*, organização que tinha como objetivo renovar a integração dos cineastas da região pelos fundamentos do NCL, discutiu o projeto de uma escola capaz de abrir-se como um espaço de formação para cineastas da América Latina, África e Ásia, em uma oposição criativa ao alcance global do modelo industrial hollywoodiano.

Por isso, até hoje, a EICTV tem mantido uma diversidade cultural discente e docente, com intercâmbio de experiências por meio da participação de cineastas e profissionais técnicos, alguns internacionalmente renomados, oferecendo formação em várias áreas do audiovisual, como direção, roteiro, produção, fotografia, som e montagem<sup>10</sup>.

## Considerações finais

Em síntese, após a revolução, Cuba vivenciou uma fase de destaque no campo cinematográfico, frequentemente denominada “era de ouro”, marcada por um profundo engajamento com as transformações em curso que se seguiram até o final dos anos 1980, com a crise econômica decorrente do colapso da União Soviética, que provocou uma acentuada queda na produção de filmes após o violento desarranjo na estrutura estatal que os viabilizava.

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.eictv.org/>

A partir deste século, o cinema cubano tem passado por um processo de reorganização, principalmente pelo estímulo às coproduções com países latino-americanos e europeus, especialmente com a Espanha. Por outro lado, mesmo considerando o avanço das plataformas online nos últimos anos, a visibilidade ao produto cinematográfico cubano continua com restrições devido, essencialmente, ao bloqueio econômico imposto pelos EUA desde 1962 e intensificado em 1995<sup>11</sup>, fato que dificulta a entrada das produções cubanas nas atuais grandes plataformas de vídeo sob demanda por assinatura (SVOD) na internet. Portanto, mesmo com o surgimento de um novo cenário com formas de financiamento colaborativo online, permitindo a produção de filmes fora do sistema estatal, cujas temáticas inclusive carregam críticas ao sistema político local, o bloqueio econômico/ideológico se soma a já centenária ocupação do circuito exibidor, acentuando as dificuldades em formar um público de interesse no exterior.

E assim, apesar de passados 65 anos desde a criação do ICAIC, responsável por convocar o cinema a fornecer o substrato necessário ao novo imaginário de uma sociedade em revolução, ainda são os festivais, os encontros e os cineclubes espalhados pelo mundo, junto a algumas raras plataformas de streaming especializadas, as principais vitrines que rompem essas barreiras e dão vida à potente produção cinematográfica da ilha caribenha.

## Referências bibliográficas

ARAY, Edmundo. Santiago Alvarez: cronista del tercer mundo. Caracas: Cinemateca Nacional, 1983.

ASSIS, Odete. As mulheres na Revolução Cubana. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/As-mulheres-na-Revolucao-Cubana>. Acesso em: 20/09/24.

AVELLAR, José Carlos. A Ponte Clandestina: Birri, Glauber, Solanas, Getino, García Espinosa, Sanjinés, Aléa – Teorias de Cinema na América Latina. Rio de Janeiro/São Paulo: Edusp, 1995.

AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BAZIN, André. O cinema: ensaios. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

<sup>11</sup> Com a lei conhecida como Helms-Burton em 1996 e a “Lei de Reforma das Sanções Comerciais e de Melhoria das Exportações” de 2000, promulgadas pelo governo Bill Clinton. Fonte: <https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/alberto-fernandez-exigio-su-fin-que-es-el-embargo-de-estados-unidos-a-cuba-y-que-impacto-tiene-nid13072021/>

CAETANO, Maria do Rosário. Cineastas Latino-americanos, entrevistas e filmes. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

DÁVILA, Ignacio Del Valle. *O conceito de “novidade” no projeto do Nuevo Cine Latinoamericano*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 26, nº 51, pp. 173-192, 2013.

EAGLETON, Terry. Ideologia: uma introdução. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. São Paulo: Editora 34, 2009.

MORALES, Larry. Memórias pra un reencuentro: conversación con Santiago Álvarez. Bogotá: Ediciones Unión, 2008.

NÚÑEZ, Fabián Rodrigo Magioli. O que é Nuevo cine latinoamericano? O cinema moderno na América Latina segundo as revistas cinematográficas especializadas latino-americanas. 2009. 656f. Tese (doutorado) - Programa de pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

PARANAGUÁ, Paulo A. Cinema na América Latina: Longe de Deus, perto de Hollywood. Porto Alegre: L&PM, 1984.

RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: Unesp, 1993.

ROLLENBERG, Denise. O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

VILLAÇA, Mariana Martins. Cinema cubano: revolução e política cultural. São Paulo: Alameda, 2010.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

## CubaJazz

Rogério da Costa Santos<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-6807-4263

Luiz Augusto de Paula Souza<sup>2</sup>  
ORCID: 0000-0003-4968-9753

**Resumo:** O jazz tem sido, historicamente, um gênero com inclinações para a mistura, hibridação e invenção de sentidos e de cultura. Cuba passou e continua passando por um momento intenso com a revelação de muitos jovens músicos talentosos. *CubaJazz* é um documentário sobre a capacidade criativa do jazz e da vida como invenção em Cuba. Uma visão da ilha abrindo-se ao mundo. A arte que constitui uma ação micropolítica.

**Palavras-Chave:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Cinema Latino-americano. Inteligência Coletiva, Micropolítica

---

<sup>1</sup> Rogério da Costa Santos é Doutor em História da Filosofia, Paris IV - Sorbonne; Vice-Coordenador PPG Comunicação e Semiótica PUC-SP. E-mail: rogcosta@pucsp.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983570722211746>

<sup>2</sup> Luiz Augusto de Paula Souza é Doutor em Psicologia Clínica e professor titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP. E-mail: tutopaulasouza@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9795645966787486>

**Abstract:** Jazz has historically been a genre with inclinations towards mixing, hybridizing and inventing meanings and culture. Cuba has gone through and continues to go through an intense moment with the revelation of many talented young musicians. CubaJazz is a documentary about the creative capacity of Jazz and life as an invention in Cuba. A vision of the island opening up to the world. Art that constitutes a micropolitical action.

82

---

**Keywords:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Latin American Cinema. Collective Intelligence. Micropolitics

**Resumen:** El jazz ha sido históricamente un género con inclinaciones a mezclar, hibridar e inventar significados y cultura. Cuba ha pasado y sigue pasando por un momento intenso con la revelación de muchos talentos jóvenes músicos. CubaJazz es un documental sobre la capacidad creativa del Jazz y la vida como invención en Cuba. Una visión de la isla abriéndose al mundo. Arte que constituye una acción micropolítica.

**Palabras clave:** Cuba. Jazz. CubaJazz. Cine Latinoamericano. Inteligencia Colectiva. Micropolítica

## Introdução

Fazer arte é uma travessia de autoconhecimento por meio de algo que se desconhece, parcialmente ou por inteiro. Cinema, como uma arte audiovisual, pede o mesmo tipo de entrega exigida por todas as outras artes, aquilo que é comumente chamado de “salto no abismo”, no sentido do risco, da abertura ao que puder vir, ao acaso, ao desconhecido.

Nesse sentido, *CubaJazz* é cinema na mais completa acepção da palavra. Um país envolto em um ideal, mas cerceado por um embargo econômico cruel. Um estilo musical baseado no improviso, que por si só representa a ideia da liberdade. Ambos os elementos se encontram num abraço dos mais potentes e fascinantes, um mergulho sensorial pela criatividade artística de uma geração em um país marcado pela música e pela alegria.

“Não um filme sobre jazz, mas um filme por meio do jazz”. Assim é definido *CubaJazz* por um de seus diretores, Max Alvim. Pode parecer estranha a definição quando o nome do filme dá a entender que veremos justamente um documentário sobre o jazz. Mas é isso mesmo. Não se trata somente do jazz feito em Cuba (“não é latinjazz, é jazz cubano”, diz um dos músicos), mas de se entender a vida em Cuba, os modos de trabalho, as relações entre as pessoas, os medos e desejos que carregam, em suma: como é viver em Cuba neste momento, após mais de 50 anos de embargo econômico e às portas de uma nova configuração do país no comércio mundial.

O que não quer dizer que inexistente música em *CubaJazz*. Os números musicais são abundantes e fascinantes para quem gosta de jazz ou – por que não? – de música em geral. Pois o que ouvimos durante todo o filme é grande música, interpretada por músicos de primeira: as cantoras Daymé Arocena e Zule Guerra, a baterista Yissy García, os guitarristas Jorge Chicoy e Hector Quintana, os pianistas Jorge Luís Pacheco, Roberto Carcassés e Harold López-Nussa, os trompetistas Yasek Manzano e Mayquel González, os saxofonistas César López e Carlos Miyares, os baixistas Gastón Joya e Jorge Reyes, os bateristas Oliver Valdés, Ruly Herrera, Girardo Piloto, Ruy López-Nussa, Ruy Adrian López-Nussa e Rodney Barreto, o cantor e trompetista Bobby Carcassés. Um verdadeiro encontro entre muitos músicos da nova geração com alguns veteranos, sob uma estrutura que valoriza o pensamento e a sensibilidade.

Além desses músicos, conhecemos um pouco do que pensam gente como o produtor e também músico Joaquim Betancourt, que reivindica, como vários de seus pares, a existência de um jazz cubano, que é tão diferente do jazz dos Estados Unidos quanto do latinjazz (o espectador poderá constatar isso no filme), e a jornalista Brenda Besada, de incrível conhecimento teórico, ou a musicóloga Neris González que, como outros, promove uma aproximação entre Brasil e Cuba. Ainda falam a também musicóloga Yentsy Pérez, que se refere ao pensamento insular dos cubanos, e a própria produtora do filme, Yoana Grass, que reafirma o compromisso com o acesso público à produção cultural da ilha. Isso reforça o caráter reflexivo do filme.

Vemos um outro mundo, com costumes muito diferentes dos nossos, apesar de alguns pontos de contato, e uma outra maneira de viver e encarar a vida, captado e sentido por uma equipe disposta a se abrir aos mais diversos encontros, cada qual com sua particularidade. Vemos, sobretudo, momentos de poesia, nunca a poesia preparada e calculada, mas a poesia que surge do acaso, do inesperado, de uma câmera ligada que observa impassível a vida passando.

Poético como o mar, que irrompe nas muradas revelando sua força em imagem, o mar que abre e fecha o filme da mesma forma que rodeia a ilha, o mar que traz renovação e volúpia, sonoridade e plasticidade, encanto e mistério. O mar que banha Cuba.

## **Gênese do Filme**

O LInC (Laboratório de Inteligência Coletiva) não é uma produtora tradicional de filmes e nunca teve como foco específico a produção de filmes para cinema. No entanto, tem a vocação de usar as mais diversas linguagens para investigar e discutir inteligência coletiva, modos de vida, processos de subjetivação, arquitetura dos laços sociais e formas de fazer comunicação como “ação em comum”. Viajar à Cuba, em 2014, com o objetivo de rodar um filme de jazz, seria interessante para estudar aspirações, desejos, tensões e disputas de sentido na Ilha, em face do mundo globalizado e da abertura que Cuba vinha experimentando naquele momento. O jazz, sendo um gênero musical que materializa a ideia de experimentação, por ter em seu princípio a improvisação e a ideia de liberdade, já se aproxima de questões trabalhadas pelo LInC: como encontrar, em qualquer regime, qualquer cidade e

qualquer país, linhas de fuga em relação às máquinas destruidoras da liberdade? A música toca diretamente nossos corpos, em toda parte, não só em Cuba. Claro que seria possível filmar em qualquer país, mas Cuba, como Brasil e EUA, é um reconhecido celeiro musical. Uma viagem ao país permitiria entrar em relação e estudar — quase antropológica e etnograficamente — sentidos e desejos de um povo, por meio de seus jovens músicos de jazz. Cabe lembrar que do imaginário socialista às simplificações conservadoras, que não hesitam em repetir o bordão caricato: “vai para Cuba!”, em reação a qualquer coisa que lhes pareça diferente do que pensam, a intenção era se desvencilhar dessas imagens, que o senso comum põe em jogo toda vez que se fala de Cuba.

Decidiu-se por uma viagem de três meses à Havana, levando apenas um pré-roteiro, totalmente aberto. Era uma investigação, um documentário em seu sentido mais ancestral e radical: não sair de casa com uma tese previamente definida. Adotou-se uma metodologia inspirada na etnografia, uma escuta aos acontecimentos, em ato. Interessava mais ouvir do que perguntar. Para isso, seria preciso conduzir o processo oferecendo-se, efetivamente, à relação. Mais do que entrevistas, realizaram-se encontros. Isso repercutiu profundamente nos resultados da captação: na atmosfera das falas, das reflexões, no brilho dos olhares. Não foram respostas a repórteres, na maioria das vezes foram verdadeiras conversas.

Fez-se uma pesquisa prévia para se decidir quem seriam os entrevistados, e a produtora Yoana Grass, como principal produtora do jazz em Cuba, com um repertório muito amplo de músicos jovens, ajudou a qualificar essa curadoria. Acrescentou-se à lista de músicos alguns pensadores, musicólogos e jornalistas. Houve também o acaso: havia dias em que a produtora avisava que teria algum show, perguntando sobre o interesse em filmar. Muitas passagens foram filmadas assim. O acaso foi muito importante no filme. Inclusive o maior deles: chegar no momento do anúncio da flexibilização das relações entre EUA e Cuba, feito pelos presidentes Obama e Raul Castro. Os cubanos sofriam com o embargo há mais de 50 anos e as filmagens se deram no exato momento em que tudo parecia mudar... Qual seria a leitura dos cubanos sobre o atual momento da Ilha depois de um bloqueio econômico de tantos anos? Os reconhecidos êxitos de Cuba na educação, na cultura e na saúde pública repercutiam nos sonhos e expectativas de jovens músicos de jazz? A improvisação típica do jazz, abundante nos espetáculos ao vivo em Havana, era parte do cotidiano dos cubanos?

## Linguagem

Analisando o *CubaJazz* de um ponto de vista estético, estrutural, ele é um documentário clássico, de entrevistas intercaladas por intervenções musicais e imagens de cobertura. Não há inovação estética, isso foi uma escolha consciente. A ruptura está no conteúdo do filme e em sua metodologia. Buscou-se uma cinematografia que articulasse encontros do espectador com realidades que se desvelassem aos poucos, e que apresentassem hipóteses instigantes para pensar a vida. Há uma espécie de fuga do senso comum, com o desejo de contar uma história sem julgamentos. Isso está em muitas passagens do filme, na cena da varredora de rua, por exemplo, que nasceu ao acaso. A equipe estava num restaurante e a câmera foi ligada, focando na janela que dava para rua. Uma aposta no acaso, pensada, é claro, como parte de uma estratégia metodológica, que aposta no imprevisível. O acaso fez o restante do trabalho que se tornou a cena mais emblemática do filme: uma atmosfera de realismo mágico na vida cubana, no jazz, na América Latina.

Em Cuba, o contraste arquitetônico do barroco europeu e do barroco latino-americano parece especialmente sensível. Em cidades europeias encontra-se, por exemplo, uma praça em que os edifícios barrocos estão unidos por uma específica harmonia estética e emocional. Quando observamos uma praça numa cidade latino-americana, edifícios de inspiração barroca convivem com o moderno ou com a natureza errante da estética dos trópicos. O curioso é que, de alguma forma, parecem compor um conjunto igualmente barroco, talvez pela carga de realidade e de emoção que carregam. Trata-se de uma questão para o cinema da América Latina: o barroco europeu parece eleger, em sua composição estética, uma coisa *ou* outra, enquanto o barroco latino-americano afirma uma coisa *e* outra; ele incrusta coisas, junta coisas que, em princípio, seria impossível amalgamar. De certa forma, a antropofagia da Semana de Arte Moderna brasileira, em 1922, fala disso, dessa nossa capacidade de incluir diferenças culturais, de devorá-las e de fazê-las nossas. De certa forma, é nesse lugar que o *CubaJazz* está estruturado esteticamente, sem a ambição de construir uma narrativa estética inovadora. Só foi possível fazer esse filme porque havia um *nós e eles* fazendo juntos. Fizemos “entre” nós, e esse nós são os brasileiros e os cubanos envolvidos na produção. O Yasek Manzano (um dos músicos do filme) fala que o jazz é como a música barroca, uma música produzida em ato, sem cifra. É esse tipo de barroco que atravessa a narrativa do *CubaJazz*.

## Mensagem

*CubaJazz* é um filme que trabalha na política dos afetos, mostrando como a música é potente para fazer ver os afetos, os modos pelos quais as pessoas afetam e são afetadas, e de como isso estrutura nossos jeitos de viver. Há uma fala do músico Chicoy, ao final do filme, que dá uma pista do que se viveu em Cuba. Ele diz: “a dificuldade está em todo lugar, por isso ela não existe. Se em toda parte há dificuldades, a dificuldade não existe, ela é a vida, o desafio que convoca a enfrentar as dificuldades”. E seu filho complementa: “estamos aqui, estamos vivos. O que mais pode acontecer?”. Diante de um povo que resiste há mais de 50 anos ao bloqueio desumano dos EUA, essa é maior mensagem do filme: a afirmação da vida.

## Tradução

Toda obra de arte traduz e inventa a vida. Todo enquadramento cinematográfico de uma experiência humana a interpreta. O *CubaJazz* não é exatamente o jazz cubano, mas uma interpretação, portanto, uma invenção desse jazz em certo sentido. Não uma invenção só nossa, da direção e do roteiro, mas uma invenção coletiva, feita pelos cubanos e pela equipe brasileira: um entre nós. Numa das exibições do *CubaJazz*, uma das curadoras do principal festival de jazz cubano, o Jazz Plaza, assistiu ao filme para o debate que se seguiria à exibição e ficou curiosa para saber, ao final, quem produziu. Surpreendeu-se ao descobrir que o filme era brasileiro. Trata-se de um indício de que a metodologia funcionou: criou-se um filme junto com seus personagens.

## Descarga

Desde o início da produção havia o desejo de se gravar uma “descarga”. Nos EUA e no resto do planeta essa instituição do mundo do jazz chama-se *jam session*. Uma *jam* não é nada mais do que um encontro não programado de músicos, que fazem música ali, de improviso, geralmente logo após os shows.

Em Cuba não é diferente. Ou melhor, é diferente porque é em Cuba. Lá, as descargas não acontecem somente depois das exibições. Acontecem sempre! Não são somente um encontro para tocar jazz. Como diz o saxofonista Carlos Miyares, “em Cuba as descargas são festas”. Elas refletem de maneira direta e espontânea

a generosidade musical cubana. São pura improvisação que, em Havana, não se dá apenas no jazz, mas acontece na vida cotidiana da cidade. Com o embargo econômico, eles foram obrigados a improvisar em absolutamente tudo. Filmar uma descarga foi mais uma maneira de perceber a cultura cubana e os músicos cubanos, que aceitaram o convite de fazer essa improvisação especialmente para a filmagem. Uma descarga genuína para celebrar a alegria e a liberdade do jazz e para acolher a equipe brasileira, que foi até lá contar essa história.

## O Roteiro

Pela primeira vez, com o *CubaJazz*, levamos a metodologia LInC ao cinema documental. Entrar em relação com as pessoas, os espaços e os tempos, que constituem as paisagens humanas e sociais que serão investigadas, é nuclear à metodologia do LInC e está presente também no *Cuba Jazz*.

A partir do propósito do trabalho — fazer um filme sobre modos de vida e políticas de existência por meio da nova cena do jazz cubano —, o que a equipe do *CubaJazz* fez, usando a metodologia do LInC, foi construir e ofertar um campo de escuta aos personagens do filme. Mais do que fazer perguntas sobre determinados temas, criou-se uma espécie de “campo de jogo” para conversar sobre como os nossos personagens pensam as coisas, mas também em como gostariam que elas fossem ou não fossem: vivências, ideias, fatos, percepções, concepções se misturam com os modos pelos quais interpretam e vivem aquilo que narram. Nas vezes em que essa atmosfera conversacional ganha intensidade, ela produz encontros, arquiteta laços entre entrevistados, entrevistadores, lugares e tempos que compõem o documentário. São nesses encontros que o LInC mergulha, voltando à tona com a matéria prima do filme.

Sem roteiro fechado, o que houve no *Cuba Jazz* foi propósito, curiosidades e estudos prévios, que definiram uma espécie de pré-roteiro, apenas um começo de conversa. Já havia um desejo que fermentava no LInC e foi ele que sustentou o tipo de oferta de diálogo feita aos músicos cubanos, na condição de estratégia de roteirização do filme. Vinha-se colocando em análise os sentidos do trabalho no Laboratório em relação ao turbulento contexto brasileiro e mundial, especialmente no campo das relações, dos afetos, das ações em comum (comunicação), dos modos pelos quais os indivíduos se afetam e são afetados pelo outro, nas dimensões ética,

estética e política. Essa reflexão era, ela mesma, uma dobra: seria útil, para pensar e situar-se no Brasil, ganhar alguma distância, habitar outro mundo, para então realizar algum tipo de inflexão e reterritorialização.

A experiência em Cuba, rapidamente, mostrou que a Ilha não cabe em esquematismos. De várias maneiras, cada um dos personagens do *CubaJazz*, com suas histórias singulares, fala dos modos de vida na Ilha e de como eles se expressam no jazz. Criação, liberdade e pluralidade de posições vêm à tona. O caráter híbrido de um gênero musical nascido nos EUA e sua realocação em Cuba expõem a mistura e a diferença como marcas da cultura cubana. Foram essas as dimensões que puseram o roteiro em movimento, e ele se adensou em ato, durante as filmagens, tendo os cubanos como verdadeiros coautores.

### **Desfecho: A Montagem da Inteligência Coletiva**

Depois da captação e de volta ao Brasil, o material foi decupado e foi gerada uma nuvem de Tag para parametrizar a presença das temáticas e das questões ao longo do filme. A partir da nuvem foi elaborado um diagrama, identificando os eixos temáticos das entrevistas. Como a lógica de que o mais falado é o mais importante pode ser somente um juízo de valor, a questão foi sempre compor os sinais fortes e os fracos para ver o que emerge da polissemia, deixando ver o campo de forças, a trama dos afetos envolvidos em tudo que foi captado. A diagramatização é uma marca da metodologia, faz parte da máquina de dobras do LInC. Aliás, foi realizada também uma cabine para convidados em São Paulo com o primeiro corte do filme, seguida de uma pesquisa qualitativa, acrescentando ainda mais essa dobra para colocar em análise a decupagem, a edição e a montagem.

Esse modo de fazer é uma espécie de estratégia para visualizar novas camadas interpretativas narrativas, e para recortar, na interpretação ilimitada das experiências, um campo de jogo, que ajuda nas escolhas da edição e nos fluxos da montagem. Enfim, não é por acaso que a inteligência é coletiva. Embora cada indivíduo tenha potencialidades cognitivas próprias da espécie, a inteligência deriva e se potencializa na alteridade, nas relações com o outro (todos os outros), até porque ninguém sabe tudo, todo mundo sabe um pouco e é no coletivo que os conhecimentos e os sentidos são produzidos e se resolvem. Se assim é, assim também foi no *CubaJazz*.

## Entrevista com Leonardo Padura

Rosemary Segurado<sup>1</sup>  
ORCID: 0000-0002-3910-4603

Fabricio Amorim<sup>2</sup>  
ORCID: 0000-0001-9507-4720

**Resumo:** Nesta entrevista à Aurora, conversamos sobre literatura e política com Leonardo Padura, escritor e jornalista cubano muito conhecido no Brasil por obras como “O homem que amava cachorros”, “Água em todo lugar” e “Como poeira no vento”. Mas de onde vem a inspiração para escrever romances que tanto envolvem e cativam os leitores? Padura explica que seu processo criativo se desenvolve a partir da intenção de dizer algo sobre a realidade cubana e se expande no tempo e no espaço a partir de perspectivas universais. A possibilidade de inventar novas histórias é o que o fascina e o estimula a escrever.

No que tange à adaptação de histórias da literatura para o cinema, Padura se mostra pessimista de sua obra “O homem que amava os cachorros” se tornar um longa – que está previsto para ser dirigido pelo brasileiro Wagner Moura. “Não é fácil respeitar a essência do texto literário”, afirma. O autor também discorre sobre como as mídias sociais alteraram o convívio dos cubanos, demonstra sua opinião a respeito de líderes de extrema direita como Donald Trump e revela qual é a relação dos jovens com a revolução cubana, 60 anos depois de seu estopim e como está a política em Cuba oito anos após a morte de Fidel Castro.

---

<sup>1</sup> Rosemary Segurado é cientista política, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisadora do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP). E-mail: roseseg@uol.com.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9397214841745174>

<sup>2</sup> Fabricio Amorim é cientista político. Doutor e Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica PUC/SP. Especialista em Ciência Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Jornalista. Pesquisador do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política) da PUC-SP. Editor assistente na Revista Aurora (publicação eletrônica de arte, mídia e política). E-mail: [fabrimorim@gmail.com](mailto:fabrimorim@gmail.com) Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9607345359120321>

Su obra es bastante conocida en Brasil, principalmente a partir de los libros “El hombre que amaba a los perros”, “Agua por todos lados”, “Como polvo al viento” o “Fiebre de caballos”. Muchos de sus romances muestran la vida contemporánea cubana desde la perspectiva de su generación, con personajes fascinantes como Mario Conde. Cómo describe su proceso creativo, la inspiración para sus historias?

Pocas cosas pueden ser tan complejas como el intento de describir un proceso creativo, pues responde a muy diversas condiciones subjetivas y, por supuesto, también objetivas. Saber de qué uno pretende escribir, luego decidir cómo lo va a escribir, luego intentar escribirlo es un tránsito que puede desarrollarse de mil maneras. En mi caso es muy importante la observación de una realidad y la intención de decir algo sobre ella, y encontrar el modo para que, una historia cercana, muchas veces vista desde mi perspectiva generacional, tenga la posibilidad de una lectura lo más universal posible. Así que observo, pienso, razono y escribo mirando mi entorno pero a la vez más allá de él, tanto en el tiempo como en el espacio, y eso es un rasgo de ambición creativa que creo debemos tener todos los artistas.

El campo cultural en Cuba es un tema de gran interés y curiosidad en diversas partes del mundo. Sobre la actual cosecha de escritores cubanos, cómo analiza usted a estos autores en cuanto a estilo, los temas que abordan y la representación de Cuba en sus obras?

Me resulta difícil tener una percepción precisa de lo que se escribe hoy en Cuba. Desde hace varios la literatura cubana se ha dispersado en muchos sentidos. Autores que viven fuera del país y otros dentro, autores que publican fuera pero en casas editoriales pequeñas, con difícil distribución y autores que viven en la isla y publican en la editorial que aparezca aunque su libro no tenga difusión. Todo esto por razones políticas, económicas y de algún modo también culturales. Esa imagen un poco descentrada de la literatura es también la que se podría tener de la propia realidad del país, tan difícil de entender, incluso para los que la vivimos cotidianamente.

En América Latina, estamos observando una nueva generación de autores y autoras que rompen con las tradiciones literarias y con el estilo europeo o estadounidense, trayendo el debate decolonial a la literatura. Cómo analiza usted la literatura latinoamericana en

la actualidad? Hay algún autor latinoamericano que influya o instigue la producción de su obra?

Creo que cada generación, cada época busca sus vías expresivas em todas las artes y eso ocurre com la actual literatura del continente. Ahora mismo hay importantes autores colombianos, mexicanos, argentinos com obras sólidas y ya importantes. Pero no me pidan que haga listas. Siempre habrá olvidos y los olvidos pueden levantar ronchas.

El libro 'El hombre que amaba a los perros' podría convertirse en una película con la interpretación del actor brasileño Wagner Moura y la dirección de José Padilha. Cómo ve esta obra literaria tan rica, que narra el asesinato de Leon Trotsky, ganar las pantallas del cine? Cree que el cine puede recrear obras literarias capturando la potencia de las novelas?

El salto de la literatura al cine es un salto mortal sin malla debajo. El fracaso suele ser más frecuente que el éxito, pero el éxito es posible si se trabaja el texto literario como lo que es: un argumento del cuál se escribirá un guión que se filmará como un audiovisual. No se trata de llevar la literatura al cine, eso es imposible, lo importante es alimentar un a buena

obra cinematográfica, que responda a las condiciones y posibilidades del medio, y a la vez respete las esencias del texto literario que lo dio origen. Espero que esta se ala filosofía de los que lleven al cine, o a una serie, mi novela.

Cuba está conectada a Internet, aunque con problemas en las conexiones o caídas de señal. Esta conexión garantiza el acceso a otros modos de vida, diferentes formas de organización social y política, entre otras cuestiones importantes. Cuáles son los cambios que usted identifica en la población a partir de esta conectividad?

Creo que el principal cambio es la relación galopante de los cubanos com las redes sociales, com todo lo beneficioso y perverso que tiene esse universo. Porque no se trata de las redes em si, si no de quienes las utilizan y de los propósitos que esas personas tengan. Lo que ocurre es que esos propósitos, que siempre han existido, sean buenos o malos, ahora alcanzan una mayor visibilidad. Y lo que he descrito no es una problemática cubana, es universal. O sea, que ahora los cubanos son más partícipes de las ventajas y las perversiones que propician las redes.

Hay un crecimiento de gobernantes de extrema derecha en países importantes de América Latina, como por ejemplo, en Argentina y Ecuador, o en América del Norte con la victoria de Donald Trump. Cómo ve usted las relaciones con Cuba por parte de Trump y las relaciones diplomáticas con los países latinoamericanos con el crecimiento de la ideología extremista de derecha? Cree que el imaginario creado por la extrema derecha ha sofocado las utopias?

No soy un analista político, sino un escritor que observa la política. Y lo único que te puedo decir desde esa perspectiva es que los auges de las derechas fundamentalistas me da mucho miedo, y más en un continente que ha sufrido tanto los desmanes políticos. Y respecto a Trump y Cuba, pues vamos a ver una ofensiva de Washington em todos los frentes que, em lo esencial, va a afectar a los cubanos más que al gobierno de Cuba.

Usted ha seguido desde temprano la Revolución Cubana, que ahora cumple 60 años. Con la muerte de Fidel Castro en 2016, algunos cambios económicos y sociales se han realizado en Cuba. Cómo evalúa usted esas alteraciones en

el día a día de los cubanos? Cuál es la relación de los jóvenes con la Revolución Cubana?

En estos momentos Cuba vive un a profunda y dolorosa crisis econômica que ha empobrecido a mucha gente. Inflación, salários insuficientes, falta de abastecimientos, incluidos los medicamentos. Y lo peor es que no se sabe cómo se saldrá de esse hoyo profundo que se ha ido cavando y que hoy tiene proporciones tremendas, trágicas diria. Y la respuesta de mucha gente, de muchos jóvenes hasido la emigración. Hoy el país vive su mayor ola migratória y se sabe que em los últimos três años han salido más de um millón de los once millones que había em 2021. Es um panorama desalentador y por eso mucha gente há perdido incluso las esperanzas y la confianza. Y un a sociedad sin esperanzas ni confianza es difícil de recomponer.

## Retrato da Revolução

Eduardo Marchesan<sup>1</sup>

Este ensaio é um recorte de um trabalho iniciado em 2014, no qual passei 30 dias em Havana fotografando e dando início à pesquisa para o meu projeto de mestrado. Retornei à cidade em 2019, por mais 20 dias, para concluir a pesquisa de campo sobre a fotografia cubana das décadas de 1950 e 1960, sob a perspectiva das lentes do fotógrafo Alberto Korda. O projeto foi intitulado “A Fotografia de Alberto Korda: Entre a Moda, a Publicidade e a Revolução”.

Neste recorte, “Retrato da Revolução”, destaco a grande influência das imagens produzidas durante a revolução, que permanecem presentes no cotidiano dos havaneses. As fotografias selecionadas para este ensaio abordam tanto pessoas anônimas quanto figuras com as quais tive contato durante minhas estadias, como fotógrafos contemporâneos a Korda, sua filha, seu ex-assistente, entre outros. Essas pessoas desempenharam um papel significativo na minha pesquisa, enriquecendo minha compreensão sobre o papel essencial da fotografia na construção e perpetuação da imagem da Revolução Cubana.”

95

[www.edumarchesan.com](http://www.edumarchesan.com)

---

<sup>1</sup> Fotógrafo, filmmaker e documentarista, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, com pós-graduações em Fotografia pelo Senac-SP e em Cinema, Vídeo e Fotografia pela Belas Artes de São Paulo. Atualmente, é docente no Senac-Campinas e já lecionou no Belas Artes, UNIP e no Museu da Imagem e do Som (MIS-SP). Entre suas principais exposições estão “Cuba por Eduardo Marchesan” (2017), “Panorama Brasil em Movimento” (2008) (Edital de Intercâmbio 2/2008 – MinC), apresentada em Frankfurt e São Paulo, “Da Nascente à Foz: Um Relato Fotográfico do Rio São Francisco” (2008) e “Rumo a Machu Picchu” (2005), ambas exibidas no Museu Belas Artes de São Paulo (MUBA).







## O desafio da gestão da educação na sociedade informacional

Rômulo Carvalho Cristaldo<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-6073-6413

Adriana de Almeida Cristaldo<sup>2</sup>

ORCID: 0009-0003-8536-3061

**Resumo:** Neste ensaio, o objetivo é abordar a gestão da educação como um espaço de fricção entre interesses e expectativas contraditórias, para destacar o quanto a natureza da gestão capitalista, no contexto da sociedade informacional e da efervescência das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), produz ali um rol de contradições e desafios. O método empregado nesse estudo foi a revisão narrativa de literatura, ilustrada por argumentação lógico-dedutiva e reflexão histórica. Aborda-se gestão por intermédio dos estudos organizacionais, com o intuito de demarcar as condições do soerguimento desse processo organizacional como uma das dinâmicas centrais das sociedades capitalistas. No plano da gestão educacional, se enfatizam as tensões entre as dimensões sociais da educação e da acumulação de capital. Finalmente, demarca-se como a introdução das TICs tem contribuído para ressignificar desde dinâmicas de organização do trabalho até as relações escolares. Como resultado, chega-se à sugestão de que o campo da educação, ao mesmo tempo em que se encontra obrigado (ou mesmo desejoso) em assimilar as novas TICs, estas as quais aportam com a pretensão e potencial de ressignificar e transformar as bases dos processos de ensino e aprendizagem, objetivos, relações de trabalho, métodos e procedimentos, entre outros [?]. Tal dinâmica imporia à gestão da educação o desafio de contemporizar interesses contraditórios, num contexto de mudanças estruturais e incerteza.

**Palavras chave:** Gestão da Educação. Sociedade Informacional. Escola. Capitalismo. TICs.

<sup>1</sup> Rômulo Carvalho Cristaldo é Doutor em Administração (NPGA/UFBA). Professor Adjunto da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (FACE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Coordenador do grupo de pesquisa Estado, Governança e Administração Pública (EGAP) da UFGD. E-mail: romulocristaldo@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6792659998157485>

<sup>2</sup> Adriana de Almeida Cristaldo é Mestre em Administração Pública (Profiap/UFGD), especialista em Direito e Processo do Trabalho (Uniderp) e Bacharela em Direito (UFMS). Assistente em Administração da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pesquisadora do grupo Estado, Governança e Administração Pública (EGAP) da UFGD. E-mail: drickaalmeida@hotmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7626155313839968>

**Abstract:** In this essay, the aim is to address the management of education as a space of friction between conflicting interests and expectations, to highlight how the nature of capitalist management, within the context of the informational society and the effervescence of new information and communication technologies (ICTs), generates a set of contradictions and challenges therein. The method employed in this study was a narrative literature review, illustrated by logical-deductive argumentation and historical reflection. Management is approached through organizational studies, with the intention of delineating the conditions for the resurgence of this organizational process as one of the central dynamics of capitalist societies. Within the realm of educational management, tensions between the social dimensions of education and capital accumulation are emphasized. Finally, it is delineated how the introduction of ICTs has contributed to redefining dynamics of work organization and school relationships. As a result, the suggestion is reached that the field of education, while obligated (or even desirous) to assimilate the new ICTs, which come with the intention and potential to redefine and transform the foundations of teaching and learning processes, objectives, work relationships, methods, and procedures, among others. Such dynamics would impose on educational management the challenge of reconciling conflicting interests in a context of structural changes and uncertainty.

100

---

**Keywords:** Educational Management. Information Society. School. Capitalism. ICTs.

**Resumen:** En este ensayo, el objetivo es abordar la gestión de la educación como un espacio de fricción entre intereses y expectativas contradictorias, para resaltar cómo la naturaleza de la gestión capitalista, dentro del contexto de la sociedad de la información y la efervescencia de las nuevas tecnologías de la información y comunicación (TIC), genera un conjunto de contradicciones y desafíos. El método empleado en este estudio fue una revisión narrativa de literatura, ilustrada por argumentación lógico-deductiva y reflexión histórica. La gestión se aborda a través de estudios organizacionales, con la intención de delinear las condiciones para el resurgimiento de este proceso organizacional como una de las dinámicas centrales de las sociedades capitalistas. Dentro del ámbito de la gestión educativa, se enfatizan las tensiones entre las dimensiones sociales de la educación y la acumulación de capital. Finalmente, se delinea cómo la introducción de las TIC ha contribuido a redefinir las dinámicas de organización del trabajo y las relaciones escolares. Como resultado, se sugiere que el campo de la educación, si bien está obligado (o incluso deseoso) de asimilar las nuevas TIC, las cuales tienen la intención y el potencial de redefinir y transformar las bases de los procesos de enseñanza y aprendizaje, objetivos, relaciones laborales, métodos y procedimientos, entre otros. Tales dinámicas impondrían a la gestión educativa el desafío de reconciliar intereses contradictorios en un contexto de cambios estructurales e incertidumbre.

101

---

**Palabras-clave:** Gestión Educativa. Sociedad de información. Escuela. Capitalismo. TIC.

## Introdução

Esta primeira aproximação, que se optou por chamar de “introdução” por força da necessária aderência deste trabalho para com a tradição da escrita científica ocidental, tem o papel de relatar a problemática perseguida neste ensaio, qual seja, discutir alguns dos desafios impostos sobre a gestão da educação, no contexto da emergência das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) a partir do último quartel do século XX e primeiras décadas do século XXI.

Uma das questões fundamentais do tempo presente diz respeito a como as inovações tecno-científicas, associadas ao desenvolvimento da microinformática e das novas TICs, impactam o campo da educação (Gadelha, 2017), enquanto parecem transformar tudo ao redor segundo sua lógica de estruturar informação, saberes e a própria realidade. Esse conjunto de questões ganha especial nuance ao se considerar o contexto do modo de produção capitalista que, diante do que se convencionou chamar de sociedade informacional (Castells, 1999), passa a enxergar (mais) esse aspecto coletivo como uma fonte de oportunidade de negócios (Laval, 2019), passível de verter-se em mercadoria e, conseqüentemente, mais-valor.

Não por acaso, o mundo da gestão parece invadir o espaço amplo da educação, pela porta de entrada da escola, se acomodando ali com pretensões nem sempre claras (Oliveira, 2019). A gestão da educação se apresenta como elo, ou instância de fricção, entre os interesses da acumulação de riqueza como *proxy* do capital, enquanto equilibra a expectativa de uma escola que se apresenta como a instituição humana cuja característica principal seria a de legar para as gerações futuras as descobertas e saberes do presente e do passado. Sob pena de, em caso contrário, transformar-se numa mera instância de valorização de capital (Napolitano, 2017), da gestão escolar exige-se hoje um posicionamento em meio a muitas tensões, dentre as quais a contradição produtivista entre ensinar/aprender e lucrar (Oliveira, 2022).

Uma das premissas de partida aqui é que a própria natureza da gestão, que emerge como força operante do capitalismo (Paço Cunha, 2018), ao adentrar a instituição da escola — e, por extensão, os processos de ensino e aprendizagem ali sistematizados —, carrega consigo suas contradições estruturais (Dumenil; Lévy, 2018). Essa percepção torna necessária uma reflexão ontológica da gestão, não necessariamente como contraponto para expurgo, mas ao menos como

compreensão dos desafios históricos que impõe sobre a práxis do educar e aprender (Mészáros, 2008).

Quando o capitalismo mundial se volta para o conhecimento como possível nova fonte de mais-valor (Castells, 1999), paralelamente a escola (em um sentido *lato*) passa a atrair cada vez mais o interesse da empresa; esse processo tampouco parece aleatório. Seja como parte de um tipo de intencionalidade organizada contra o ensino superior crítico (Giroux, 2014), seja como oportunidade de negócio (Napolitano, 2017), seja como meio de disseminação ideológica e reprodução da força de trabalho (Moreira, 2011), é lícito afirmar que as transformações relacionadas às novas TICs aprimoraram e recrudesceram o controle interessado, capitalista, sobre a instituição da educação e sua manifestação organizacional na escola (ou melhor, nas escolas, liceus, academias e universidades).

O objetivo deste ensaio, portanto, é se aproximar dessa problemática tomando como fio condutor a gestão da educação, para debater como a natureza da gestão capitalista, no contexto da sociedade informacional, produz todo um rol de contradições e desafios no âmbito da instituição escolar. O método empregado aqui foi o da revisão narrativa de literatura, ilustrada pela argumentação lógico-dedutiva e a reflexão histórico-crítica. Como resultado, chega-se à percepção de que a educação — tomada assim mesmo, antropomorfizada, por força de sua integração objetificada no mundo do capital —, ao mesmo tempo se encontra obrigada e ansiosa em assimilar as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), estas as quais ressignificam e transformam a educação em si, suas relações de trabalho, métodos e procedimentos, até mesmo objetivos e quiçá natureza.

A seguir, no desenvolver deste ensaio, primeiro discute-se a natureza da gestão, como prática social enraizada, mas que ganha autonomia no capitalismo. Na sequência, reflete-se sobre como a gestão se insere na escola, aqui compreendida como um arquétipo, em elevado grau de abstração. Por fim, articulam-se o contexto da sociedade informacional, as mudanças decorrentes da assimilação tecnológica no âmbito da educação, e os desafios impostos por esses processos na instituição da escola.

## Notas sobre a natureza da gestão

A gestão, no mundo contemporâneo, funciona como uma das atividades estruturantes da sociedade (Lapierre, 2005), sobretudo porque o modo de produção capitalista se impõe como uma construção coletiva que regula a interação humana, suas divisões e conflitos, por meio do poder e de dinâmicas concernentes à produção e distribuição de valor (Paço Cunha, 2018). Por conta disto, para ilustrar essa sugestão de centralidade da gestão, convém recuperar como a prática é abordada em seu próprio campo de saber, os estudos organizacionais e a administração funcionalista, nem que para tanto seja necessário dialogar com seu status reificado (Amaral, 2007). Isto, pois, a educação ela mesma pode ser compreendida no limite como uma heurística de processo (Zatti; Pagotto-Euzébio, 2022)<sup>3</sup>, assim como a própria escola tal qual uma organização (Rech, 2020), contemporaneamente, muitas delas capitalistas (Laval, 2019), o que, no limite, remonta ao conjunto de relações sociais que se denominam como gestão.

Uma primeira percepção é a de que gestão se refere a uma ocupação de trabalho, um processo social, relacional e político, a administração (Azevêdo; Grave, 2014), que se firma campo de saber autônomo graças a seu papel na produção capitalista de valor (Paço Cunha, 2018). Por isso, pode-se dizer ainda que se trata de uma prática histórica, que revolve sobre a maneira por meio da qual os agrupamentos humanos — *Da Horda ao Estado* (Enriquez, 1991) — constroem as condições materiais e simbólicas de sua existência, na medida que indivíduos transformam a natureza e a si mesmos em produtos (bens e serviços); produtos os quais contemporaneamente (no modo de produção capitalista) tomam a forma de mercadorias (Dumenil; Levy, 2018). Nesse sentido, o campo da administração se apresenta como atividade científica (do conhecer sobre), prática (de produzir para), moral (de julgar o quê & a quem) e criativa (entre estética e inovação para consumo) (França Filho, 2009; Matos, 2009).

Disto deriva-se que a ontologia social da gestão pode ser vista como numa perspectiva dual, a partir da prática e da ciência (ou campo de saber), nunca separadas de fato, talvez apenas como ilusão de quem se encastele, ora vejam, na academia (Aktouf, 1996). Há uma dialógica na gestão, radicada na necessidade

---

<sup>3</sup> Pode-se dizer que, na perspectiva (funcionalista) da administração gerencialista, sob a égide do modo de produção capitalista, qualquer instância social ou forma de relação se assemelha a uma heurística de processo e, portanto, potencialmente passível de verter-se em mercadoria (Dumenil; Lévy, 2018).

comunicacional que advém da interação e cooperação para o trabalho (Paes de Paula, 2016), ao mesmo tempo em que uma dialética, pois que seu papel no bojo da sociedade capitalista é o de contribuir para a mediação entre os interesses irreconciliáveis de classe, materializando a divisão técnica do trabalho (Cristaldo, 2022). Dialógica e dialética da gestão remetem aos seus dois “momentos” ontológicos, como *prática* e *objeto* de um campo autônomo de saberes, por assim dizer, científicos.

Enquanto prática, as incumbências dos gestores foram alvo de um rol destacado de esforços de investigação e produção de conhecimento com objetivos (i) prescritivos, uma vez que assumem uma postura de autoridade distanciada que pretende ensinar como fazer (Gomes; Bruck, 2021), e (ii) performáticos, ao intentar a melhoria de gestão, de incremento da performance (França Filho, 2009). Nesse sentido, a gestão se firma também como um arcabouço tecnológico que se apresenta e se pretende neutro ideologicamente, sem o ser de fato nem de direito (Souza; Paes de Paula, 2022). Firmou-se assim um extenso (e profícuo, vale dizer) debate, desde as contribuições de Frederic W. Taylor e Henry J. Fayol na passagem do século XIX para o século XX, até os dias atuais, sobre quais deveriam ser as funções do gestor nas organizações (Teixeira, 1981).

Convém fazer aqui reverência aos clássicos, esses arautos pioneiros de um tempo quando da gestão pouco se ouvia falar, exceto como curiosidade acerca dos (des)caminhos da usura (Witsel, 2012). Fayol (1989) atribuía cinco papéis aos gestores: prever, organizar, comandar, coordenar e controlar. Drucker (2008) acreditava que o administrador precisa também formar pessoas (uma função educativa), além de planejar, organizar, ajustar ações e medir resultados. Mintzberg (1980) relata que, na prática, gestores assumem 10 funções subdivididas em três categorias: (i) interpessoais (figura de proa, líder e integrador); (ii) informacionais (referência, disseminador de informações e porta-voz); (iii) decisórios (empreendedor, solucionador de conflitos, alocador de recursos e negociador). Nos livros-texto de gestão e nas escolas de negócios, se estabeleceu um modelo em quatro dimensões: ao gestor caberia planejar, organizar, liderar e controlar. Como *liason* entre esses diferentes/convergentes modelos, encontra-se a racionalidade dos efeitos produtivos (Gurgel, 1999).

Essas fórmulas performático-prescritivas revelam, ao mesmo tempo em que ocultam, a função da própria gestão no modo de produção capitalista. Revelam, pois que circunscvem a raiz de uma ação social complexa à melhoria

de processos, de forma acrítica, sem considerar a natureza das organizações, suas funções coletivas, tampouco como se inserem no âmbito das disputas sociais, denotando assim intencionalidades e interesses. Ocultam [o quê?], na medida em que apresentam a gestão como uma prática isenta de opinião, apenas como técnica que, a princípio, poderia ser colocada a serviço de quaisquer interesses e objetivos. Na verdade, o que parece ser é o oposto: a gestão no modo de produção capitalista é uma ferramenta vinculada a interesses de classe, com o objetivo de incrementar a extração e realização de mais-valor (Paço Cunha, 2018), estabelecer controle político (Gurgel, 1999) e mesmo ideológico (Cristaldo, 2022) sobre o trabalho, ao passo que, contraditoriamente, se apresenta como alternativa de resistência (Cançado; Tenório; Pereira, 2022).

O “momento” ontológico da gestão como objeto de estudo, que remete à administração e aos estudos organizacionais (França Filho, 2009), se caracteriza também como objeto de disputa e fricção (Cristaldo, 2022). Isto, pois, na medida em que a gestão é a forma estruturante de uma sociedade pautada pelo modo de produção capitalista, no qual a esfera da produção de valor é alçada à prática principal de subsidiação de poderes, dominação e hegemonia — afinal, o capitalismo se configura como governo exercido pelos ricos e usurários (Marx, 2013) —, é por meio da gestão que os interesses se manifestam. Ou melhor, no capitalismo, as classes e suas frações apresentam (ou precisam apresentar) suas aspirações particulares como se universais, por meio de propostas de *reprogramação gerencial* do Estado, das empresas e das demais organizações que funcionam como instâncias de mediação de classe (Cristaldo, 2021).

A escola contemporânea aparece, nesse contexto, como uma organização formal que funciona (também) como instância de mediação, entre o passado e o futuro, entre aprendentes e seus dominadores/tutores; entre capital e trabalho, por que não (?!). Enquanto tal, se encontra necessariamente tensionada entre a prática histórica das comunidades humanas, ao legarem para a gerações futuras os saberes necessários para a continuidade material e simbólica de suas culturas e costumes, e as dinâmicas próprias do modo de produção capitalista, que espera da escola a formação de trabalhadores produtivos, ao mesmo tempo em que enxerga na instituição educacional um repositório importante de oportunidades de negócios (Rech, 2020).

## Desde a gestão até a escola

Seria um truísmo afirmar que no ambiente das instituições formais de educação se observa o fenômeno da gestão. A problemática fulcral não é sobre *se*, mas *como*, ou melhor: *quais as especificidades* assumidas pela gestão dos processos formais de educação que a diferencia da gestão em geral e, claro, que dinâmicas e condições sócio-históricas contribuem para essa diferenciação?

A despeito do desenvolvimento da educação enquanto saber sistematizado, que remonta à antiguidade clássica e desde então se espalha por muitas e importantes fases e ramificações (Manacorda, 1992; Zatti; Pagotto-Euzebio, 2022), importa para a reflexão aqui como se manifesta a instituição da escola no contexto da sociedade brasileira contemporânea.<sup>4</sup> Quando o capitalismo ascende e se firma como instituição dominante, o faz integrando e transformando as instâncias pregressas de socialização para que trabalhem de maneira funcional em seu favor (Paço Cunha, 2018); a escola, sem deixar de ser o que era, se transforma em aparato duplo-contraditório de reprodução capitalista, dos trabalhadores enquanto tal e da ideologia capitalista (Althusser, 1990), isto sem deixar de ser espaço de contra-hegemonia e crítica (Trópia, 2009).

Contemporaneamente no Brasil, o conjunto institucional que forma o sistema nacional de educação (SNE) inclui, para além das instâncias governamentais de regulação vinculadas ao Ministério da Educação (MEC), desde autarquias e escolas públicas, passando por instituições confessionais, *think tanks*, escolas privadas de pequeno, médio e grande porte, até mesmo fundos transnacionais de investimento que controlam portfólios de ativos educacionais os mais diversos (Pontes; Licio, 2020). Trata-se de um sistema de natureza mista, de um lado profundamente marcado pelo poder e presença de grandes conglomerados capitalistas (Cruz; Paula, 2018), de outro caracterizado pelo protagonismo intelectual das instituições públicas de ensino superior (Martins, 2019) e a enorme capilaridade da escola pública na formação básica, entre desmontes, ingerências e tragédias.

De maneira geral, pode-se dizer que na educação brasileira se reproduzem os diversos interesses por detrás dessa estrutura, em termos de macrotensões (i) entre o capital e o trabalho, (ii) Estado e sociedade, (iii) mercado e cidadania, (iv)

<sup>4</sup> Essa dispensa da história da educação enquanto práxis coletiva ou campo de saber não carrega um juízo de valor, mas uma premissa de limite espacial, pois que este veículo típico da ciência ocidental, o artigo (*paper, artículo*), se presta somente ao que se pode dizer rápido e objetivamente (Trzesniak, 2014). Oxalá não se chegue ao ponto de que se exijam sínteses em 144 caracteres.

técnica e conhecimento, assim como microtensões (micropolíticas?) entre sala de aula e direção, professor e aluno, aprendizado e avaliação, e assim por diante. A administração educacional, nesse espaço marcado por tensionamentos, funciona em dupla escala, como governança de interesses macro e como gestão de interesses micro, expectativas e aspirações muitas das quais não podem ser reconciliadas por princípios ontológicos.

De lado, sim, a gestão capitalista representa o conjunto de técnicas de articulação e usos de recursos, mais trabalho e tecnologia, para cumprir um objetivo, que no caso da escola é o ensino/aprendizado em sentido lato, formação e socialização em sentido estrito. Por outro lado, a gestão ali também é a política de mediação das tensões micro e macro que se manifestam no ambiente escolar. Educação (Deina, 2018), ensino (Gadelha, 2017), escola (Barroso, 2008), universidade (Schwartzman, 2013) parecem estar sempre em crise, na iminência de uma transformação revolucionária que nunca chega, à beira do abismo de uma derrocada que nunca se precipita. Isso, porque o desconforto da escola no mundo capitalista é ser um espaço de disputa, por opinião, pela verdade, hoje ainda mais pelo valor e pelo capital.

Não se pode discutir uma “crise da universidade” brasileira, como faz, por exemplo, o senhor Schwartzman (2013, p. 57), sem mencionar o interesse privado por detrás dessa ‘crise’, o que o referido intelectual procura não — talvez se pudesse dizer, ‘não se interessa em’ — enfatizar. Tampouco se pode idealizar a escola como o último bastião de um mundo ideal, representante anacrônica de um passado que não existiu, exceto talvez na imaginação dos românticos, como se não devesse mudar. Tentar se posicionar fora da história, como querem os novos ludistas — os mesmos que pretendem defender a escola contra inimigos imaginários, tais quais neoliberalismo, globalização, ensino a distância, inteligência artificial e outros moinhos de vento — talvez seja um equívoco igualmente constrangedor (Cruz; Paula, 2018; Laval, 2019).

A gestão educacional se apresenta como um processo distinto por conta da natureza particular da instituição da escola. Primeiro, decorrente de seus objetivos estruturantes na sociedade. Segundo, por ser um espaço de disputa, tanto no plano da reprodução material e formação de valor, como no plano simbólico da ideologia e do que se entende por verdade e engano. Nesse sentido, à escala da técnica e da mediação capital-trabalho/instituição-educador, somam-se expectativas outras que se manifestam no ambiente escolar. Por isso mesmo, na medida em que o

século XX chega ao fim e, como afirma Castells (1999), a própria origem do valor se desloca do trabalho para o conhecimento, a educação passa por (mais uma) uma mudança motivada pela integração dos processos de gestão profissional (capitalista) à sua dinâmica.

### **TICS, sociedade informacional e a gestão da educação**

A discussão sobre a pós-modernidade remete a crítica de que, mesmo tendo sido feito um esforço de passar em revista o projeto moderno (Lyotard, 1988), o mundo contemporâneo ainda se encontra estruturado sobre instituições modernas, como o Estado burguês, a propriedade privada do capital, o sistema internacional de países formalmente soberanos, a razão instrumental, entre outras (Harvey, 1992). Porém, mesmo que a sociedade burguesa e o capitalismo não tenham sido superados, diferentes modos de desenvolvimento se sucederam trazendo mudanças e desafios particulares (Castells, 1999), desde o liberalismo clássico sob a expansão imperialista, passando pelo fordismo do século estadunidense (Hobsbawn, 1995) e além, até um pretense pós-industrialismo (Kumar, 1997) do qual muito se ouve falar, mas pouco se observa concretamente.

Quando Karl Marx (2013) apresentou sua análise do capitalismo no século XIX, se podia afirmar que o objetivo da valorização do capital dar-se-ia, se e somente se, fosse possível explorar a única fonte de valor novo à disposição, o trabalho. A empresa capitalista e a indústria ocidental — que produziram também (i) a divisão de tarefas e a hierarquização do trabalho (Marglin, 1980) assim como (ii) a separação e autonomização do campo da administração e dos estudos organizacionais (Paço Cunha, 2018) — se constituíram sobre essa empreitada, a de extrair e realizar mais-valor, explorando a massa de trabalhadores livres, ou melhor despossuídos.

Para Castells (1999), as transformações sociais e econômicas que se iniciam com o desenvolvimento da informática e a disseminação das novas tecnologias de informação (TICs) em meados do século XX,<sup>5</sup> estariam trazendo uma mudança

---

<sup>5</sup> Neste trabalho, compreende-se por *tecnologia* os construtos sócio-históricos que resultam do emprego prático de conhecimentos científicos com o intuito de estruturar uma ação de modo que se autorreproduza, ou seja, que torne possível estabelecer os meios e fins para sua continuidade segundo uma dinâmica interna de operação (Castells, 1999). Por exemplo, uma tecnologia de gestão do trabalho visa criar as condições para que a atividade de produção de valor (i) atinja seu objetivo e (ii) crie as condições necessárias, materiais e simbólicas, para que continue a ocorrer. Como se trata de um construto sócio-histórico, a tecnologia pressupõe um rol de relações sociais, as quais são mediadas por heurísticas e artefatos (técnicas) que interagem como parte de um (ou

estrutural no capitalismo como um todo, na medida em que o conhecimento e a informação assumiriam o protagonismo na produção de valor. Esses processos se materializariam na composição de uma “sociedade informacional” (Castells, 1999, p. 57), na qual a informação não apenas cumpre um papel (em todas as sociedades que se tem notícia essa é uma afirmação verdadeira), mas se veste de uma função estruturante na composição do sentido das relações humanas.

A despeito da controvérsia em torno da tese que prega a substituição do valor-trabalho pelo valor-conhecimento (Scolari, 2021) — consequentemente, da indústria pelos serviços, da sociedade de classes por uma sociedade em rede, do emprego por outras modalidades de exploração e assim por diante —, não é possível negar os efeitos de informática, comunicação em tempo real, internet e geolocalização via satélite, nas relações de produção, políticas e simbólicas da contemporaneidade (Bauman, 1998). Alguns desses efeitos, como encurtamento do espaço-tempo, aceleração da velocidade de comunicação, mais as tecnologias de controle remoto e flexibilização do trabalho, impactam sobremaneira a educação. Isto, tanto concernente ao comportamento de estudantes, professores e gestores, como no que tange à própria prática de ensino e aprendizagem (Passero; Engster; Dazzi, 2016).

Primeiro, é preciso considerar que as transformações relacionadas com a emersão da sociedade informacional se expressaram no mundo das organizações formais e na gestão. Uma de suas marcantes características é a mediação do controle sobre o trabalho por meio de tecnologias computacionais, que vão desde a utilização de simples planilhas eletrônicas, até a aplicação de inteligência artificial e gamificação em plataformas de economia de compartilhamento (Franco; Ferraz, 2019).

O uso das tecnologias, por sua vez, proporcionou uma mais agressiva flexibilização do trabalho (Paes de Paula; Paes, 2021), dissolução das relações formais de emprego (Rosa; Calvete, 2020), transferência de responsabilidades, extensão temporal e intensificação do trabalho sob a alcunha cínica de “*empowerment*” (Batista, 2006,

---

vários) dispositivo(s) discursivo(s). As *tecnologias de comunicação e informação* (TICs), portanto, correspondem a heurísticas e artefatos de mediação para a estruturação de relações que dependem (i) de codificação, decodificação e transição atitudinal de mensagens, assim como (ii) de coleta, armazenagem, tratamento e distribuição de dados e informações, processos os quais se inserem num contexto histórico, cultural, político e econômico. As *novas* TICs, por sua vez, aqui englobam o conjunto de mudanças proporcionadas pela introdução da microinformática (processamento eletrônico, internet, linguagens digitais, redes neurais, inteligência artificial etc.) aos processos de comunicação e tratamento de informações, em escala e intensidade cada vez maiores, a partir sobretudo do último quartel do século XX (Castells, 1999).

p. 2), controle por resultados (Oliveira, 2021) e apropriação por espoliação do capital de propriedade do trabalhador (Hughes; Southern, 2019).

Flexibilização, planejamento horizontal, empoderamento, intensificação de responsabilidades, novas formas de controle e, sobretudo, mediação por meio das TICs, — tudo isso resumido nos conceitos imprecisos de inovação e tecnologia (Souza; Paes de Paula, 2022) — são as características esperadas das “novas organizações” para uma assim chamada “nova economia” (Goldstein, 2014, p. 1), o que na verdade não é nada mais do que o velho capitalismo de sempre: exploração, precarização e superacumulação de riqueza (Cristaldo, 2021). Tudo isso sob a justificativa mítica do desenvolvimento (outrora chamado de “progresso”) capitalista (Furtado, 2020). A gestão contemporânea, em tempos de indústria 4.0, não deixa de ser a articulação entre recursos, tecnologia e trabalho para a valorização de capital, seja direta (na empresa) ou indiretamente (no âmbito dos aparatos ideológicos e políticos do capital).

A flexibilização do trabalho chega até a instituição educacional por meio de diversos caminhos: (i) na contratação de professores com registro de microempreendedores individuais (MEI); (ii) na utilização de trabalhadores temporários, entre docentes e cargos administrativos; (iii) na remuneração por carga horária, que não contempla pesquisa, preparo, avaliação e acompanhamento de rendimento (Silva; Motta, 2019). Em adendo, também o *empowerment* se observa como aparência de, por exemplo, dinâmicas de intensificação e extensificação<sup>6</sup> do trabalho docente, os quais assumem papéis de gestão e funções administrativas concomitantemente às exigências de sua função principal, estas as quais também passam a acumular atribuições crescentemente draconianas (Silva; Padim, 2018).

Os controles de resultados, por sua vez, engendram o que se chama de produtivismo acadêmico — uma modalidade de autoexploração e autocontrole em benefício quase exclusivo do capital, no campo representado por editoras privadas, instituições de ensino e empresas de serviços-meio —, que ocupa,

---

<sup>6</sup> A *intensificação* é aqui compreendida como o processo de aumento da carga de trabalho, dado um número fixo de horas trabalhadas, por meio do acúmulo e complexificação das funções exercidas. No caso do trabalho docente, a intensificação do trabalho chega ao extremo de que as horas contratadas para o exercício funcional não se mostram suficientes para atender as expectativas de produtividade imprimidas sobre o trabalhador. Isso obriga, portanto, professores a estender por iniciativa própria as horas dedicadas ao trabalho para além da jornada oficial, ensejando assim o que se compreende por *extensificação* do trabalho (Lara; Quartiero; Bianchetti, 2019). A extensificação toma forma, na carreira docente, ao se utilizar das horas de descanso para atender demandas de trabalho, quer no preparo de aulas e correção de avaliações, quer na pesquisa e produção científica, orientação e extensão (Souza, 2021).

estressa e adoce docentes em níveis alarmantes (Mello; Alves, 2017; Oliveira; Pereira; Lima, 2017; Rocha, 2018). A expropriação e espoliação da propriedade de docentes, por sua vez, é muito conhecida daqueles que utilizam seus próprios computadores e a energia elétrica de suas residências para preparo de aulas e pesquisas, bem como até mesmo empregam parte de seus rendimentos para aquisição de materiais de ensino, costumes estes há muito arraigados no campo (Esteve, 1999).

Segundo, as novas tecnologias não vêm carregadas apenas de boas intenções. Como mercadorias — e, portanto, como expressão de processos de produção e realização de valor (Araújo, 2022) — se achegam da escola também para substituir as tecnologias pregressas e já estabelecidas, analógicas por assim dizer. Ao fazê-lo, de um lado substituem as relações econômicas de fornecimento, com consequências para cadeias locais de valor, assim como empregos, empresas e mesmo saberes e práticas que são obrigados a se desalojar; além disso, deslocam as instâncias de tomada de decisão, projetando além-mar, para dentro da hierarquia das grandes empresas de tecnologia, as escolhas sobre que características e configurações as tecnologias (e a própria educação) assumem (Benini et al, 2020).

De outro lado, a introdução das TICs na escola coloca em xeque o domínio de professores sobre os termos e potencialidades das práticas à mão, tornando-os neófitos em sua própria função especializada. Esse potencial estranhamento pode se manifestar como tensão interiorizada, estresse, decorrente da mudança dos processos de trabalho e da perda relativa do domínio dos signos e ferramentas que caracterizam seu agir no mundo (Pereira; Silva; Novello, 2018). Isso tudo, enquanto se espera que os docentes apresentem/desenvolvam habilidades e competências de gestão, relacionamento interpessoal e mesmo acompanhamento psicossocial de discentes, entre outras atividades acumuladas (Silva; Souza; Alves, 2021).

Todo um rol de desafios estruturais se apresenta à gestão da educação na sociedade informacional. O primeiro, mais premente, está em como assimilar os princípios de uma maior flexibilidade, autonomia, dinâmica, bem como constante surgimento e aprimoramento de novas TICs, na gestão e nos processos educacionais, sem que remeta [quem?] à precarização, superexploração e alienação do trabalho; isto, mediando um controle local cada vez menor sobre a atividade laboral. O seguinte desafio está em sobre como conduzir a escola em um tempo de mudanças no qual, é preciso dizer, seu objeto — o saber, o conhecer, enfim, a

(in)formação — foi alçado ao posto de origem do valor e, por conta disto, atrai cada vez mais cobiça e atenção. Outro desafio está no risco/oportunidade em se aproveitar as técnicas e metodologias de gestão empresarial, em contextos cuja natureza organizacional são tão diversos daqueles como a Universidade pública, por exemplo.

Essas dinâmicas desafiam a gestão da educação, exigindo uma governança entre as expectativas e tensões que se materializam na escola e, sobretudo, permeiam as relações de ensino e aprendizagem. Isto porque, nesse espaço de fricção entre a técnica e a política de gestão, entre as expectativas e aspirações dos atores — estudantes, professorxs, gestorxs, capitalistas e a coletividade —, entre as belezas e as vicissitudes da construção do conhecimento, as atividades de *ensinar* e *aprender* aparecem filtradas por muitas camadas de interesse, muitas das quais não necessariamente pretendem concorrer para sua efetividade; ou melhor, que concorrem para efetividades plurais a partir de perspectivas próprias.

Sim, não é possível escapar da gestão, das TICs, assim como não é possível evadir da história e evitar as mudanças pelas quais as sociedades passam — todos os que tentaram fugir da história, acabaram por produzi-la em outros termos (Jaspers, 2013) —, o que obriga um esforço de assimilação crítica de cada um desses processos sociais. Dito de outra forma, é preciso achar uma maneira de fazer exatamente o que não se espera da educação sob a égide do novo capitalismo informacional (Castells, 1999; Giroux, 2014; Laval, 2019; Mészáros, 2008): manter a autonomia de pensamento e o espírito da crítica, sem, no entanto, se fechar para o novo.

### **À guisa de considerações finais**

No presente ensaio, foi tecida uma argumentação sobre como a gestão se apresenta e transforma, dialética e dialogicamente, a instituição da educação no contexto da sociedade informacional capitalista. Desse processo, derivam muitos desafios impostos à gestão da educação, desde a “flexibilização” de relações de trabalho, até a ressignificação de objetivos e procedimentos. Tantas mudanças que se pode mesmo questionar a própria continuidade desse objetivo como existência concreta, o educar.

Na primeira seção, recuperou-se a noção de gestão como produto do capitalismo, como campo de práticas e conhecimentos derivados da necessidade de aumentar a produtividade do trabalho e o uso eficiente de recursos na empresa. Nesse sentido, chega-se à percepção de que gerenciar se impõe como uma instância de mediação da relação entre capital e trabalho, que envolve desde o funcionalista e profissional, num patamar microeconômico, até a governança de interesses em uma instância macro. Por se apresentar como aparato de mediação, deriva-se que a gestão é um campo de disputa; da mesma forma que, mais adiante, se expresse aqui sobre a educação na contemporaneidade.

A seção seguinte, por sua vez, foi direcionada para uma reflexão sobre a gestão da educação, por meio de uma breve caracterização da instituição da escola no tempo presente. Sugerindo que na escola, num sentido *lato*, se manifestam interesses contraditórios, de um lado concernentes à própria relação de ensino e aprendizagem, mas também decorrentes dos muitos interesses exógenos ali presentes (Estado, sociedade e capital, em resumo). Dessa forma, a gestão educacional foi descrita como um processo de ordenamento da atividade de ensino/aprendizagem, num sentido micro, mas também e sobretudo como processo de governança dessas tensões estruturais, institucionais e sociais.

Já na terceira seção realizou-se uma breve consideração acerca dos desafios impostos pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), no contexto da emersão de uma sociedade informacional sob a égide do capital. Na medida em que se consolida uma percepção generalizada de que o conhecimento pode ser uma origem de valor, o capital volta sua atenção para (também) a educação e suas alegadas oportunidades (de valorização e acumulação de riqueza), a qual, além de exercer seu papel secular na reprodução da força de trabalho (Moreira, 2011), se apresenta como oportunidade de negócio para formação e realização de mais-valor (Napolitano, 2017).

Nesse sentido, conforme ainda a discussão elaborada na seção terceira, as TICs penetram o ambiente da escola ressignificando e complexificando as relações professor-aluno, coordenação-professor, capital-trabalho, entre outras. Isso proporcionaria o emprego de novas formas de controle e intensificação/extensificação do trabalho, com efeitos negativos sobre saúde, segurança e equilíbrio de docentes. Paralelamente, transformaria as práticas docentes em si, por meio de processos mediados por máquina em ambientes e dinâmicas cujas

características e estruturas passam a escapar do controle do trabalhador, gerando estranhamento e alienação, ao mesmo tempo em que reforçando a reprodução capitalista. Esse seria um sumário, em linhas gerais, dos desafios de uma educação pós-moderna, nos termos de uma modernidade ampliada (Harvey, 1992).

A gestão da educação é uma atividade relacional que pressupõe a articulação, mediação e integração de diferentes fatores — pessoas, trabalho, tecnologia, conhecimento etc. (Mintzberg, 1980) —, direcionada para o objetivo de otimizar processos de ensino e aprendizagem. No modo de produção capitalista, a gestão ganha autonomia e toma a forma reificada de uma racionalidade mais-que-verdadeira, inconteste, na medida em que princípios como eficiência (aprimoramento da relação recursos/resultados), produtividade (relação trabalho/resultados), lucro (verificação contábil das diferenças entre custos e receitas), entre outros, são alçados à posição de basais objetivos coletivos (Paço Cunha, 2018). Assim, as formas capitalistas de gestão penetram as diferentes instâncias de sociabilidade, reformando práticas, processos e relações para que se adequem aos princípios dominantes da sociedade do capital (Dumenil; Lévy, 2018).

Na medida em que a escola se integra ao modo de produção capitalista, os processos educacionais, seja no que tangem à assimilação do legado simbólico coletivo na forma da apropriação individual (alienada ou crítica, parcial ou imersiva) de uma cultura, seja como instância formal de preparo funcional para o exercício de uma atividade produtiva dentro de uma lógica funcionalista, são orientados para cumprir um papel na reprodução do capital (Mészáros, 2008). Assim, a gestão da educação, para além de uma mera instância técnica no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem, funciona como uma arena de reforma e reforço para o aprimoramento do uso capitalista da escola, que pode assumir tanto um papel na reprodução material (Dumenil; Lévy, 2018; Laval, 2019), como no âmbito da programação ideológica de classe (Althusser, 1990).

Ao cabo, advoga-se não pelo enfrentamento puro e simples, ou pelo abandono da tecnologia e da gestão em nome de um retrocesso a uma educação pré-industrial. A questão que se impõe é *como assimilar* gestão, tecnologia, inovação, *sem abandonar o objetivo da educação em legar para as gerações futuras os saberes necessários para sua vivência crítica e reflexiva?*

Essa pergunta será deixada aqui como provocação, dado o desafio que representa. O *zeitgeist* contemporâneo parece firmar uma tendência crucial para se

pensar o futuro da educação: há uma animosidade latente contra as instituições de tempos pregressas, como Estado, Escola, Universidade etc. Animosidade esta que, de um lado, aponta para o aparente fracasso do projeto moderno, de outro alimenta reações e agendas que buscam recrudescer algumas das principais formas de opressão derivadas da modernidade. Ao que parece, a educação passa por uma mudança estrutural, de certa forma acelerada pelas TICs, mas, na opinião defendida aqui, relacionada com sua transformação em setor econômico e oportunidade de negócio no bojo da sociedade informacional capitalista. Resta saber se, ao cabo, o que sobrará diante da mercadoria *conhecimento* e da escola *empresa* será, de fato, algo que valha a pena conhecer.

### Referências

AKTOUF, O. A administração entre a tradição e a renovação. Tradução: R. Fachin; T. Fischer. São Paulo: Atlas, 1996.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Tradução: J. J. de M. Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

AMARAL, M. C. da S. A gestão em questão: da (des)construção à (re)construção. 2007. Tese (Doutorado em Educação) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ARAÚJO, W. P. Marx e a indústria 4.0: trabalho, tecnologia e valor na era digital. *Revista Katálysis*, v. 25, n. 1, pp. 22-32, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82591>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BARROSO, G. Crise da escola ou na escola? Uma análise da crise de sentido dos sistemas públicos de escolarização obrigatória. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 21 n. 1, pp. 33-58, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37421103.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BATISTA, E. *Empowerment* no setor bancário: emancipação do trabalho ou contradição do discurso. *Perspectivas Contemporâneas*, v. 1, n. 1, pp. 1-20, 2006. Disponível em: <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/perspectivascontemporaneas/article/view/357>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama; Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECK, U. (2009). *World at risk*. Tradução: Ciaran Cronin. Cambridge, UK: Polity Press, 2009.

BENINI, E. G. *et al.* Educação a distância na reprodução do capital: entre a ampliação do acesso e a precarização e alienação do trabalho docente. *TES, Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, e00307139, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00307>. Acesso em: 3 abr. 2023.

CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F. G.; PEREIRA, J. R. Gestão social: epistemologia de um paradigma. 3. ed. Tocantins: Universidade Federal do Tocantins, 2020.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Tradução: Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1).

CRISTALDO, R. C. Gestão do desenvolvimento e administração política. Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales, v. 17, n. 1, pp. 143-157, 2021. <http://doi.org/10.18004/riics.2021.junio.143>. Acesso em: 3 abr. 2023.

CRISTALDO, R. C. Sobre o campo de saber da administração: gestão, organizações e divisão do trabalho. Revista Gestão & Conexões, v. 11, n. 1, pp. 104-124, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2022.11.1.36090.104-124>. Acesso em: 3 abr. 2023.

CRUZ, A. G. & PAULA, M. de F. C. de. Capital e poder a serviço da globalização: os oligopólios da educação superior privada no Brasil. Avaliação, v. 23, n. 3, pp. 848-868, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300016>. Acesso em: 3 abr. 2023.

DEINA, W. J. A crise na educação, 60 anos depois: apontamentos sobre a crise educacional moderna no quadro teórico de *A condição humana*, de Hannah Arendt. Educação em Revista, v. 34, e195846, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698195846>. Acesso em: 3 abr. 2023.

DRUCKER, P. F. Management. New York, US: Harper Collins, 2008.

DUMENIL, G.; LÉVY, D. Managerial capitalism: ownership, management and the coming new mode of production. London, UK: Pluto Press, 2018.

ENRIQUEZ, E. Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Tradução: Teresa C. Carreiro; J. Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ESTEVE, J. M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: Edusc, 1999.

FAYOL, H. Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação e controle. Tradução: Irene de Bojano; Mario de Souza. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. da S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. Cadernos Ebape.Br, v. 17, Edição Especial, pp. 844-856, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395176936>. Acesso em: 3 abr. 2023.

FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando seu objeto. In: SANTOS, R. S. (Org.). Administração política como campo do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Mandacaru, 2009. pp. 123-147.

FURTADO, C. The myth of economic development. Tradução: Jordan B. Jones. Cambridge, UK: Polity, 2020.

GADELHA, R. S. A. F. Educação no Brasil: desafios e crise institucional. *Revista Pesquisa & Debate*, v. 28, n. 1, pp. 165-178, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/33530>. Acesso em: 3 abr. 2023.

GIROUX, H. A. *Neoliberalism's war on higher education*. Chicago, Ill., US: Haymarket Books, 2014.

GOLDSTEIN, M. *Novas organizações para uma nova economia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GOMES, G.; BRUCK, N. (2021). A administração é prescritiva, fazer o quê? Uma proposta de/para desconstrução. *Linhas Críticas*, v. 27, pp. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.34879>. Acesso em: 3 abr. 2023.

GURGEL, C. *A gerência do pensamento: gestão contemporânea e consciência neoliberal*. São Paulo: Cortez, 2003.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail U. Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOBSBAWN, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGHES, C.; SOUTHERN, A. The world of work and the crisis of capitalism: Marx and the fourth industrial revolution. *Journal of Classical Sociology*, v. 19, n. 1, pp. 59-71, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468795X18810577>. Acesso em: 3 abr. 2023.

JASPERS, K. *Origem e meta da história*. Tradução: R. Kirchner; R. dos S. Madureira. *Revista Filosófica São Boaventura*, v. 6, n. 1, pp. 137-152, 2013. Disponível em: <https://img.fae.edu/galeria/getImage/1/1987431164964669.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAPIERRE, L. Gerir é criar. *Revista de Administração de Empresas*, v. 45, n. 4, pp. 108-113, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902005000400008>. Acesso em: 3 abr. 2023.

LARA, R. da C.; QUARTIERO, E. M.; BIANCHETTI, L. Trabalho ubíquo na pós-graduação *stricto sensu* em educação: in/extensificação e multitarefa. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, e240014, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782019240014>. Acesso em: 3 abr. 2023.

LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LYOTARD, J.-F. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo C. Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. Tradução: Gaetano Lo Monaco. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARGLIN, S. A. (1980). Origem e funções do parcelamento das tarefas. *In* Gorz, A. *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução: E. dos S. Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980. pp. 37-77.

MARX, K. *O capital: Crítica da Economia Política*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. 3. v.

MATOS, P. L. C. L. de. “Administração é ciência ou arte?” o que podemos aprender com este mal-entendido? *Revista de Administração de Empresas*, v. 49, n. 3, pp. 349-360, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902009000300009>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MELLO, F. M. de; ALVES, A. E. S. O produtivismo acadêmico como expressão da precarização do trabalho docente. *Revista Binacional Brasil Argentina*, v. 6, n. 1, pp. 73-86, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/rbba.v6i1.1512>. Acesso em: 3 abr. 2023.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINTZBERG, H. *The nature of managerial work*. Englewood Cliffs, NJ, US: Prentice Hall, 1980.

MOREIRA, L. A. L. A educação sob o domínio do capital. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, v. 3, n. 3, pp. 7-29, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23091>. Acesso em: 3 abr. 2023.

NAPOLITANO, C. Os tortuosos caminhos de uma mina de dinheiro. *In*: FEPESP — Federação dos Professores do Estado de São Paulo. *O negócio da educação: aventuras na terra do capitalismo sem risco*. São Paulo: Olho d’Água, 2017. pp. 11-26.

OLIVEIRA, A. da S. D.; PEREIRA, M. de S.; LIMA, L. M. de. (2017). Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, pp. 609-619, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>. Acesso em: 3 abr. 2023.

OLIVEIRA, M. B. Produtivismo: quando a academia imita a empresa. *Outras Palavras, online*, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadosdemocracia/avaliacao-produtivista-quando-a-academia-imita-a-empresa/>. Acesso em: 3 abr. 2023.

OLIVEIRA, M. C. S. Dependência econômica e plataformas digitais de trabalho: desvendando as estruturas da precificação e assalariamento por meios digitais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA*, v. 31, n. 1, pp. 33-76, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rppgd.v31i1.45523>. Acesso em: 3 abr. 2023.

OLIVEIRA, R. de. A pesquisa em educação: a gestão educacional como tema do debate. *EccoS Revista Científica*, v. 48, pp. 273-294, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n48.8109>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PAÇO CUNHA, E. Ontogênese e formas particulares da função de direção: introdução aos fundamentos históricos para a crítica marxista da administração. *In*: PAÇO CUNHA, E.; FERRAZ, D. L. (Org.). *Crítica marxista da administração*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018. pp. 13-67.

PASSERO, G.; ENGSTER, N. E. W.; DAZZI, R. L. S. Uma revisão sobre o uso das TICs na educação da geração Z. *Novas Tecnologias na Educação*, v. 14, n. 2, pp. 1-8, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1679-1916.70652>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PAES DE PAULA, A. P. Em busca de uma ressignificação para o imaginário gerencial: os desafios da criação e da dialogicidade. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 17, n. 2, pp. 18-41, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n2p18-41>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PAES DE PAULA, A. P.; PAES, K. D. Fordismo, pós-fordismo e ciberfordismo: os (des)caminhos da indústria 4.0. *Cadernos Ebape.Br*, v. 19, n. 4, pp. 1047-1058, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120210011>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PEREIRA, F. D.; SILVA, L. M. S. da; NOVELLO, T. P. (2018). A relação entre a formação docente e o *tecnostress*. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 4, Edição Especial, art. 721, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i0.721>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PONTES, P. A. de M. M.; LICIO, E. C. Mapeando o debate sobre o sistema nacional de educação: o que dizem as propostas sobre a criação de uma nova instância de pactuação. *Textos para Discussão IPEA*, n. 2599, 2020. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10266/1/TD\\_2599.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10266/1/TD_2599.pdf). Acesso em: 3 abr. 2023.

RECH, T. L. Da escola à empresa educadora: a fabricação de habilidades em prol da inclusão de todos. *Momento, Diálogos em Educação*, v. 29, n. 1, pp. 254-271, 2020. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-9582-2821>. Acesso em: 3 abr. 2023.

ROCHA, R. de M. As razões do produtivismo: fricções intelectuais e capitalismo ficcional. *Galáxia*, v. 39, pp. 136-149, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-255434152>. Acesso em: 3 abr. 2023.

ROSA, F.; CALVETE, C. da S. Revolução tecnológica e reforma trabalhista: fim dos empregos no Brasil? *In*: CALVETE, C. da S.; HORN, C. H. (Org.). *A quarta revolução industrial e a reforma trabalhista: impactos nas relações de trabalho no Brasil*. Porto Alegre: CirKula, 2020. pp. 241-259.

SCOLARI, F. (2021). Uma crítica do conceito de sociedade pós-industrial. *Marx e o Marxismo*, v. 9, n. 16, pp. 48-72, 2021. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/420>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SILVA, A. C. C.; SOUZA, D. R. de; ALVES, E. G. Estado gestor: estranhamento e desumanização do trabalho docente. *Revista Panorâmica*, v. 35, n. 1, pp. 177-190, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1298/19192457>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SILVA, A. M. da; MOTTA, V. C. da. O precariado professoral e as tendências de precarização que atingem docentes do setor público. *Roteiro*, v. 44, n. 3, pp.

1-20, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18593/r.v44i3.20305>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SILVA, E. P. e; PADIM, D. F. Intensificação do trabalho docente administrativo e processos decisórios democraticamente restritos na expansão/interiorização precária e desordenada. *Impulso*, v. 28, n. 71, pp. 5-18, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v28n71p5-18>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SOUZA, A. M. de O. Trabalho dos professores-pesquisadores: intensificação e adoecimento. *Revista Panorâmica*, v. 35, n. 1, pp. 125-142, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1295/19192454>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SOUZA, M. M. P. de; PAES DE PAULA, A. P. Por uma teoria crítica das tecnologias de gestão: a ambivalência da tecnologia, a moldura feenbergiana e a possibilidade da racionalização subversiva. *Cadernos Ebape.Br*, v. 20, n. 1, pp. 50-61, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200212>. Acesso em: 3 abr. 2023.

TEIXEIRA, H. J. Análise das abordagens sobre as funções do administrador. *Revista de Administração de Empresas*, v. 21, n. 2, pp. 27-38, 1981. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/39516/0>. Acesso em: 3 abr. 2023.

TRZESNIAK, P. (2014). Hoje vou escrever um artigo científico: a construção e a transmissão do conhecimento. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. de P.; HOHENDORFF, J. v. (Org.). *Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014. pp. 15-38.

WITZEL, M. *A history of management thought*. Oxfordshire, UK; New York, US: Routledge, 2012.

ZATTI, V.; PAGOTTO-EUZEPIO, M. S. *Educação como processo de formação humana: uma revisão em filosofia da educação ante a premência da utilidade*. São Paulo: FEUSP, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047294>. Acesso em: 3 abr. 2023.

## Mario Pedrosa e a difusão do trotskismo no Brasil

Michel Silva<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0002-3281-3124

**Resumo:** Este ensaio discute a contribuição de Mario Pedrosa para a estruturação da corrente política conhecida como trotskismo no Brasil. Procura-se discutir a influência das ideias de Leon Trotsky mesmo depois de Pedrosa ter deixado a organização. Para tanto, utilizam-se textos, com diferentes temáticas, produzidos por Pedrosa entre as décadas de 1930 e 1980.

**Palavras-chave:** Mario Pedrosa; Trotskismos; Comunismo.

---

<sup>1</sup> Michel Goulart da Silva é Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como Técnico em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail: michelgsilva@yahoo.com.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8260725539562633>

**Abstract:** This essay discusses Mario Pedrosa's contribution to the structuring of the political current known as Trotskyism in Brazil. It seeks to discuss the influence of Leon Trotsky's ideas even after Pedrosa had left an organization. For this purpose, texts with different themes, produced by Pedrosa between the 1930s and 1980s, are used.

123

---

**Keywords:** Mario Pedrosa; Trotskimos; Communism.

**Resumen:** Este ensayo discute la contribución de Mario Pedrosa a la estructuración de la corriente política conocida como trotskismo en Brasil. Busca discutir la influencia de las ideas de León Trotsky incluso después de que Pedrosa dejara la organización. Para ello se utilizan textos de diversa temática, producidos por Pedrosa entre las décadas de 1930 y 1980.

124

---

**Palabras clave:** Mario Pedrosa; trotskismos; Comunismo.

Neste ano, no âmbito da esquerda, muitos dos debates acerca da história do movimento operário passam pelo balanço dos cem anos de fundação da Oposição de Esquerda, núcleo embrionário do que veio a ser conhecido como trotskismo, em oposição ao processo de burocratização do Partido Bolchevique na União Soviética. No Brasil, uma das figuras que mais se destacaram nessa história foi Mario Pedrosa. Nascido no dia 5 de abril de 1900, em Timbaúba (PE), Mário Pedrosa é reconhecido principalmente como um dos fundadores das primeiras organizações trotskistas no Brasil. Depois de romper com o Partido Comunista do Brasil (PCB), começa a militar nas fileiras do trotskismo, ainda na Europa, a partir de 1929. No Brasil, participou da criação do Grupo Comunista Lenin (CGL), que passa a publicar o jornal *A luta de classes*, em maio de 1930. Esse primeiro grupo, politicamente frágil e duramente atacado pelos stalinistas, teve uma curta existência, constituindo-se no embrião da Liga Comunista (LC), fundada em janeiro de 1931.

Coube a essa primeira geração de trotskistas elaborar algumas das primeiras e mais importantes análises sobre a situação política e econômica e o desenvolvimento histórico do Brasil, a partir de uma perspectiva marxista. Enquanto as análises stalinistas repetiam os esquemas teóricos impostos pela Internacional Comunista, Mario Pedrosa e seus camaradas procuravam fazer uma análise da situação concreta da realidade do Brasil. Um dos textos mais brilhantes desse esforço foi o chamado “Esboço de uma análise sobre a situação brasileira”. Nesse texto, Mario Pedrosa e Livio Xavier mostram a validade teórica e política do *desenvolvimento desigual e combinado*, central nas análises de Trotsky (2007, p. 21), que aponta para a “aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas”. Trotsky (2010, p. 271) afirmava que “*a desigualdade do desenvolvimento consiste precisamente nos saltos por cima das etapas*, ou no estacionamento demorado em uma delas”.<sup>2</sup>

Essas ideias embasam a análise de Pedrosa e Xavier, que assinam o documento como M. Gamboa e L. Lyon, que apontam para as particularidades do desenvolvimento capitalista e para as desigualdades econômicas observadas entre estados ou mesmo regiões. Em determinado momento do documento, afirmam:

---

<sup>2</sup> As ideias sobre desenvolvimento econômico e suas implicações políticas em Trotsky são discutidas em Silva (2005, 2022).

As lutas políticas que a República conheceu até agora e que se produzem, geralmente, por ocasião das eleições presidenciais, desenrolam-se ao redor dos grupos políticos dominantes no estado de São Paulo. A diferenciação econômica entre os estados da federação acentua-se cada vez mais. A burguesia de São Paulo, aliada à de Minas Gerais, conquistou o governo federal. Os representantes parlamentares dos estados secundários tornaram-se representantes do poder central nos estados, ao invés de — segundo a ficção constitucional — representar os estados juntos ao poder central. Mas o processo econômico estendeu-se pouco a pouco a todo o território brasileiro e o capitalismo penetrou todo o Brasil, transformando as bases econômicas mais retardatárias (PEDROSA & XAVIER, 2015, p. 67).

Portanto, ainda que de forma desigual, as relações de produção capitalista se desenvolveram no Brasil, numa inter-relação entre as condições econômicas e políticas nacionais e internacionais. Nesse processo,

[...] o Brasil integra-se cada vez mais à economia mundial e entra na esfera de atração imperialista. Com a Grande Guerra e o protecionismo, o crescimento industrial acentuou-se, complicando as relações de classe e os problemas decorrentes (PEDROSA & XAVIER, 2015, pp. 67-8).

126

Uma das consequências desses limites no desenvolvimento capitalista e sua relação orgânica com o imperialismo passa justamente pela fragilidade da burguesia, que se mostra incapaz de encabeçar um processo de transformação social. Nesse sentido, afirmam os autores do “Esboço”:

O imperialismo altera constantemente a estrutura econômica dos países coloniais e das regiões submetidas à sua influência, impedindo o seu desenvolvimento capitalista normal, mal permitindo que esse desenvolvimento se realize de maneira formal nos limites do Estado. Por essa razão, a burguesia nacional não tem bases econômicas estáveis que lhe permitam edificar uma superestrutura política e social progressiva (PEDROSA & XAVIER, 2015, p. 68).

Contudo, apesar da extrema qualidade nas análises realizadas pelos trotskistas, a realidade concreta se mostrou bastante difícil para a pequena organização recém-fundada. Em âmbito internacional, fascismo e nazismo ganhavam força, principalmente depois da chegada de Hitler ao governo na Alemanha, em 1933. No Brasil, uma expressão disso foi a organização conhecida como Integralismo, combatida duramente pelos trotskistas. No dia 7 de outubro de 1934 ocorreu a chamada Revoada dos Galinhas Verdes, quando uma frente

única antifascista, com a participação dos trotskistas, em unidade com setores do PCB e outros grupos de esquerda, dispersou um ato dos integralistas, em São Paulo. Mario Pedrosa foi uma importante figura na articulação da Frente Única Antifascista (FUA), que, além dos trotskistas e de setores do PCB, incluía socialistas e mesmo anarquistas. Fúlvio Abramo, também militante da primeira geração de trotskistas, dizia acerca da participação de Pedrosa nessa luta:

O seu entusiasmo por estar na linha de frente da luta antifascista e por dar mais uma demonstração de que a condição de trotskistas era legítima expressão do espírito revolucionário transparecia no seu sorriso entre exultante e irônico (ABRAMO, 2014, p. 82).

Pedrosa esteve responsável por outras contribuições teóricas que, influenciadas pelo trotskismo, procuravam contribuir para a interpretação da situação econômica e social do Brasil na década de 1930. Entre outros aspectos, aprofunda o entendimento do desenvolvimento desigual e combinado para compreender a conjuntura dos primeiros anos da ditadura encabeçada por Getúlio Vargas. Em texto de junho de 1937, intitulado “A situação nacional”, afirma:

O problema do desenvolvimento desigual do capitalismo no Brasil não se traduz apenas pela diversidade das zonas geográficas, pelo agigantamento maior de um estado em relação a outro, mas já se faz sentir dentro do próprio campo da produção, entre um ramo produtivo e outro (PEDROSA, 2015a, pp. 297-298).

Outro aspecto caro ao trotskismo apontado nessa contribuição teórica de Pedrosa passa por demonstrar a impossibilidade de alcançar uma democracia nos moldes daquelas implantadas na Europa. Segundo Pedrosa (2015a, pp. 319-320),

[...] assim como o modo de produção capitalista não poderá jamais atingir, nos países novos ou retardados, a mesma plenitude de desenvolvimento e equilíbrio alcançado pelo capitalismo nos velhos países industrializados, assim também, no domínio político, o desenrolar da luta de classes naqueles primeiros países já não deixa lugar para qualquer desenvolvimento pleno, orgânico, à europeia, das formas democráticas de dominação burguesa. A sorte dos regimes políticos burgueses nos países dependentes está intimamente ligada ao desenvolvimento desigual de suas economias, do grau de pressão imperialista e à fraqueza congênita de seu Estado.

Essa conjuntura autoritária vivenciada no governo Getúlio Vargas, da qual as organizações de esquerda, inclusive o PCB e os trotskistas, foram vítimas, tem relação com a situação política mais ampla. Em âmbito internacional, depois da derrota da resistência dos trabalhadores na Espanha, Hitler e seus aliados em

outros países, como é o caso de Mussolini na Itália, arrasta o mundo para mais uma nova guerra.

Nessa conjuntura, enquanto organização internacional, os trotskistas se dispersaram, devido à repressão fascista, à perseguição stalinista ou mesmo às debilidades das diferentes organizações que faziam parte da IV Internacional. Isso se acentua principalmente depois do assassinato de Trotsky por um agente de Stálin, em agosto de 1940. Politicamente havia problemas na IV Internacional, antes mesmo do assassinato de Trotsky, como o mostrou a formação de uma tendência “antidefensistas” no SWP dos Estados Unidos.<sup>3</sup> Esses setores se colocaram contra a posição majoritária da IV Internacional, para a qual os revolucionários deveriam defender as conquistas da revolução de 1917 diante da ofensiva imperialista, inclusive diante de uma guerra contra a União Soviética. Nesse debate,

[...] Trotski e a maioria da direção do SWP a descreviam como um Estado operário degenerado, mas para Pedrosa e seus companheiros a URSS passara a ser um estado com um governo despótico e sem compromisso com seus cidadãos, o qual poderia ser caracterizado como um estado livre burocratizado (KAREPOVS, 2015, p. 168).

Mario Pedrosa aderiu às posições desse grupo, para o qual não caberia aos trotskistas defender, mesmo diante de ataques do imperialismo, o Estado operário degenerado que governava a União Soviética. Em novembro de 1939, em documento encaminhado à direção da IV Internacional, explicava sua posição e criticava a posição de Trotsky e da maioria da organização. Pedrosa, entre outras coisas, aproxima os regimes fascista e soviético e apresentava a União Soviética como um campo imperialista, justificando assim a necessidade de não apoiar no conflito que se iniciava. Para ele,

[...] a continuidade de Stálin, na guerra ou na paz, é a colonização e o desmembramento da URSS ou o fascismo. Sua vitória na guerra é o fascismo na Rússia como no mundo. A bandeira da suástica também é “vermelha”. A vitória de Stálin aliado a Hitler *transformaria a burocracia em uma nova classe depois de um processo de nacionalização de que a própria burocracia seria o objeto*. Nós não temos motivo algum para ajudar direta ou indiretamente a vitória de um campo imperialista qualquer. A vitória de qualquer um dos bandidos seria o triunfo da contrarrevolução fascista, se pudermos imaginar que esta guerra terminasse sem a intervenção revolucionária das massas (PEDROSA, 2015b, pp. 459-460).

<sup>3</sup> Alguns dos principais textos acerca desse debate estão reunidos em Trotsky (2011).

Mario Pedrosa deixou a militância formal na IV Internacional depois de seu embate com a direção internacional acerca da política em relação à URSS. Como expressão das dificuldades organizativas internacionais, no Brasil os trotskistas também acabaram se dispersando. Esse pode ser considerado um momento de transição no que se refere à organização do trotskismo no Brasil:

A cisão de Pedrosa marcou o fim do que se poderia chamar de primeira geração do trotskismo brasileiro. O processo de transição de uma geração a outra ocorreu quase que por inércia, já que a maioria dos elementos de “primeira geração” se encontrava fora de ação: presos, exilados ou simplesmente sem contato com a militância (KAREPOVS, 2015, p. 169).

Nesse processo, alguns agrupamentos tentaram manter um fio de continuidade, como foi o caso do PSR, uma fusão do que restou dos antigos militantes trotskistas com uma dissidência do PCB dirigida por Hermínio Sacchetta, em 1939. Nos anos seguintes, coube ao PSR ser o representante do trotskismo no Brasil, até sua dissolução, no começo da década de 1950.

Mario Pedrosa, ainda que tenha deixado a militância orgânica na IV Internacional, nunca abandonou os princípios que o motivaram a ser um dos fundadores do trotskismo no país, em particular o internacionalismo, a necessidade de construir uma direção para os trabalhadores e o combate ao stalinismo. Essas posições se evidenciam em alguns de seus textos, entre os quais no livro *Opção brasileira*, quando faz um balanço do golpe de 1964 e critica as posições desenvolvimentistas que impregnavam a esquerda na época. Nessa obra, publicada em 1966, afirmava:

Não há burguesia capitalista que tenha, em seu todo, interesses globais em uma política de industrialização como querem Furtado e outros intelectuais [...]. Eles só querem fábricas quando as perspectivas de lucro são tranquilas. A classe dirigente industrial brasileira decepcionou os desenvolvimentistas (PEDROSA, 1966, p. 237).

Pedrosa tanto aponta para os limites da burguesia nativa como àqueles que se iludem com a possibilidade de uma transformação social encabeçada pelas classes dominantes. Nesse sentido, completava, discutindo uma perspectiva estratégica:

[...] nosso paradigma não pode ser nenhum país subdesenvolvido ou mesmo industrial secundário. O nosso paradigma deve ser a Rússia dos primeiros planos quinquenais, embora muito mais

modernizados. Estabelecendo um quadro de potencialidade de desenvolvimento entre o ponto de partida soviético e o ponto de partida brasileiro, verificar-se-á poder partir o nosso de um nível técnico social bem mais alto e já sob um ângulo de visão democrático e socialista (PEDROSA, 1966, p. 41).

Portanto, diferente da maioria da esquerda, impregnada pelas ideias stalinistas e nacionalistas, para a qual a burguesia poderia ser uma aliada estratégica no Brasil, Pedrosa era enfático em afirmar, por um lado, que essa era uma aliança improvável e, por outro, que o objetivo deveria ser almejar os planos dos primeiros anos da tentativa de construção do socialismo depois de 1917. Na União Soviética, segundo Pedrosa (1966, p. 237), “a industrialização não foi obra da burguesia, foi obra de uma nova classe dirigente que tinha por programa industrializar, custasse o que custasse, o país, na base de uma economia coletivista para atender primeiramente os interesses vitais do povo”.

Pedrosa seguia como um crítico do stalinismo também no âmbito das artes. Como parte das comemorações dos 50 anos da Revolução Russa, escreveu:

Depois da vitória de Stalin, o Partido interveio diretamente no processo interno da criação artística para pedir aos escritores e artistas um serviço 100% de propaganda em favor dos projetos de investimentos, de reformas administrativas e para prestígio de seus quadros dirigentes, e o todo coroado pelo endeusamento do Líder Supremo, cabeça coroada da burocracia. Esta, depois de vencidas as primeiras fases da guerra civil, depois de abafadas as vozes autorizadas dentro do Partido, suprimida qualquer veleidade de autonomia e democracia nos sindicatos operários, nos soviets e por fim dentro do próprio Partido, passou a ser o grupo dirigente único e soberano, no Estado e no país (PEDROSA, 1967).

Essas ideias de Pedrosa convergem com aquelas defendidas por Trotsky, em torno da liberdade da arte e sua relação com a revolução.<sup>4</sup> Em defesa desses princípios, o revolucionário russo afirmava:

[...] o homem expressa na arte a sua exigência da harmonia e da plenitude de existência – quer dizer, do bem supremo do qual é justamente a sociedade de classe que o priva. Por isso, a criação artística é sempre um ato de protesto contra a realidade, consciente ou inconsciente, ativo ou passivo, otimista ou pessimista (TROTSKY, 1985, p. 91).

<sup>4</sup> Discute-se com mais densidade a concepção de arte de Trotsky em Silva (2018).

Pedrosa foi um duro crítico da ideia de realismo socialista, criticando o uso das artes como forma de propaganda de um Estado. Nesse sentido, afirmava em 1957: “O realismo em arte é uma expressão de rotina e não de uma realidade” (PEDROSA, 1995, p. 100). No mesmo ano, em outro texto, em defesa de uma concepção marxista, combatendo o stalinismo, afirmava que “a arte, mesmo a mais ‘realista’, é o maior instrumento de idealização da realidade” (PEDROSA, 1995, p. 104). Em sua extensa produção, Pedrosa publicou críticas acerca de obras de artes, reflexões em torno a escolas e mostras artísticas, entre outros temas, bem como reflexões teóricas inseridas na relação entre cultura e marxismo. Um tema recorrente é justamente o modernismo e seus desdobramentos. Em 1933, enquanto ainda militava nas fileiras do trotskismo, escreveu acerca do modernismo:

A simultaneidade e a generalização do movimento chamado de arte moderna, por toda a parte e através de todas as diferenciações episódicas ou parciais, mostram o seu caráter social verdadeiro. Não foi capricho individual de ninguém nem movimento superficial de moda. Foi um momento na evolução histórica estética e uma imposição das forças produtivas e culturais da época, exigindo manifestar-se sob uma forma social nobre. Mas esse movimento continua inacabado e não passará de um processo evolutivo, marcado ainda pela dualidade burguesa, e sua concepção puramente natural ou técnica deixa ainda de fora a sociedade (PEDROSA, 1995, p. 45).

Pedrosa apresenta uma compreensão materialista dialética da arte, como expressão estética das condições materiais da sociedade. Essa compreensão da arte moderna dialoga com as ideias do próprio Trotsky (1985, p. 92):

As escolas artísticas das últimas décadas, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, sucedem-se sem atingir seu pleno desenvolvimento. A arte, elemento mais complexo, mais sensível e ao mesmo tempo mais vulnerável da cultura, é a primeira a sofrer pela decadência e degradação da sociedade burguesa.

Pedrosa, contudo, não se limitou a um estudo geral acerca do modernismo, fazendo também reflexões sobre a arte moderna no Brasil. Em uma conferência realizada em 1952, coerente com a ideia desenvolvida anos antes, apontava que o movimento acabou “bifurcando-se em duas correntes, uma de pura vivência psíquica e de alta vitalidade espiritual e artística, e a outra de mera expressividade anedótica e pitoresca que degenera em modismos preconceituosos para terminar em estilo de tropos oratórios” (PEDROSA, 1964, p. 137). Observa que das

“derivações literárias (não propriamente artísticas) frustradas da segunda corrente do modernismo brasileiro, como o “verde-amarelismo” e depois o indianismo anacrônico da ‘Anta’, nada ficou de esteticamente ou mesmo de especulativamente válido” (PEDROSA, 1964, p. 137). Observa-se, portanto, o próprio integralismo como movimento político oriundo de uma perspectiva modernista. Segundo Pedrosa (1964, p. 137),

[...] o nacionalismo verde-amarelista não tardou a sair do plano espiritual da criação artística propriamente dita para coagular-se, desta vez como produto importado mesmo da Europa, num movimento exclusivamente político totalitário, decalcado nos gestos e na indumentária e em resíduos das ideias do fascismo italiano e do nazismo alemão.

Embora seja bastante reconhecido por sua obra acadêmica, à qual dedicou grandes esforços intelectuais, Pedrosa nunca deixou de atuar politicamente. Em seus últimos anos de vida, por exemplo, se engajou na construção do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse debate se colocou novamente no mesmo lado dos trotskistas. Enquanto os stalinistas permaneciam dentro do MDB, o partido de oposição consentida da ditadura, a antiga geração de trotskistas e algumas novas organizações que lutavam sob a bandeira da IV Internacional, participavam ativamente das amplas mobilizações dos trabalhadores que, além da independência de classe e da luta contra a ditadura, colocavam no horizonte a possibilidade de construção de um partido operário independente. O PT foi produto dessa mobilização, que tem relação direta com o processo de reorganização dos movimentos sociais na década e o conjunto de mobilizações estudantis e dos trabalhadores ocorridas na segunda metade da década de 1970 (SILVA, 2014). Pedrosa, apontando as particularidades históricas da conjuntura, escrevia em setembro de 1979:

Um novo momento histórico aparece com força de projetar em todas as camadas da população, até ontem sem presença nem esperança, uma nova luz. Essa nova luz se concretiza nessa grande generalização de classe dos militantes operários que, coroando todas as suas lutas, se reúnem para formar o novo partido dos trabalhadores do Brasil, bandeira que nenhum brasileiro não-comprometido com a dominação das classes dirigentes pode desconhecer.

O principal elemento dessa conjuntura, além da derrubada da ditadura, passava justamente pela possibilidade de construção de uma direção política para os trabalhadores. Pedrosa (1980, p. 19) afirmava:

O Partido dos Trabalhadores é o grande projeto de transformação do Brasil. Já agora ele começa por afastar de seu caminho toda essa legislação carunchosa dita trabalhista que nos oprime e especialmente oprime os que trabalham e são assalariados neste país e que nunca conseguiram ser considerados como povo, tendo sempre vivido sem as distinções que em toda parte marcam um povo.

Pedrosa faleceu em novembro de 1981. Na ocasião, Plínio Mello, parceiro de militância de Pedrosa desde a década de 1920, escrevia nas páginas do jornal *O Trabalho*, publicado por uma então jovem organização trotskista:

Com a morte de Mario Pedrosa, perde o movimento operário brasileiro não só um dos líderes mais lúcidos e combativos, mas, ainda, aquele que melhor vinha interpretando através de sua atuação de militante socialista, a estratégia a ser seguida pelas novas gerações revolucionárias em nosso país. Por isso mesmo, seus ensinamentos precisam ser rememorados como tarefa fundamental destinada à formação dos novos militantes daquele movimento (MELLO, 1981, p. 10).

Essas palavras mostram a importância histórica de Mario Pedrosa para o conjunto da esquerda brasileira. Pedrosa deixou um importante legado para a esquerda brasileira, seja pela sua atuação política em nome da classe trabalhadora, seja pelo seu papel como crítico de arte marxista, seja como intérprete da realidade brasileira. Conhecer sua obra teórica e sua política permitem elucidar importantes elementos para compreender a história e as fragilidades da esquerda atualmente no Brasil.

## Referências

- ABRAMO, Fulvio. A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Veneta, 2014.
- KAREPOVS, Dainis. Apresentação. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015.
- MELLO, Plínio. Mario Pedrosa 1900-81. *O Trabalho*, São Paulo, nº 131, novembro de 1981.
- PEDROSA, Mario. A defesa da URSS na guerra atual. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015b.
- PEDROSA, Mario. *Opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- PEDROSA, Mario. *Políticas das artes*. São Paulo: USP, 1995.
- PEDROSA, Mario. A revolução nas artes. *Correio da Manhã*, nov. 1967.
- PEDROSA, Mario. Semana de arte moderna In: *Dimensões da Arte*. Rio de Janeiro: MEC, 1964.

PEDROSA, Mario. A situação nacional. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015a.

PEDROSA, Mario. Sobre o PT. São Paulo, Ched Editorial, 1980.

PEDROSA, Mario & XAVIER, Livio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). Na contracorrente da história: documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). São Paulo: Editora Sundermann, 2015.

SILVA, M. G. “Arte e revolução em Trotsky e Breton”. Aurora, n.º. 30, pp. 55-64, 2018.

SILVA, M. G. “Lenin, Trotsky e o mundo depois de 1917”. Boletim de Conjuntura (BOCA), n.º. 28, pp. 12-18, 2022.

SILVA, M. G. “O movimento estudantil e a resistência à ditadura em Santa Catarina”. Tempos Históricos, n. 18, 2014d.

SILVA, M. G. “A permanência de Trotsky”. Revista Urutágua, n.º. 8, 2005.

TROTSKY, Leon. A arte e a revolução. In: FACIOLI, Vicente (org.). Breton & Trotsky. São Paulo: Paz e Terra/Cemap, 1985.

TROTSKY, Leon. Em defesa do marxismo. São Paulo: Sundermann, 2011.

TROTSKY, Leon. História da revolução russa. São Paulo: Sundermann, 2007.

TROTSKY, Leon. A teoria da revolução permanente. São Paulo: Sundermann, 2010.

## Neoliberalismo, subjetividade e indústria cultural no Brasil: uma proposta de interpretação a partir da Teoria Crítica

Jéssica Raquel Rodeguero Stefanuto<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-6174-9267

**Resumo:** As crises contemporâneas do capital têm mobilizado esforços no sentido de gerir o mal-estar social voltando-o contra inimigos projetados que passam a ser alvos de uma violência autoritária. A indústria cultural musical oferece sua parcela de justificativa, de convencimento e de naturalização das relações desumanas que exploram a natureza e os seres humanos como se não houvesse alternativa. É nesse contexto que o presente trabalho retoma os fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade e propõe uma interpretação dos mecanismos da indústria cultural contemporânea a partir da análise de uma música do gênero musical sertanejo, tomada como exemplo de articulações entre bases material e econômica da sociedade neoliberal e a construção de subjetividades. Tem-se, a partir desse percurso que categorias como a de dominação, de oposição entre cultura e natureza, de empreendimento de si e de subjetivação sem sujeito são relevantes para as reflexões contemporâneas.

135

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; indústria cultural; música sertaneja; formação estética.

---

<sup>1</sup> Jéssica Raquel Rodeguero Stefanuto é Psicóloga, técnica em Música, Mestre em Educação Escolar, Doutora em Educação - Filosofia da Educação, Professora no curso de Psicologia da Fundação Educacional de Penápolis - FAFIPE/FUNEPE e pós-doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: jessicaraqelpsi@yahoo.com.br Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6898807441659748>

**Abstract:** Contemporary crises of capital have mobilized efforts to manage social unrest by turning it against projected enemies who become targets of authoritarian violence. The musical cultural industry offers its share of justification, persuasion, and naturalization of inhumane relationships that exploit nature and human beings as if there were no alternative. In this context, the present work revisits the fundamentals of Critical Theory of Society and proposes an interpretation of the mechanisms of the contemporary cultural industry through the analysis of a song from the sertanejo music genre, taken as an example of the articulations between the material and economic bases of neoliberal society and the construction of subjectivities. From this path, it is understood that categories such as domination, the opposition between culture and nature, self-enterprise, and subjectivation without a subject are relevant for contemporary reflections.

136

---

**Keywords:** Neoliberalism; cultural industry; country music; aesthetic training.

**Resumen:** Las crisis contemporáneas del capital han movilizado esfuerzos para gestionar el malestar social volviéndolo contra enemigos proyectados que se convierten en objetivos de una violencia autoritaria. La industria cultural musical ofrece su parte de justificación, convencimiento y naturalización de las relaciones inhumanas que explotan la naturaleza y los seres humanos como si no hubiera alternativa. Es en este contexto que el presente trabajo retoma los fundamentos de la Teoría Crítica de la Sociedad y propone una interpretación de los mecanismos de la industria cultural contemporánea a partir del análisis de una canción del género musical sertanejo, tomada como ejemplo de las articulaciones entre las bases materiales y económicas de la sociedad neoliberal y la construcción de subjetividades. A partir de este recorrido, se entiende que categorías como la de dominación, la oposición entre cultura y naturaleza, la empresa de sí mismo y la subjetivación sin sujeto son relevantes para las reflexiones contemporáneas.

137

**Palabras clave:** Neoliberalismo; industria cultural; música country; formación estética.

*“[...] em todo caso, permanece a esperança de uma música cuja força obriga ao entendimento os indiferentes e inimigos”.*

*Theodor W. Adorno*

## **Introdução**

Em 1977, Jacques Attali publicava um livro dedicado a estabelecer relações entre música e economia política que começa com a seguinte colocação: “Le savoir occidental tente, depuis vingt-cinq siècles, de voir le monde. Il n’a pas compris que le monde ne se regarde pas, il s’entend. Il ne se lit pas, il s’écoute” (ATTALI, 1977, p. 7). Quase meio século depois desse escrito, este trabalho tem o objetivo de discutir o que é possível escutar da indústria cultural contemporânea no Brasil para compreender o atual cenário neoliberal e os processos de subjetivação relacionados a ele, quando se entende que os sujeitos são tanto educados pela indústria cultural quanto são conduzidos pelas relações concretas neoliberais de mercado e de trabalho a se ajustarem a dadas configurações que dizem mais sobre a necessidade das coisas do que da vida.

Para tanto, se dedicará aqui, em um primeiro momento, a estabelecer relações entre as crises contemporâneas e as formas de sacrifício e ajustamento que são exigidos dos sujeitos para que sobrevivam no estado atual das coisas. Na sequência, a proposta é vincular uma certa configuração da economia extrativista com formas pretensamente hegemônicas da indústria cultural. Assim, o plano é ouvir quais elementos de identificação e de conformação são possibilitados aos sujeitos, fundamentalmente a partir dessa mediação estética. Com vistas a exemplificar essa interpretação, é proposta uma forma de escuta de um exemplar de música do gênero sertanejo da indústria cultural contemporânea no Brasil. Vale dizer que se trata aqui de um recorte: a indústria cultural não comete o deslize de apostar em apenas um gênero musical. Ao contrário, lança mão de uma aparente diversidade de estilos com vistas a um alcance hegemônico e cada vez mais integrado. Espera-se, com a análise e reflexão crítica de um exemplar, trazer à tona elementos de crítica da indústria cultural e da sociedade contemporânea que tendem a ser desprezados quando se considera a indústria cultural inócua ou secundária no processo de formação das subjetividades.

## **Crises contemporâneas, mal-estar e a aniquilação do indivíduo**

Quando a Teoria Crítica da Sociedade foi proposta, se evidenciava uma transformação qualitativa do capital no sentido de os vestígios das possibilidades individuais de empreendimento serem solapados por conglomerados econômicos que, inclusive, recebiam cuidados estatais. Se se entende que as configurações do trabalho, da economia e da vida concreta são determinantes do modo de constituição subjetiva, a tarefa dos teóricos críticos precisa ser retomada para se pensar os processos de subjetivação e as problemáticas que seguem resultando das cada vez mais velozes transformações do capital.

Isso coloca o desafio de compreender quais sacrifícios são exigidos dos sujeitos para que se autoconservem nas sociedades neoliberais contemporâneas. E se há especificidades históricas de constituição das nações do globo, há também uma tendência geral de integração por vias neoliberais – que inclusive borra fronteiras entre governos ditos de esquerda e de direita em aspectos não desprezíveis. Adorno já havia indicado, fundamentado na leitura dialética e materialista de Freud, que o mal-estar nos lembra que uma lógica persistente ao longo do processo civilizatório é garantir a sobrevivência cobrando o preço do sacrifício (FREUD, 2010; ADORNO, 2015). É nesse sentido que resulta aqui a seguinte contradição: para se autoconservar, o sujeito precisa se adaptar ao mundo a tal ponto de abrir mão da individualidade. Dito de modo mais direto: para se autoconservar, é preciso sacrificar o Eu.

Esse processo mais ou menos consciente de adaptação subjetiva a uma lógica frequentemente carente de sentido, forja uma subjetividade danificada porque deixa de ser possível ao indivíduo constituir aquelas habilidades que historicamente o caracterizaram, ainda que enquanto potencialidade. É nesse sentido que Adorno afirma que o indivíduo deve a sua existência aos mesmos processos que estão levando à sua aniquilação (2004). E a cada nova crise – cada vez mais frequente – somam-se esforços no sentido de distrair e redirecionar os afetos que emergem dessas manobras adaptativas dos sujeitos sacrificando-se para buscar garantir a sobrevivência.

É nesse movimento que afetos como raiva, rancor, ressentimento, inseguranças e descontentamentos – que fazem todo sentido no interior das contradições e falsas promessas do neoliberalismo – acabam sendo direcionados

para inimigos que não correspondem aos reais problemas estruturais da sociedade. “Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 154). E torna-se inimigo aquele que é percebido como mais distanciado dos ideais de dominação da natureza, da dominação de si mesmo e da dominação do outro (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

### **Economia extrativista, indústria cultural e processos de identificação**

As crises das últimas décadas foram sendo contornadas no Brasil por um retorno da economia extrativista, agrícola e pecuarista: o desmatamento e a exploração da madeira, a disputa por posse de terra, o gado, as monoculturas de soja e cana-de-açúcar, a mineração. Esse modo de organização da economia brasileira está longe de ser novidade e se faz presente desde o século XVI. No entanto, mais recentemente retomou-se um projeto de governos militares com uma força importante como se o Brasil fosse naturalmente vocacionado a ocupar esse lugar na economia global. Ainda que com diferenças importantes, é interessante notar que essa pretensa vocação encontra defensores entre distintos espectros político-econômicos. Oliveira (2013) já denunciava essa raiz da tendência à concentração da renda na economia brasileira que se organizou majoritariamente pela necessidade de acumulação e manteve uma dialética conciliatória entre desenvolvimento industrial e produção agropecuária. Foi a manutenção, ampliação e combinação desse padrão “primitivo” de produção com as novas formas industriais de produção que possibilitou, via exército de reserva e baixa do custo da alimentação da força de trabalho, uma intensa acumulação de riqueza.

Daí a importância de não qualificar a economia extrativista como algo primitivo ou subdesenvolvido quando no exercício de caracterizar algumas especificidades do contexto brasileiro. Como se pretende argumentar, parece fundamental que o pensamento crítico seja capaz de superar dicotomias que seguem sendo exploradas quando se opõe o moderno e o atrasado, a natureza e a civilização, o campo e a cidade. Criticando o modo positivista de supor uma “evolução” das formas ditas menos desenvolvidas para as consideradas mais desenvolvidas, Oliveira escreve que:

O “subdesenvolvimento” pareceria a forma própria de ser das economias pré-industriais penetradas pelo capitalismo, em “trânsito”, portanto, para as formas mais avançadas e sedimentadas deste; todavia uma tal

postulação esquece que o “subdesenvolvimento” é precisamente uma “produção” da expansão do capitalismo mundial. [...] as economias pré-industriais da América Latina foram criadas pela expansão do capitalismo mundial, como uma reserva de acumulação primitiva do sistema global (OLIVEIRA, 2013, p. 32-33).

De modo geral, é possível identificar esse setor como “agro”, incluindo agronegócio, agropecuária e o setor agroquímico, que compõe uma articulação importante entre o setor agrícola, industrial e até acadêmico (POMPEIA, 2021). É esse grupo econômico que vem financiando o setor da indústria cultural chamado de sertanejo e que almeja a configuração de um monopólio cultural (CHÃ, 2018) – construindo gostos, sugerindo afetos e identificações. A manutenção desses processos de acumulação de riqueza a qualquer custo, depende, afinal, de formas convincentes de mascarar a realidade, promovendo compensações identificatórias para manutenção da exploração da força de trabalho e para a destruição das condições de vida, ao mesmo tempo em que mantém a retroalimentação do capital e o papel do Brasil como vocacionado para ocupar esse lugar:

O papel de fornecedor de matérias-primas agrícolas e outros produtos agrícolas para exportação, especialmente para a China, continua sendo o lugar reservado ao Brasil na organização mundial do capital. Este espaço mantém a sua condição periférica e colonial de matriz agroexportadora, com uma economia em crescente processo de desindustrialização (CHÃ, 2018, p. 42).

A indústria cultural é uma mediação fundamental da gestão dos afetos e da adaptação das subjetividades ao mundo vigente. Adorno e Horkheimer (1985) denunciavam que ela é sustentada e promovida por atores centrais do capital; tem potencialidade para fomentar a ocultação dos impasses reais do capital e favorece sua retroalimentação às custas do que quer que seja. E é fundamental que os ouvintes se identifiquem, contra si mesmos, com aquilo que silencia os eventuais conflitos decorrentes desse processo de adaptação ao que destrói as possibilidades de vida. A indústria cultural aqui deve ser pensada em sua familiaridade com a lógica da publicidade<sup>2</sup>:

Não são raros os casos de publicidade e marketing do agronegócio nos quais o que está em jogo não é a promoção direta de uma

---

<sup>2</sup> Um exemplo muito evidente dessa relação pode ser visto no clipe da música “Os menino da pecuária”, de Léo e Raphael. No decorrer do clipe oficial, sobem quadros com informações sobre o faturamento do setor e estimativas de crescimento. Afinal, como diz a música, “não é à toa que o PIB começa com P de pecuária”.

marca ou produto, mas de um conceito ou imagem a ser lembrada e incorporada pelas pessoas da maneira mais “natural” possível, ou mesmo um *projeto de país* (CHÃ, 2018, p. 86, grifo meu).

Daí a relevância do estudo da estética e dos afetos em um contexto no qual o autoritarismo e o conservadorismo emergem como promessa de saída das crises e oferecem, para tanto, formas de monopolização de uma visão de mundo que mascara os problemas e as contradições do modo de vida neoliberal e anuncia uma adaptação a esse mundo às custas de mais exploração e, afinal, de intensificação dessa racionalidade. A indústria cultural é estratégica para esse processo. Nas palavras de Adorno e Horkheimer: “A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente” (1985, p. 122).

Nesse sentido, toda produção da indústria cultural pode ser analisada sob essa ótica. No entanto, se destaca aqui o papel da música sertaneja no Brasil como um elemento precípua na construção de sujeitos que se fazem cúmplices da própria aniquilação. Esse gênero, escolhido aqui como objeto da análise, certamente não figura isolado no cenário, que oferece mercadorias musicais palatáveis para os diferentes anseios e necessidades dos ouvintes. Inclusive é interessante notar que dentro de cada gênero musical é possível encontrar uma “solidariedade” entre esses diversos setores, pretensamente conciliando campo e cidade, por exemplo. Nas estantes da indústria cultural, afinal, é possível encontrar mercadorias para todos os públicos. Apesar disso, é notório como esse setor se instalou no *status quo*, desde propaganda em horário nobre na televisão, até patrocínios e financiamentos de setores da cultura e da educação (CHÃ, 2018). Que a indústria cultural seja defendida como lazer, entretenimento ou distração, é antes parte do problema do que atenuante, uma vez que aquilo que produz tal necessidade de distração é devido mais ao modo de produção e organização da vida do que a elementos como gosto ou preferência individual (ADORNO; SIMPSON, 1986).

Se a pseudo-individação é um correspondente subjetivo da standardização do material musical (ADORNO; SIMPSON, 1986), a captura da indústria cultural emerge como estratégica para o controle das sensibilidades. Não se falará em redução do trabalho ou no fim desse modo de produção, mas se defenderá o direito de as pessoas, cansadas, divertirem-se – o que não é de todo mentira, mas é também mentira, por apontar uma saída falsa a um problema concreto.

Daí a necessidade de desvendar de que modo se oferecem formas de identificação dos ouvintes com os *bits* e, ao mesmo tempo, de trabalhar pela ampliação de repertórios e de possibilidades musicais que ainda sejam capazes de fazer estremecer (ADORNO, 2011). Para os objetivos aqui propostos, retomemos as formas de identificação possíveis que, para Adorno e Simpson (1986), aparecem ao ouvinte como “um questionário de múltipla escolha” (p. 124) em que o ouvinte é levado a aceitar o inexorável.

Tal processo é promovido por elementos que fornecem identificação e autoridade para uma escuta conduzida mais pelo reconhecimento do que pela compreensão do sentido, pelo próprio modo de organização dos *bits* comerciais. Adorno e Simpson (1986, p. 132) indicam componentes que estariam envolvidos nesse processo, a saber, uma vaga recordação de já ter ouvido a música, o que é garantido pela vasta oferta de *bits* semelhantes; uma identificação efetiva, quando de fato o ouvinte subitamente reconhece a música como uma música já ouvida, que precisa ser diferente o suficiente para ser reconhecida como uma canção específica, distinta de outras, e similar o bastante para herdar o sucesso alcançado pela via da familiaridade; a subsunção por rotulação aprofunda esse reconhecimento e torna possível vincular ao súbito reconhecimento uma etiqueta como o nome comercial da canção ou trechos da letra, o que promove um aspecto coletivo e institucionalizado a essa experiência aparentemente individual: “O simples fato de um indivíduo ser capaz de identificar um objeto como sendo isto ou aquilo permite-lhe tomar vicariamente parte na instituição que tornou o evento aquilo que ele é, identificando a si mesmo com essa instituição mesma” (p. 133).

Ainda nos componentes indicados pelos autores no reconhecimento de uma música, tem-se a autorreflexão no ato de reconhecer, que é percebida como uma espécie de triunfo por identificar uma canção em meio a uma torrente de canções menos conhecidas. Nesse processo de identificar e subsumir, a peça se torna uma propriedade para o sujeito e a experiência transmuta-se em um objeto. E, por último, a transferência psicológica da autoridade de reconhecimento para o objeto, quando “Os ouvintes estão executando a ordem de transferir à própria música as suas congratulações quanto à sua posse” (ADORNO; SIMPSON, 1986, p. 134). Nesse percurso, o ouvinte identifica o *bit* como um objeto “gostado” e insere-se em um coletivo em que se identifica com os poderes instituídos, o que, nas palavras dos autores: “atinge um delírio de grandeza comparável ao devaneio de

uma criança quanto a possuir uma estrada de ferro” (p. 135). Os ecos da psicologia das massas freudiana aqui não são casuais (FREUD, 2011; ADORNO; 2015).

### Quem venceu? Uma proposta de escuta

A música escolhida para exemplificar a interpretação proposta é intitulada “A roça venceu”, de Antony e Gabriel, e gravada em 2021. A partir do título, já é possível ouvir ecos de “a favela venceu”, um *slogan* (se levarmos a sério a relação entre indústria cultural musical e publicidade) de MCs que remete aos funks cariocas, às músicas e festas urbanas, mas recaem em problemáticas semelhantes aquelas apresentadas aqui. A música objeto desta análise tem 2 minutos e 58 segundos de duração, adequada para obra comercial. Estandarizada, conforme a definição de Adorno e Simpson (1986), a estrutura da música inclui um verso introdutório que não será repetido; uma estrofe de desenvolvimento que será repetida após o refrão; um refrão que é repetido duas vezes antes da repetição da estrofe e mais três vezes após a repetição da estrofe. A repetição parece promover o *plugging* (ADORNO; SIMPSON, 1986) no interior da própria música, de modo que um ouvinte minimamente atento seja capaz de aprender a cantar o refrão ainda durante a execução da música; e uma conclusão. E se a estandarização é a característica fundamental da música popular, pensada aqui como música comercial, vale a pena desenvolver um pouco mais o conceito:

Muito conhecida é a regra de que o *chorus* [a parte temática] consiste em trinta e dois compassos e que a amplitude é limitada a uma oitava e uma nota. Os tipos gerais de *bits* são também estandarizados: não só os tipos de música para danças, cuja rígida padronização se compreende, mas também os tipos “característicos”, como as canções de ninar, canções familiares, lamentos por uma garota perdida. E, o mais importante, os pilares harmônicos, não importa o que tenha intervindo em termos de harmonia. [...] Esse inexorável procedimento garante que [...] o *bit* acabará conduzindo tudo de volta para a mesma experiência familiar, e que nada de fundamentalmente novo será introduzido (ADORNO; SIMPSON, 1986, pp. 116-117).

A amplitude limitada em uma altura média, permite, por exemplo, que seja possível ao público acompanhar a música cantando junto sem grandes dificuldades ou desafios. A duração do refrão também pode ser evidenciada na duração da música como um todo, que não chega a completar 3 minutos. Os

pilares harmônicos da canção tomada como exemplo – A#m / F# / C# / G# – também garantem um percurso circular e uma resolução sem que nada complique o trajeto e de modo que qualquer estrofe da música possa ocupar qualquer lugar ao longo da peça, sem que haja qualquer prejuízo do original. Nas palavras de Adorno e Simpson: “O sentido musical não seria afetado se qualquer detalhe fosse tirado do contexto; o ouvinte pode suprir automaticamente a ‘estrutura’, na medida em que ela é, por si mesma, um mero automatismo musical” (p. 118). É a melodia que garante um crescendo de expectativa, que também se resolve.

Talvez seja no ritmo que resida uma dimensão importante do *hit*: o aspecto de desforra que ganha voz através da música. O refrão tem uma marcação rítmica – uma batida – que vinga o que foi falado sobre o sujeito do campo e festeja a conquista da vitória. A passagem da batida mais *pop* para o chamado batidão sertanejo, com incremento de percussão, traz para a música uma aceleração que marca o clímax do refrão e que é acompanhada de coreografias tipicamente formatadas para serem “tiktokeáveis”. Para Adorno e Simpson a dimensão rítmica é fundamental para se pensar o aspecto da obediência do ouvinte. Nesse sentido, “ser musical significa ser capaz de acompanhar modelos rítmicos dados, sem ser perturbado por aberrações ‘individualizadoras’, inclusive ajustando as síncopes dentro das unidades de tempo” (1986, p. 139). Pode soar exagerado aproximar as coreografias “tiktokeáveis” das danças e marchas com ritmo marcado, que “sugere os batalhões bem ordenados de uma coletividade mecânica” (p.139), mas a lógica da reprodução e do ajustamento promovida pela indústria cultural sugere que talvez não seja tão exagerado assim.

O clipe oficial no Youtube exibia a marca de 58.234.318 visualizações em abril de 2023. E se o Youtube possibilita que as músicas sejam assistidas, ademais de ouvidas, vale pensar aqui também a dimensão visual deste exemplo. A introdução da música – A#m/ G#/ A#m – é acompanhada por três caminhonetes, que não escondem sua finalidade “ostentação”, e pelo anúncio “a roça venceu”. Aqui também é possível indicar consonâncias com outros gêneros musicais, mais urbanos, que enaltecem a vitória, a ostentação, o sucesso individual ajustado às leis do mercado e garantido pelo esforço e, eventualmente, também pela fé, como o funk e o *rap* ostentação. Na sequência, um membro da dupla aparece à frente de uma plantação que evidencia a monocultura e o maquinário de aplicação de agrotóxicos. Uma breve coreografia formatada para o Tik Tok é executada e a

letra da música – “Falaram que quem nasce peão” – se inicia na sequência, com a dupla inserida em um cenário emoldurado por tratores e caminhonetes. A letra segue – “Nunca vai botar o pé numa mansão” – e o clipe mostra a dupla saindo para a área da piscina de um casarão. “Falaram que quem veio da roça /Nunca vai levar uma vida luxuosa” é pareada no clipe com a dupla apontando e entrando nas caminhonetes FMaxx.

“Quem usa só chapéu e botina/ Nunca vai cair no gosto das menina” retoma o cenário com a caminhonete e os tratores, enquanto a dupla executa uma coreografia. O trecho “Quem anda de cavalo e charrete” é acompanhado por uma imagem aérea de uma máquina aplicadora de agrotóxico em um cenário de monocultura. Segue-se a isso, contrariando os que disseram que “Não vai dar cavalo de pau na caminhonete”, a cena de um cavalo de pau na caminhonete. “E olha quem tá estourado na internet” redime a dupla, via ajustamento ao mercado e ao sucesso financeiro, de ter sido associada ao velho caipira pré-industrial. Essa última frase harmoniza com a introdução – A#m/ G# /A#m – depois de os versos circularem seguidamente por A#m / F# /C# / G# e a melodia manter uma expectativa crescente, que se resolve.

A ponte para o refrão traz novamente a coreografia adaptada ao formato Tik Tok, que permanece durante o refrão intercalando a coreografia com o cenário da caminhonete e tratores e a coreografia frente ao maquinário de aplicação de agrotóxicos: “É nós tomando a pinga /Da cana que nós colheu /Pro azar do playboy /A roça venceu”. O merecimento em função do trabalho, por sua vez, tensiona com a imagem captada por drone de 19 tratores arando a terra em um cenário de terra arrasada que ocupa toda a tela. Retoma-se a coreografia nos mesmos cenários: frente às máquinas. Enquanto a letra segue com “É nós gastando a grana /Do gado que nós vendeu /Pro azar do playboy /A roça venceu”, é possível visualizar o gado correndo e a imagem de uma colheitadeira. Retoma-se a coreografia em cenário já conhecido. É nesse trecho que há um incremento percussivo e uma alteração rítmica para o batidão sertanejo.

“É nós tomando a pinga /Da cana que nós colheu /Pro azar do playboy /A roça venceu” ganha um novo cenário, com construções agrícolas ao fundo e as caminhonetes à frente. A coreografia é novamente executada. “É nós gastando a grana /Do gado que nós vendeu /Pro azar do playboy /A roça venceu”, por sua vez traz o cenário da terra pós-colheita, sendo novamente arada. Ao menos uma

dezena de caminhões, tratores e arados compõe o cenário que exhibe o latifúndio a perder de vista, ocupando, novamente, toda a tela sem que se vislumbre o fim. Colheitadeiras sincronizadas em filas paralelas, também em um cenário a perder de vista, acompanham a repetição do refrão. O maquinário em fila aparece em diferentes ângulos e exibindo suas diferentes funções: colheita, aragem, aplicação de agroquímicos intercalando com a coreografia da dupla em frente às caminhonetes. Antes da repetição da segunda estrofe, o chamado: “A roça venceu /Antony e Gabriel /Segue o agrolíder”.

A música, então, repete a segunda estrofe e retoma o refrão, repetindo-o. O cenário é o mesmo, com novas inserções de maquinário e construções para armazenagem de grãos. Novamente em um cenário de terra pós-colheita, duas colheitadeiras carregam um caminhão que, centralizado, exhibe o *slogan*: “Deus é fiel”. A conclusão vai trazendo as imagens sínteses, as coreografias e, por fim, a mensagem que incorpora ironicamente a denúncia contra o agronegócio: “O agro mata /Mata a fome do mundo /A roça venceu”. Não é sem esforço que esses dispositivos pretendem convencer as pessoas de que são eles que alimentam o mundo, em um contexto no qual ainda se passa fome. O modo através do qual se busca, com considerável sucesso, convencer as pessoas disso, merece atenção. Afinal, o agro pretende, sem disfarces, ser tudo.

Os comentários publicados na página do clipe oficial também permitem ter uma ideia do impacto da música no sentido de oferecer ânimo e identificação àqueles que de algum modo se relacionam com atividades agrícolas. O interessante a notar aqui é que não se trata da identificação com o “caipira”, o pequeno produtor. As imagens do clipe deixam claro que se trata do latifundiário, proprietário de lotes de terra arada que trazem a monocultura a “perder de vista”. Isso parece evidenciar a conciliação já anunciada por Oliveira (2013): a roça que é defendida aqui é uma roça industrializada, com maquinário pesado e colheita automatizada. É o campo que se encontrou, finalmente, com o progresso antes identificado apenas à cidade e seus critérios de pertencimento – e que trouxe consigo as vítimas como preço necessário (ZAMORA; MATE; MAISO, 2016).

Isso sem dizer das sementes padronizadas e outras tecnologias que invadem o campo e transformam radicalmente a comida em mercadoria impedindo qualquer reprodução da vida que não aquela mediada por uma certa forma de consumo. O maquinário também é defendido na exibição ostensiva de picapes de 6 portas. A

riqueza defendida é aquela da mansão, do carro, da bebida. É esse o cenário de uma vertente da economia que quer fazer crer que se trata de eliminar a fome. Ainda que haja particularidades do estilo e do gênero, vale problematizar que essas promessas de sucesso, progresso e empreendimento de si aparecem em uma ampla variedade de exemplares da indústria cultural. Nos elementos rítmicos e musicais também é possível encontrar esses diálogos entre o particular da música sertaneja e uma dimensão mais universal da indústria cultural, indicando como essas tensões e conciliações são incorporadas na estrutura musical. É possível encontrar, por exemplo, o berrante compondo com remix e batidas eletrônicas, parcerias entre ícones da música sertaneja e MCs, o que indica que tanto o público que se identifica com o campo, como o que se identifica com a cidade têm seu lugar garantido como alvo da indústria cultural musical.

Da letra, da estrutura musical e das imagens do clipe oficial do exemplo objeto deste recorte, é possível depreender algumas ideias que possibilitam que escutemos o nosso tempo. Que essas ideias sejam depreendidas da canção em análise aqui não decorre que apenas esse gênero musical ou esse exemplo musical recorram a esses elementos para validarem-se e para forjarem subjetividades na sociedade contemporânea. Ao contrário, se essa análise de fato for representativa do nosso tempo, pode-se afirmar que esses elementos aparecerão em outros gêneros e exemplares, pois se trata de mecanismos da indústria cultural. Vamos a essas ideias e categorias:

### **A identificação com a máquina e a oposição sujeito-natureza:**

Essa categoria pode ser pensada inicialmente a partir da Dialética do Esclarecimento, mais especificamente “O conceito de esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer (1985). Ali se explicam os processos de racionalização instrumental e de matematização das formas de pensar e de expressar. A técnica aparece assim como esse elemento central que cria uma oposição entre o sujeito – que é também natureza – e a natureza. A técnica, afinal, desde os primórdios da ciência moderna, foi desenvolvida como resultado de um saber prático, vinculado ao poder e à dominação. Escrevem os autores:

O saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia

burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho dos outros, o capital (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18).

No clipe, a máquina expressa a vitória da roça, o avanço em oposição ao estereótipo do caipira, a vitória inclusive sobre a cidade, sobre o “playboy”. A indústria cultural e a cultura digital aparecem aqui legitimando a vitória de um estrato populacional de latifundiários que exalta a vida no campo ao mesmo tempo em que exhibe um modo de vida diretamente envolvido com o êxodo rural. O playboy aparece aqui como o sujeito da cidade, mas pode remeter também ao sujeito que se afastou da vida no campo, que “fez a vida” pelo trabalho não braçal. No cerne da problemática está a divisão social do trabalho, a separação entre mente e corpo, mas essas oposições aparecem sintetizadas equivocadamente, mas de modo eficaz para os fins a que se propõe, no playboy. Novamente, se essa dinâmica é encontrada especificamente nessa música, ela também parece refletir uma tendência mais ampla da organização social e dos processos de subjetivação que remetem às estratégias mais amplas da indústria cultural musical.

#### **A valorização de formas de dominação e do empreendimento de si:**

Em concordância com o item anterior, as formas de dominação que aparecem na música desde o título, são várias: há dominação sobre a terra, sobre as plantas, sobre a comida, sobre os animais, sobre o outro, especialmente o sujeito representante da cidade, o playboy. Venceu porque explorou e dominou. Nas palavras de Adorno e Horkheimer: “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa” (1985, p. 18). Essa é a lógica que traz a noção do mérito. E em um contexto neoliberal em que de fato é possível lamentar-se de não colher os frutos do próprio trabalho, a letra da música associa diretamente o trabalho no campo com o enriquecimento. A lógica da exploração, no entanto, é a mesma, e o orgulho do sujeito parece mais vinculado ao lado que ele ocupa nessa opressão.

A vitória aqui é a vitória nos critérios do mercado, do capital, da acumulação. “Na verdade”, escrevem Adorno e Horkheimer, “faz parte do planejamento irracional dessa sociedade reproduzir sofrivelmente tão somente as

vidas de seus fiéis” (1985, p. 124). E nos critérios de mercado, de fato, esse estrato associado a uma certa visão da roça, vem vencendo. E vem convencendo as pessoas de que mais gente vem vencendo com eles, quando não é disso que se trata. Algo parecido pode ser pensado a partir da ideia de “a favela venceu”, parafraseada na canção destacada aqui: de que vitória se trata, afinal? De todo modo, a dominação sobre a natureza e o enriquecimento parecem vingar o sujeito associado ao campo – ou à pobreza, ao morro –, que anuncia ter conseguido ocupar esse lugar de vitória sem precisar se submeter ao que o sujeito da cidade, aparentemente, precisou sujeitar-se.

### A moralização a partir do viés cristão neopentecostal:

Há um pilar de sustentação dessas ideias que aparece mais implicitamente: “Deus é fiel”, praticamente um *slogan* neopentecostal, figura escrito no caminhão. Sustentáculo moral dos fascismos, a referência religiosa aparece atrelada à máquina, legitimando a vitória e as relações de dominação. A favela que “venceu” também divide com deus os méritos pela vitória, articulando um deus universal e todo poderoso que escolhe patrocinar o sucesso individual de alguns de seus fiéis. Em um contexto no qual as relações humanas parecem esfacelar-se, restringindo-se cada vez mais a relações de competição e assujeitamento, deus, afinal, permanece fiel.

Mais que isso, ele parece fornecer uma força que permite a persistência do sujeito em situações nas quais as condições concretas de vida o derrubariam – ou o levariam a imaginar e construir alternativas, também pode-se argumentar. Se falamos da aniquilação do indivíduo, faz sentido que emergjam forças a partir dessa relação divina que promete um plano especial para cada sujeito comum que crê. O problema é a dimensão moral e conservadora dessa relação que conforma e, novamente, oculta as estruturas causais do problema vivenciado, porque se afinal a religiosidade não precisa vincular-se necessariamente ao conservadorismo, ela o fará sempre que constituir-se como mercado e este for um caminho necessário<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para um aprofundamento acerca da indústria cultural da música religiosa que certamente se relaciona com o que é discutido aqui, mas foge dos objetivos deste trabalho, ver, por exemplo: MENDONÇA, Joêzer. Música e religião na era do pop. Curitiba: Appris, 2014.

### A subjetivação sem sujeito:

Ainda no texto sobre a indústria cultural, Adorno e Horkheimer escrevem que “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante” (1985, p. 123). E, afinal, nisso tudo, onde aparece o indivíduo? Quem vence é a roça. Aquele que nasceu peão, confronta os estereótipos que marcam as populações rurais, também em uma dicotomia do “atrasado” e do “avançado” (que a roça resolve com a conciliação do extrativismo, da agropecuária com o maquinário, o agroquímico e a caminhonete) e busca se ajustar a um ideal de eu: o da máquina, da mansão, da caminhonete, o que, afinal, pretensamente agrada as meninas<sup>4</sup>. Se desde a modernidade o conceito de indivíduo está relacionado a capacidade de autoconsciência, de autodeterminação e de autoexpressão dos seres humanos enquanto membros de uma coletividade que deve organizar a vida em sociedade, é muito mais o estereótipo, a padronização e a captura pelas necessidades das mercadorias que aparece na música. Restrito à liberdade de vender e comprar, o sujeito da canção coloca-se como aquele que se vangloria de ajustar-se, com sucesso, ao capital.

Não é fortuito que esses elementos e esse estado de coisas componham o cenário de sociedades fascistas. A máquina e a pobreza de experiência (BENJAMIN, 1994), articuladas por uma indústria cultural mantida e fomentada pelos poderes econômicos, nos aproximam da disposição para a guerra, para o autossacrifício como se não houvesse alternativa. Basta que emerja um inimigo para que algo dessa ordem tenha o gatilho para se manifestar. Além disso, na lógica da música estandardizada, o que se pretende e o que se produz é uma correspondência subjetiva que prescinde da individuação:

O correspondente necessário da estandardização musical é a *pseudo-individuação*. Por pseudo-individuação entendemos o envolvimento da produção cultural de massa com a auréola da livre-escolha ou do mercado aberto, na base da própria estandardização. A estandardização de *bits* musicais mantém os usuários enquadrados, por assim dizer escutando por eles. A pseudo-individuação, por sua vez, os mantém enquadrados fazendo-os esquecer que o que eles

---

<sup>4</sup> Certamente o patriarcado e as relações de gênero são temáticas que perpassam o que é apresentado aqui e valeriam ser melhor exploradas em próximos trabalhos, porque se por um lado há uma manutenção das relações hierárquicas de gênero, por outro, na constelação do sertanejo universitário, a exemplo do feminejo, não é raro encontrar discursos de “empoderamento” feminino que merecem discussões mais minuciosas.

escutam já é sempre escutado por eles, “pré-digerido” (ADORNO; SIMPSON, 1986, p. 123, grifo no original).

A dimensão da psicologia do ouvinte evidencia que pensar a partir de exemplares da indústria cultural não é inócuo ou irrelevante, já que há implicações políticas e formativas significativas no modo como nos relacionamos com as produções culturais. Afinal, “concentração e controle, em nossa cultura, escondem-se em sua própria manifestação” (ADORNO; SIMPSON, 1986, p. 123). A aparência do sucesso individual e da livre escolha no mercado, bem como do gosto musical, busca camuflar a estandardização e a publicidade inerentes à canção, permanecendo como resíduos da individualidade agora tornados categorias ideológicas (ADORNO; SIMPSON, 1986).

O sujeito que aparece na música em questão, é o sujeito do *glamour* (ADORNO; SIMPSON, 1986), aquele que triunfou sobre a terra e o playboy e que busca agora convencer as pessoas de que esse modo de produzir (e destruir) é, afinal, o nosso destino, que merece respeito por garantir a adequação de alguns às exigências do capital: “A mentalidade do *glamour* pode ser encarada otimisticamente como uma construção mental da história do sucesso, em que o esforço pioneiro americano triunfa sobre a natureza impassível, que no fim é forçada a render suas riquezas” (ADORNO; SIMPSON, 1986, p. 127).

No fim das contas, quem venceu foi o capital – e isso remete a crítica para a indústria cultural, independente de seus recortes. Mas não deixa de ser curioso que o alarde sobre “a roça venceu” – capturando aspectos de protesto de “a favela venceu”, “a quebrada venceu” – parta, afinal, de quem vem vencendo há cinco séculos e não tem cessado de vencer. De fato, o sujeito da roça não pode ser confundido com os donos do poder no Brasil. No entanto, identificado aos poderes de matriz colonial – expulsão das terras e latifúndio, controle da água e da comida, extrativismo, monocultura e monopólio –, o sujeito parece se redimir da pecha de caipira que a urbanização lhe legou, identificando-se ao capital e podendo, enfim, perceber-se vencedor. A vitória, no entanto, segue sendo do capital: “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos do que estão prostrados no chão” (BENJAMIN, 1994, p. 225). O pequeno produtor se identifica aos donos do poder contra si mesmo, agarrando-se à promessa de sucesso da qual ele só lê o cardápio.

## Conclusões

Nesse texto procurou-se defender que a indústria cultural musical é um elemento fundamental para se pensar a gestão dos afetos que emergem dos sacrifícios a que os sujeitos são levados e que são direcionados para alvos inventados que distraem dos reais problemas do mundo e reforçam os determinantes que são causadores dos sofrimentos dos quais se pretendia fugir. Aqui, procurou-se realizar uma crítica da indústria cultural musical contemporânea a partir de um exemplo de canção de um certo gênero musical. A ideia é que a análise desse exemplar possa lançar luz para uma leitura mais acurada do contemporâneo e dos mecanismos, valores e ideias a que recorre a indústria cultural musical para fabricar seu sucesso. Parte do sucesso da indústria cultural certamente se deve ao fato de que ela não é apenas mentira.

É verdade que no considerado processo de modernização brasileira o sujeito do campo foi desprezado como representante do atraso. É verdade que, nos critérios do capital, ajustar-se aos parâmetros de enriquecimento e consumo redime desse desprezo. Mas não é verdade que isso resolve a questão, pois o problema é justamente a lógica que guia o que vem sendo chamado de modernização e progresso e que pode, por sua vez, ser encontrada tendencialmente em outros *bits* da indústria cultural. Tampouco é verdade que aos ouvintes é dado ter o mesmo estilo de vida aludido. Aos que se identificam, contra si mesmos, com a promessa da indústria cultural vale o alerta de que a mentira é manifesta.

O problema é mantermos dicotomias forjadas a partir da divisão social do trabalho que culmina na valorização ou não dos sujeitos. É verdade que os sujeitos se sentem preteridos e impotentes postos em relações de competição, inimizade e descarte. E também é verdade que a mansão e a caminhonete podem minimizar esse sofrimento. Mas é mentira que os ouvintes a acessarão, como não acessarão as promessas dos *bits* de ostentação. Enquanto sistema, a indústria cultural oferecerá diferentes produtos, de diferentes categorias, forjando uma identificação que não se realiza. Ao mesmo tempo, indicará os excluídos, os não pertencentes, a quem poderá ser dirigido o ódio, a culpa pelo insucesso e o mal-estar. Mesmo nas exceções em que se alcança o prometido, a questão não é resolvida, pois, nesses termos, as ditas conquistas conformam aos mesmos poderes causadores de sofrimento cobrando como preço aquilo que poderia nos levar por um caminho mais humano

em que fosse factível a eliminação de mazelas, a superação da exploração e que, afinal, fosse possível ser diferente e ser feliz sem ter medo.

A indústria cultural, que gerencia sofrimentos e demandas dos sujeitos, distraíndo e entretendo, é financiada por setores econômicos que tendem a aparecer como promessa e aposta de saída das crises nesse momento do neoliberalismo e fomentam a visão de mundo que lhes favorece – ainda que essa visão de mundo seja hostil à vida em sua diversidade. Essa articulação faz lembrar que a análise sobre a cultura, sobre a (de)formação humana, sobre a educação dos sentidos, sobre a construção de pessoas, afinal, requer necessariamente a análise sobre a base econômica e material da sociedade. A visão de mundo promulgada se coaduna com formas de atribuição da culpa e de construção de inimigos que se afina com o autoritarismo, com a projeção e aponta como saída mentirosa de problemas reais, sentidos efetivamente pelos sujeitos, justamente a intensificação das problemáticas que nos acompanharam até aqui. O ponto que merece aposta é que outras saídas poderiam ser apontadas e construídas para esses problemas sentidos. Tais saídas não são necessariamente mais difíceis ou mais custosas, visto que as saídas alardeadas, além de todo rastro de destruição, ainda cobram o preço do Eu, mas certamente estamos atrasados na construção delas.

## Referências

ATTALI, Jacques. *Bruits: essai sur l'économie politique de la musique*. França: Press Universitaires de France, 1977.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Sociedad*. In. \_\_\_\_\_. *Escritos sociológicos I. Obras completas, vol.8*. Trad. Agustín González Ruiz. pp. 9-18, Madrid, España: Ediciones Akal, 2004.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; SIMPSON, George. *Sobre música popular*. In. COHN, Gabriel (org). *Theodor Adorno – Sociologia*. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Ática, pp. 115-146, 1986.

ALONSO, Gustavo. *Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CHÃ, Ana Manoela. Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In. \_\_\_\_\_. Obras Completas volume 18 [1930-1936]. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13- 122, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In. \_\_\_\_\_. Obras Completas volume 15 [1920-1923]. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13-113, 2011.

MENDONÇA, Joêzer. Música e religião na era do pop. Curitiba: Appris, 2014.

OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à razão dualista: o ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2013.

POMPEIA, Caio. Formação política do Agronegócio. São Paulo: Elefante, 2021.

ZAMORA, Jose Antonio; MATE, Reyes; MAISO, Jordi. Las víctimas como precio necesario. Madri, Espanha: Editorial Trotta, 2016.

[www.pucsp.br/revistaurora](http://www.pucsp.br/revistaurora)

ISSN 1982-6672